

REVISTA ENTRERIOS

Revista do Programa de
Pós-Graduação em Antropologia da
Universidade Federal do Piauí

Práticas esportivas e de lazer no contexto pandêmico



Mariane da Silva Pisani
Mônica da Silva Araujo
(Orgs.)

Mariane da Silva Pisani
Mônica da Silva Araujo
(Orgs)

REVISTA
ENTRERIOS

Programa de Pós-Graduação em
Antropologia da Universidade
Federal do Piauí

EntreRios – Revista do PPGANT – UFPI

Vol. 5, n. 2

ISSN: 2595-3753
Teresina, 2023



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – DCIES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA –
PPGANT

Campos Universitário Ministro Petrônio Portela,
Bairro Ininga, Teresina, Piauí.
CEP 64049-550 – Tel.: (86) 3237-2152



Reitor

Prof. Dr. Gildásio Guedes Fernandes

Vice-Reitor

Prof. Dr. Viriato Campelo

Comissão Editorial (PPGANT – UFPI)

Alejandro Raul González Labale

Carlos Roberto Filadelfo de Aquino

Carmen Lúcia Silva Lima

Celso de Brito

Márcia Leila de Castro Pereira

Mariane da Silva Pisani

Mônica da Silva Araujo

Raimundo Nonato Ferreira do Nascimento

Raoni Borges Barbosa

Bruno Ferraz Bartel

Conselho Editorial

Andréa Luisa Zhouri Laschefski – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Alejandro Frigerio – Universidad Católica Argentina / CONICET

Christen Anne Smith – University of Texas at Austin (UT Austin)

Daniel Granada – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Gabriel Maria Sala – Università Degli Studi di Verona

Joana Bahia – Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UFRJ)

Laura Selene Mateos Cortez – Universidad Veracruzana – Xalapa – México (UV)

Leila Sollberger Jeolás – Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Lorenzo Macagno – Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Luis Roberto Cardoso de Oliveira – Universidade de Brasília (UNB)

Rosa Elisabeth Acevedo Marin – Universidade Federal do Pará (UFPA)

Editores Chefes

Celso de Brito

Raimundo Nonato Ferreira do Nascimento

Revisão

Os autores

Capa

Natanael Oliveira

Diagramação

Celso de Brito

Raimundo Nonato Ferreira do Nascimento

EntreRios – Revista do PPGANT – UFPI

Vol. 5, n. 2

ISSN: 2595-3753

Teresina, 2023

SUMÁRIO

Apresentação:

Mariane da Silva Pisani | Mônica da Silva Araujo 4

ARTIGOS

“Resistir para existir”: Meninos Bons de Bola e uma etnografia possível sobre o se fazer time de futebol.

“Resist to exist”: meninos bons de bola and a possible ethnography on becoming a football team
Mauricio Rodrigues Pinto & Heloisa Buarque de Almeida 7

Práticas corporais e pandemia no cotidiano das orlas de Petrolina-PE e Juazeiro-BA

Body practices and daily life during the pandemic on Petrolina-PE and Juazeiro-BA

Bartolomeu Lins de Barros Junior & Edson Marcelo Hungaro 36

A modernização da tradição da cultura: um relato de experiência do projeto “Capoeira no Corpo e no Livro”

The modernization of cultural tradition: an experience report about the project “Capoeira no Corpo e no Livro”

Camila Souza de Jesus; Deivison dos Santos Braga; Paulo Cesar da Silva Gonçalves; Bruno Otávio de Lacerda Abrahão 64

“Me vejo menos travada e com menos receio de me expressar, de me expor”: algumas notas antropológicas sobre o Teatro como lazer.

“I feel less stuck and less afraid of expressing myself, exposing myself”: some anthropological notes on Theater as Leisure

João Pedro de Oliveira Medeiros & Luiz Fernando Rojo 83

ENTREVISTA

Interlocuções esportivas: uma dobradinha entre Brasil e Argentina

Mariane da Silva Pisani | Mônica da Silva Araujo 98

Apresentação

Mariane da Silva Pisani

Doutora em Antropologia - Universidade Federal do Piauí.

Monica da Silva Araujo

Doutora em Antropologia - Universidade Federal do Piauí.

É com grande satisfação que apresentamos o dossiê “Práticas esportivas e de lazer no contexto pandêmico”, que teve como objetivo principal acolher artigos acadêmicos que trouxessem abordagens teórico-metodológicas dedicadas a compreender práticas esportivas e as práticas de lazer no contexto da Pandemia COVID-19, período este vivenciado entre os anos de 2020 e 2022. A partir dos textos publicados é possível analisar e compreender como as restrições e medidas adotadas durante a pandemia afetaram as práticas esportivas e de lazer, além de explorar as adaptações e inovações que surgiram nesse contexto. Da mesma forma, o material reunido neste dossiê nos ajuda a aprofundar e refinar os debates relativos aos esportes e práticas de lazeres em conjunção a temas como os das identidades raciais e étnicas, preconceitos sociais, sociabilidades, corporeidades, os estudos de gênero, sexualidade e erotismo, as estruturas de poder, as mídias tradicionais e as novas mídias, a ocupação de espaços urbanos e rurais, as lógicas das territorialidades e seus conflitos.

Este dossiê é composto, portanto, por quatro artigos e uma entrevista. O texto que abre esse dossiê está intitulado “‘Resistir para existir’: Meninos Bons de Bola e uma etnografia possível sobre o se fazer time de futebol”, e é escrito em parceria por Maurício Rodrigues Pinto, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo e sua orientadora, Heloisa Buarque de Almeida.

A partir de relatos e dados etnográficos, os(as) pesquisadores(as) analisam como a equipe de futsal amadora da cidade de São Paulo, Meninos Bons de Bola (MBB), formada por homens transgêneros e pessoas transmasculinas, resistiu e continuou existindo durante a Pandemia de Covid-19. Da mesma forma, os(as) pesquisadores(as) discorrem sobre como os eventos vivenciados pelos atletas, durante a pandemia e entre os anos de 2020 e 2021, foram catalisadores para ensejar novas formas para a prática futebolística. Além disso, o artigo oferece um interessante debate acerca das estratégias de pesquisa utilizadas na construção de um certo tipo uma aproximação com os interlocutores num contexto de distanciamento pandêmico.

O segundo texto, “Práticas corporais e pandemia no cotidiano das orlas de Petrolina-PE e Juazeiro-BA”, escrito em parceria por Bartolomeu Lins de Barros Júnior Doutorando da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília e seu orientador, Edson Marcelo Hungaro, apresenta uma discussão sobre as diferentes práticas corporais no cotidiano das orlas de Petrolina e Juazeiro. Assim, os autores trabalham com as noções de corporalidade e cotidiano a partir de George Lukács Agnes Heller, e evidenciam através dos usos de fotografias diferentes expressões e novas formas corporais que emergiram durante a Pandemia de Covid-19. Ao tratarem dos chamados “conteúdos da cultura corporal” no contexto da crise sanitária global, os autores também se preocupam em destacar as contradições e desigualdades da sociedade de classes no capitalismo.

O terceiro texto é escrito a várias mãos. Dessa forma, Camila Souza de Jesus, Deivison dos Santos Braga, Paulo Cesar da Silva Gonçalves e Bruno Otávio de Lacerda Abrahão. Juntos os(as) autores(as) discorrem sobre “A modernização da tradição da cultura: um relato de experiência do projeto ‘Capoeira no Corpo e no Livro’”. A partir do material apresentado os(as) autores(as) discorrem sobre as experiências vividas no projeto supracitado, que tinha como objetivo promover o ensino da cultura popular em escolas do município de Salvador, Bahia. Com a Pandemia de Covid-19, e as medidas de distanciamento e isolamento social, as atividades do projeto precisaram passar por significativas transformações, como por exemplo, aulas remotas e on-line.

O quarto texto “Me vejo menos travada e com menos receio de me expressar, de me expor: algumas notas antropológicas sobre o Teatro como Lazer”, é escrito por João Pedro de Oliveira Medeiros e seu orientador Luiz Fernando Rojo. A partir de um trabalho etnográfico, os autores discorrem sobre as noções e as categorias de lazer, expressões e emoções a partir das experiências e corporalidades dos(as) frequentadores(as) e alunos(as) da Escola de Teatro Niterói. Ao longo do artigo, os autores lançam luz para as diferentes concepções e sentidos do “fazer teatro”, com foco numa discussão teórica e empírica sobre o que é o lazer.

Com a intenção de complementar as discussões ensejadas pelos artigos que compõem esse dossiê, as organizadoras realizaram uma entrevista com dois pesquisadores da área da Antropologia e Sociologia dos Esportes e do Lazer: Maria Verônica Elizabeth Moreira, professora e socióloga na Universidade de Buenos Aires; e Luiz Fernando Rojo, professor e antropólogo na Universidade Federal Fluminense. Assim, no dia 27 de Agosto de 2022, os convidados participaram de uma entrevista que logo se transformou em uma conversa animada. Essa dobradinha, Brasil e Argentina, nos permitiu desvelar alguns processos importantes para a construção e

consolidação de um campo teórico e metodológico das pesquisas que envolvem práticas esportivas e de lazer nas Ciências Sociais, e de maneira mais específica na Antropologia e na Sociologia. Verônica Moreira é falante da língua espanhol, mas para este dossiê optamos por traduzir suas considerações para aumentar o alcance entre nossos(as) leitores(as).

A partir do material aqui reunido, é possível afirmar que este dossiê fornece uma visão abrangente e ampliada sobre as práticas esportivas e de lazer no contexto pandêmico, compreendendo as restrições, adaptações e inovações que ocorreram, além propiciar análises sobre os impactos e as estratégias adotadas para lidar com essa situação desafiadora. Da mesma forma, os textos e a entrevista apresentados neste dossiê nos ajudam a compreender algumas das alternativas encontradas pelas pessoas para continuar praticando esportes e se envolvendo em atividades de lazer durante a pandemia. Essas alternativas envolveram a adoção de práticas esportivas individuais, a utilização de plataformas on-line para aulas e treinamentos, a exploração de espaços abertos e a valorização de atividades físicas realizadas em casa.

Agradecemos a todos(as) autores e autoras, bem como os(as) entrevistados(as) que tão generosamente contribuíram para este dossiê, compartilhando parte das suas pesquisas e inquietações acadêmica-intelectuais. Aos leitores(as), desejamos uma experiência enriquecedora e esperamos que os materiais aqui reunidos constituam-se em leitura proveitosa!

“Resistir para existir”: Meninos Bons de Bola e uma etnografia possível sobre o se fazer time de futebol

"Resist to exist": meninos bons de bola and a possible ethnography on becoming a football team

Maurício Rodrigues Pinto

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP (PPGAS/USP)

Heloisa Buarque de Almeida

Professora do Departamento de Antropologia da USP

Resumo

Neste ensaio, apresentamos relatos e considerações etnográficas sobre o Meninos Bons de Bola (MBB), equipe de futsal amadora da cidade de São Paulo, formada por homens trans e pessoas transmasculinas. A partir de diálogos e trocas com jogadores da equipe, revemos alguns eventos vivenciados em 2020 e 2021 na rearticulação do time diante da pandemia, sem poder realizar os encontros presenciais que davam sentido à sua existência. Refletimos nesse processo sobre os desafios e rearranjos na pesquisa etnográfica impostos pela pandemia de Covid-19. Por meio de narrativas biográficas, construídas em colaboração com jogadores do time, mostramos como os integrantes do MBB pensam suas relações com o futebol, os impactos da pandemia em suas rotinas, além dos significados de fazer parte de um coletivo acolhedor, que os possibilita jogar bola entre os seus. O artigo abarca também a retomada dos encontros presenciais do MBB, a partir do segundo semestre de 2021, momento em que sujeitos lidos como dissonantes dos padrões estabelecidos pela cisgeneridade, por meio da prática do futebol e da exposição dos seus corpos, reivindicam coletivamente o direito de aparição das suas existências em espaços públicos.

Palavras-chave: Futebol; Gênero; Transmasculinidades; Etnografia em contexto pandêmico.

Abstract

In this essay, we present accounts and ethnographic considerations about Meninos Bons de Bola (MBB), an amateur futsal team in the city of São Paulo formed by transmen and transmasculine people. From dialogues and exchanges with players, we reviewed some events experienced in 2020 and 2021, as the team rearticulated itself in the wake of the pandemic, without being able to hold face-to-face meetings that gave meaning to its existence. In this process, we reflect on the challenges and rearrangements in ethnographic research imposed by the Covid-19 pandemic. Through biographical narratives, constructed in collaboration with team members, we show how MBB players think about their relationship with soccer, the impacts of the pandemic on their routines, and the meanings of being part of a welcoming collective, which allows them to play soccer among their own. The article also covers the resumption of face-to-face MBB meetings in the second half of 2021, a moment in which subjects read as dissonant from the standards established by cisgenderism collectively claim the right of their existences to appear in public spaces through the practice of football and the exposure of their bodies.

Keywords: Football; Gender; Transmasculinities; Ethnography in a pandemic context.

Introdução: Uma cena antes da ruptura

Em 15 de março de 2020, domingo à tarde, saí de minha casa rumo ao centro da cidade de São Paulo. Um ano antes, havia ingressado no doutorado em Antropologia Social e, dentre os planos feitos para 2020, vislumbrava a realização de um extenso trabalho de campo junto a equipes de futebol ou futsal amadoras formadas por pessoas trans e pessoas transmasculinas. A partir de uma pesquisa de pré-campo, tinha como questão analisar os sentidos da apropriação do jogo por estes sujeitos, e em que medida o faziam por meio da constituição de coletivos que os permitissem praticar o esporte em segurança. Por essa razão, fui assistir a um treino do Meninos Bons de Bola (MBB), considerado o primeiro time de futebol do país – amador ou profissional – formado exclusivamente por homens trans e pessoas transmasculinas.

Naquele março de 2020, o treino deveria começar às 13h, em uma quadra de futsal alugada no bairro da Luz, na região central de São Paulo, mas eu desembarcava do ônibus quase trinta minutos atrasado. O fluxo de pessoas num domingo próximo ao horário de almoço era pequeno, com poucos estabelecimentos comerciais abertos, paisagem que contrasta com o

grande movimento de pessoas e de comércios que se vê durante a semana, em especial no chamado horário comercial. Aquele era um dos primeiros encontros que o MBB realizou em 2020. Naquele momento, o time passava por uma grande reformulação do seu elenco, com a saída de jogadores mais antigos, incluindo veteranos que participavam desde os primeiros encontros. Havia também novos jogadores que treinavam com o MBB pela primeira vez, alguns provenientes de outras equipes transmasculinas amadoras, que se formaram em 2019, como T Mosqueteiros e Transversão¹.

Ainda que eu tenha chegado atrasado, Raphael, idealizador e fundador do MBB, e outros integrantes me convidaram para participar do treino e ajudar a completar o grupo necessário para a montagem de dois times, o que permitiria a realização de um coletivo, que consiste em uma simulação de um jogo em que as equipes podem ir se modificando ou se mesclando durante a sua prática.

Importante dizer que a minha presença junto ao grupo não era uma novidade. Desde 2017, tenho assistido treinos, jogos e presenciado eventos com a participação de integrantes do MBB. Como um homem cisgênero² e na posição de pesquisador que realizava um trabalho sobre relações entre futebol e gênero, optei, na maior parte das vezes, em me manter fora de quadra, vendo as atividades do grupo. Aos poucos, fui negociando com jogadores a autorização para fazer registros fotográficos das práticas e, assim, ganhando mais acesso e até intimidade com algumas pessoas do time. Ao final, cheguei a brincar e bater bola com alguns jogadores, em especial em peladas mais descontraídas que costumam acontecer após os treinos e jogos.

¹ T Mosqueteiros e Transversão são outros dois times de futsal formados por homens trans e transmasculines da cidade de São Paulo. Ambos foram criados em 2018 e inicialmente utilizavam a quadra de futsal da Casa Florescer – centro de acolhida para mulheres trans e travestis situado no bairro do Bom Retiro, região central de São Paulo – para realizar os treinos conjuntamente. Em 2021, o T Mosqueteiros se rearticulou e com a entrada de ex-jogadores do MBB, passou a organizar os seus treinos na mesma quadra particular, no bairro da Luz. Quanto ao Transversão, não tive notícias de que o grupo tenha se reorganizado ou retomado treinos e encontros presenciais.

² O termo cisgênero aparece na bibliografia sobre gênero como um modo de marcar o que parece neutro e dado, diante da categoria trans. Utilizamos como referência para o termo cisgênero a definição presente em edição da revista *Transgender Studies Quarterly* (TSQ): “O termo cisgênero (do latim cis-, que significa “do mesmo lado que”) pode ser usado para descrever indivíduos que possuem, desde o nascimento até à idade adulta, os órgãos reprodutores masculinos ou femininos (sexo) típicos da categoria social de homem ou mulher (gênero) a que esse indivíduo foi atribuído ao nascimento.” (AULTMAN, 2014, p. 61-62 – tradução nossa).

Aquele treino foi a primeira vez que efetivamente compartilhei a quadra e participei de uma prática junto aos integrantes da equipe. Fora do melhor condicionamento físico, me ofereci para jogar como goleiro – posição que habitualmente costuma ser menos prestigiada e que tem menor concorrência, em comparação às demais posições de linha, mas na qual sempre me senti mais à vontade para jogar. Após quase uma hora e meia de coletivo, que ao fim virou mais uma pelada descontraída, fui também convidado para fazer parte da roda de conversa de integrantes do MBB, realizada costumeiramente dentro da quadra de jogo, ao final dos treinos. Naquela roda, Raphael, na condição de principal porta-voz do time, fez falas de acolhimento aos novos integrantes e chamadas que reforçavam a importância do compromisso de todos, em especial no cumprimento dos horários marcados e da dedicação durante treinos e jogos. Empolgado, contava dos muitos planos que o MBB tinha para o restante daquele ano. O time almejava participar de eventos e campeonatos, jogar contra outros times de fora do circuito LGBTI+. Vislumbrava-se também a articulação de parcerias que viessem a ajudar os jogadores em sua preparação física e, para além do futebol, a terem acesso a serviços e orientações de saúde e psicológicas especializadas em demandas, questões de homens trans/pessoas transmasculinas.

Ao final, todos pareciam animados com as perspectivas para 2020. Eu também me animava com a possibilidade de acompanhar mais de perto a rotina do grupo. Tinha como inspirações etnografias de práticas esportivas a partir do próprio corpo, como as realizadas por Loic Wacquant (2002), Wagner X. Camargo (2012) e Mariane Pisani (2018). Entendia que fazer parte dos treinos do MBB me permitiria também ter uma visão “mais de dentro” sobre os sentidos do jogo de futebol e de ser parte de um time, experimentando também no meu corpo as tensões, prazeres e relações que são construídas nas dinâmicas futebolísticas.

Jogar/treinar junto delas, logo correr, gritar, suar e tentar jogar bola, faz parte da proposta metodológica de Wacquant: realizar uma pesquisa *from the body*, no qual o nosso corpo – o corpo da pesquisadora – torna-se um instrumento que auxilia a investigação e o conhecimento. Essa postura metodológica auxilia a investigação porque aproxima, quebra-se uma barreira: naqueles momentos eu não era mais (mas era também!) a pesquisadora ou mesmo a fotógrafa, **eu era apenas mais uma no time: alguém que compartilhava experiências em comum**(PISANI, 2018, p. 34 – grifos meus).

Nas palavras de Pisani, ser “mais um/a/e no time” e “compartilhar experiências em comum” possibilitaria também ao grupo entender melhor o propósito da minha pesquisa e o motivo da minha presença no cotidiano do time, o que daria maior segurança e confiança para negociar a realização de registros fotográficos do coletivo e realizar entrevistas gravadas com integrantes do MBB.

No entanto, alguns dias antes começavam a ser noticiados os primeiros casos confirmados de Covid-19 no Brasil e já havia um clima crescente de preocupação em relação a um cenário de pandemia que se desenhava e deixava marcas em outras partes do planeta, como na China e no continente europeu. A apreensão por ter saído de casa naquele domingo para acompanhar um treino de futsal se ampliava com o espanto (e horror) de ter visto, durante o trajeto da Freguesia do Ó, bairro da Zona Norte de São Paulo onde moro, para o Centro, pessoas vestindo roupas com as cores verde e amarelo – muitas trajando camisas da seleção brasileira de futebol – que se dirigiam para a primeira manifestação pública favorável ao então presidente da república. Essas manifestações ficariam marcadas por mensagens de apoio à intervenção militar no país e de repúdio às recomendações de isolamento social que a Organização Mundial da Saúde (OMS), governos estaduais e municipais e veículos de mídia começavam a difundir.

Poucos dias depois, com o anúncio do decreto de estado de quarentena no estado de São Paulo³, não apenas os planos de pesquisa ou o planejamento do time para aquele ano seriam abalados e desfeitos. Planejamentos e rotinas estabelecidas por grande parte da população de todo o Brasil seriam profundamente impactadas, em função da deflagração da pandemia de Covid-19.

Logo após o treino, Rapha e eu caminhamos em direção à Praça da República. No trajeto, recordo-me de ter perguntado se ele e os demais jogadores se importariam se eu acompanhasse mais de perto a rotina do grupo e que eu me colocava à disposição para ajudar em algumas ações na organização do time. Em resposta, ele falou que me adicionaria no grupo de WhatsApp⁴ exclusivo para integrantes do MBB, para facilitar as comunicações

³ SÃO PAULO. Decreto Nº 64.881, de 22 de março de 2020.

⁴ Aplicativo multiplataforma gratuito de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones.

com o restante do grupo e, assim, entender as demandas da equipe com as quais poderia contribuir. Esse movimento foi fundamental para a rearticulação da pesquisa e do trabalho de campo durante os períodos mais restritivos da pandemia.

O objetivo deste ensaio, fruto da colaboração e das trocas entre pesquisador e orientadora, é refletir sobre como a equipe Meninos Bons de Bola, por um lado, e o etnógrafo, por outro, lidaram com a pandemia. O MBB visava manter o time e o engajamento de jogadores e das pessoas que acompanham as ações do coletivo em redes sociais. Em meio às preocupações de manter algum cronograma da pesquisa em andamento, o pesquisador foi notando as possibilidades de manter vínculo com o coletivo e contribuir em algumas das ações realizadas pelo time, mesmo sem estar presencialmente em campo com os seus interlocutores. A seguir, serão descritas algumas das mudanças pelas quais o time passou até o retorno dos encontros semanais presenciais, assim como as estratégias de pesquisa adotadas, com o uso da comunicação digital.

Primeiro, apresentamos alguns momentos da etnografia realizada através de interações em redes sociais e plataformas de mensagens instantâneas e videochamadas nos quais são descritas e analisadas as estratégias utilizadas pelo time para engajar seus integrantes, assim como o público que acompanha o time em redes sociais, mais especificamente no Instagram⁵. Em segundo lugar, tratamos também das colaborações do pesquisador com o grupo e como esse envolvimento permitiu maior aproximação com os jogadores. Através da interação por meios digitais - por meio de plataformas como o WhatsApp e o Google Meets - foi possível negociar a realização de narrativas biográficas em colaboração com alguns jogadores, com o propósito de conhecer suas trajetórias de vida e relações com o futebol, os tensionamentos ao tentarem se inserir neste universo e

Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a internet. O WhatsApp foi fundado em 2009, por Brian Acton e Jan Koum, e adquirida pelo Facebook (atual Meta) em 2014. É estimado que o WhatsApp tenha mais de 2 bilhões de usuários em todo o mundo. De acordo com pesquisa feita pelo Datafolha (2022), é a rede social que tem o maior número de pessoas usuárias no Brasil. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/tec/2022/07/94-tem-conta-em-alguma-rede-social-whatsapp-ldera-com-92.shtml>>.

⁵ O Instagram é uma rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, criada em 2010, por Kevin Systrom e por Mike Krieger. Atualmente faz parte da Meta, empresa que também controla o Facebook e o WhatsApp

que sentidos atribuem à experiência de fazer parte de uma equipe formada exclusivamente por homens trans. Como parte do pacto estabelecido com interlocutores, o pesquisador se dispôs a contribuir com os esforços do time, como uma forma de retribuir a seus interlocutores de pesquisa, pela abertura ao recebê-lo e pelo consentimento à pesquisa.

Além de um relato etnográfico das vivências do pesquisador com o MBB nesse período, pretendemos também tecer algumas considerações sobre o exercício etnográfico em meio a um contexto pandêmico, a necessidade de rearranjos das estratégias para a realização do trabalho de campo. Com a experiência de compartilhar a quadra com jogadores do time interditada, como fazer a pesquisa de campo de outro modo? Como pesquisar, ser mais um no time, sem jogar junto?

Futebol como refúgio e fonte de força: sentidos do pertencimento a um time exclusivamente transmasculino

O MBB foi fundado em agosto de 2016, por iniciativa de Raphael Henrique Martins⁶, homem trans negro, periférico, educador social, que à época trabalhava no Centro de Referência da Diversidade do município de São Paulo (CRD)⁷. Ainda em início do seu processo de transição, Rapha, nome pelo qual é mais conhecido, percebeu a baixa presença de homens trans nos serviços oferecidos pelo CRD. Com o apoio da equipe do Centro de Referência, acessou redes e fóruns digitais direcionados para homens trans e lançou a proposta de um encontro para indivíduos que se identificavam como transmasculinos, com o propósito de se conhecerem e socializarem. A ideia de se fazer um jogo de futebol foi o chamariz para o encontro, que reuniu cerca de 15 homens trans provenientes de diferentes partes da Grande São Paulo, alguns deles acompanhados de familiares e pessoas amigas. Rapha conta que, assim como ele, muitos dos participantes daquele encontro tinham se distanciado do futebol à medida que percebiam que seus corpos e performatividades tensionavam as normas e expectativas de gênero ou a partir do momento em que

⁶ Os jogadores citados e que deram relatos utilizados neste trabalho, foram consultados previamente e autorizaram o uso de seus nomes no artigo e respeito a maneira como se apresentaram e se autodefinem.

⁷ O Centro de Referência e Defesa da Diversidade (CRD) é um espaço público administrado pela ONG Grupo pela Vidda em parceria com a Prefeitura Municipal de São Paulo. Localizado no bairro da República, no Centro de São Paulo, o CRD atende e promove a cidadania da população LGBTI+.

fizeram a opção por tornar pública a transição de gênero. Outros tinham pela primeira vez a oportunidade de se aventurar na prática de um esporte que por tanto tempo lhes pareceu interditado. Essa conjunção de experiências, além da busca pela constituição de espaços de sociabilidade acolhedores, fez desse encontro, que aconteceu no Parque da Juventude em 26 de agosto de 2016, um evento que transformou a vida de Raphael. Assim, nasceu o Meninos Bons de Bola.

Todo esse processo foi narrado por Raphael em entrevista de vídeo realizada no início de 2022, por meio da plataforma Google Meets.

Eu tava há uns dois anos e meio, mais ou menos, sem jogar bola. [...] Acho que a partir do momento que eu me reconheci como homem trans, veio essa necessidade de conhecer outras pessoas iguais a mim. Comecei a pesquisar grupos no Facebook, WhatsApp, acabei entrando nesses grupos e aí fui perguntando: "Ô, cê gosta de fazer o quê? O que vocês fazem e tal?" Além de perguntar de hormônio, cirurgia, eu perguntava sobre o que eles mais gostavam de fazer. E aí, em um dos grupos do WhatsApp que eu tava, o pessoal tava pensando em fazer um piquenique e jogar bola. Daí, eu falei: "Mano, eu sempre joguei futebol, eu tô com maior saudade de jogar futebol, cês topam jogar um futebol e a gente fazer uma roda de conversa?". E a maioria disse que sim. [...] Quando a gente marcou esse futebol com a roda de conversa, compareceram muitos homens trans, com familiares, namorados, essas coisas. E a partir daí, mano, a gente percebeu a necessidade, o quanto era importante ter um espaço só nosso, sabe? Por mais que a gente pense que não é legal a gente ficar numa bolha só nossa, mas naquele momento era muito necessário isso, o que eles tavam pedindo ali era desse espaço pra poderem ser eles mesmos. [...] **E casou muito com o meu sonho, que era jogar num time que me aceitasse.** Então, eu falei: "Mano, por que não montar um time só de homens trans?" Foi daí que começou essa relação do futebol com o mundo trans. [...] A partir daí surgiu os Meninos Bons de Bola.

Pra mim, foi um momento muito mágico, de muito êxtase. Porque eu não tava conseguindo acreditar que existiam pessoas iguais a mim, né. A partir do momento que comecei a olhar aquele monte de moleques chegando pro encontro e com diversas fases da transição, fiquei pensando: "Será que vou chegar até ali? Será que eu vou conseguir? Será que é isso mesmo?" E quando joguei futebol com esses moleques, foi quando olhei assim e falei: "Mano, é isso! Por que eu parei de jogar bola, sendo que tenho vários companheiros que podem seguir nessa trajetória junto comigo?" Poder vivenciar um sonho que foi barrado ali pra gente. Acho que aquele dia foi o melhor dia da minha vida, porque pude conhecer histórias, compartilhar a minha história e conhecer pessoas. Pessoas que compartilhavam os mesmos medos, as mesmas ansiedades, praticamente os mesmos sonhos que eu... (Raphael Martins em entrevista concedida ao pesquisador, em janeiro de 2021).

"Homem trans" é a categoria mais mobilizada entre meus interlocutores para referirem-se às suas identidades de gênero, sendo comum a referência ao MBB como o "primeiro time de homens trans do Brasil". O uso majoritário de tal nomenclatura vai ao encontro do que diz Guilherme Almeida (2012), quando justifica o uso da categoria "homem trans" como um

guarda-chuva das múltiplas experiências e identificações transmasculinas. As nomenclaturas podem variar – pessoa não binária, pessoa transmasculina, transmasculino –, mas têm em comum a desidentificação com categorias binárias da cisgeneridade⁸. Com o crescente ingresso de jogadores que se identificam como transmasculinos ou não binários, tem-se tornado cada vez mais comum a apresentação do MBB como time “formado por homens trans e pessoas transmasculinas”. Para Almeida e Raquel Carvalho, as pessoas que fazem parte da coletividade transmasculina:

(...) compartilham entre si, simultaneamente, o fato de terem sido compulsoriamente assinalados sob os signos da feminilidade no momento do nascimento, tendo ao longo das suas vidas, em diferentes momentos e sob circunstâncias diversas reivindicado para si uma identidade de gênero situada no campo das masculinidades (2020, p. 335).

Rapha está no MBB desde a sua criação, é um dos seus principais porta-vozes e um interlocutor central desta pesquisa. Graças à boa relação construída entre o pesquisador e Rapha, foi possível ter acesso ao cotidiano e momentos da intimidade do time. Em sua fala, ele destaca a necessidade da criação de grupos onde pudesse estar com seus semelhantes, pessoas que compartilham vivências e questões em comum, combinada com o desejo de voltar a jogar futebol.

Cabe pensar aqui como o futebol é também construtor da masculinidade. Importante considerar que o futebol no Brasil ainda é “marcado por um arbitrário cultural que o considera próprio à homosociabilidade masculina” (DAMO, 2008, p. 228), o que faz com que meninos, desde cedo, sejam estimulados a jogar futebol não só para se divertirem, mas sobretudo para se “fazerem meninos”, alinhando-se a um ideal de masculinidade normativa esperada (cisgênera e heterossexual). Ao fazer uma avaliação da produção bibliográfica sobre o futebol no Brasil, a antropóloga Mariane Pisani (2018, p. 121) reflete sobre o que chama de “gênero da bola”, destacando que “a grande maioria dessas produções reconstitui a história social desse esporte sob a perspectiva dos homens”. Neste caso, vale reafirmar que, em geral, parte-se da ideia do homem cisgênero e heterossexual como um “natural” participante e interlocutor do jogo de futebol.

O temor de sofrer preconceitos ou mesmo agressões impediu Rapha e outros integrantes do time de alimentarem o sonho de jogar em times de futebol masculinos, junto

⁸ Para Viviane Vergueiro, pensar a “cisgeneridade implica também em uma possibilidade de refletir sobre a normalidade e os dispositivos de poder que produzem sua naturalização: uma análise sistêmica que nos viabilize cartografias críticas acerca das violências institucionalizadas e não institucionalizadas contra as diversidades corporais e de identidades de gênero” (VERGUEIRO, p. 252-253).

a outros homens cis, ao passo que já não se sentiam mais confortáveis integrando grupos femininos. A busca de estar entre os seus revela, por um lado, o risco de agressões físicas e simbólicas que pessoas trans estão expostas na sociedade e na prática de um jogo ainda fortemente associado a expressões de masculinidade cisnormativas. Por outro lado, revela a criatividade desses sujeitos na construção de espaços seguros de sociabilidade, que lhes permitem, além de jogar futebol, expor os seus corpos, afirmar suas identidades e compartilhar informações – como as questões que envolvem a transição e o acesso a serviços de saúde e tratamentos – e experiências em distintas esferas da vida, como família, trabalho e relações afetivas-amorosas.

Com a pandemia, no entanto, foi preciso tempo para assimilar a mudança drástica na rotina de estudos e trabalho. Nos primeiros meses, convivi com um sentimento de insegurança, com um cenário agravado pelo contexto político turbulento, no qual o governo federal deliberadamente praticou uma política de morte; difundiu informações falsas sobre a Covid-19 e os meios de tratamento da doença, proferiu discursos que minimizaram os riscos da pandemia para a população brasileira e se eximiu da responsabilidade de coordenar políticas públicas para a contenção do vírus no país.

As demandas e prazos, em alguma medida, impeliram o pesquisador a rever a sua pesquisa e abordagem etnográfica com agilidade. Isso fez com que ele se valesse do acesso que foi concedido para ingressar no grupo exclusivo para jogadores e integrantes do MBB no WhatsApp. Deste modo, na impossibilidade de realizar trabalho de campo presencial, se desenharam as possibilidades de se manter vinculado ao time e em interação com seus integrantes.

De acordo com Christine Hine (2009), não há propriamente uma distinção entre o mundo “virtual”, on-line, e o “real”, off-line, pois ambos estão integrados. Num texto que revê a separação entre real e virtual, a autora busca mostrar como o meio digital é parte integrante da sociabilidade contemporânea, não configurando uma “cultura” à parte, nem um espaço separado do dia a dia. Ao contrário, a internet nos atravessa de modo cotidiano, está incorporada nos usos dos smartphones, e inserida como parte de nossas relações sociais. Dessa forma, em termos metodológicos, considera-se que não existe um descolamento entre as vivências e interações online, via redes sociais e aplicativos de troca de mensagem e compartilhamento de conteúdos, do conjunto da etnografia que foi realizada presencialmente até a pandemia, e retomada depois em 2021. Como ressalta a segunda autora (Almeida, 2002, p. 72), manter boas relações (*rapport*) com interlocutores durante a pesquisa de campo é fundamental, ainda mais em se tratando de pesquisas que tratam de temas ligados à

intimidade e à privacidade das pessoas. Ademais, na tentativa de estabelecer diálogos horizontais e de uma abordagem etnográfica crítica a regimes colonizatórios, buscou-se diluir fronteiras rígidas entre pesquisador e interlocutores de pesquisa, a partir do estabelecimento de encontros etnográficos em termos de amizade, conforme proposto por Cornejo (2015). Sem abrir mão da autoridade etnográfica, “o encontro etnográfico [construído] em termos de amizade pode contrariar o impulso de fazer as teorias dos etnógrafos sempre prevalecerem sobre aquelas do informante (sic)” (CORNEJO, 2015, p. 140).

Ter acesso ao grupo de atletas do MBB em 2020 foi importante por permitir ao pesquisador fazer parte da rede de sociabilidade do coletivo e, por conseguinte, conhecer alguns dos temas que eram discutidos entre seus integrantes. Em função do ingresso no grupo, o pesquisador pode também se (re)apresentar ao coletivo enquanto homem cisgênero e pesquisador. A partir desse momento e de interações estabelecidas, se construiu um vínculo e uma relação de confiança com o grupo. O pesquisador assumiu funções dentro do coletivo e se sentiu mais à vontade para propor ações que serviriam tanto para a pesquisa que estava realizando, como para a busca de maior visibilidade do MBB.

No grupo, foi possível ter acesso a algumas das conversas que costumavam acontecer durante as reuniões e encontros semanais, muitas vezes em momentos de maior descontração antes e depois dos treinos, em conversas informais, e igualmente em grupos menores, que acontecem em trajetos de ida e volta do transporte. Dentre os assuntos, surgiam, por exemplo, questões sobre acesso a serviços de saúde especializados para pessoas trans (públicos ou privados); dúvidas sobre o uso de testosterona e hormonização; informações sobre compartilhamento de receitas e indicações de profissionais da área da saúde especializados no atendimento de homens trans; trâmites burocráticos e custos que envolvem o processo de retificação de nome e identidade de gênero nos documentos e registros civis. Eventualmente eram compartilhados conteúdos de cursos, serviços e oportunidades de trabalho dirigidas com exclusividade ou prioritariamente para pessoas trans. João W. Nery e Eduardo M. A. Maranhão Filho (2015) apresentam a seguinte descrição de fóruns online dirigidos ao público transmasculino, que dá um pouco da dimensão de alguns dos assuntos e questões que apareciam e, vez ou outra, reaparecem no grupo do MBB:

Muitos começam a se hormonizar recentemente. Estão preocupados com questões pessoais: de como contar para os pais, como adquirir a receita obrigatória para se comprar o hormônio ou que dosagem tomar [...], conversam sobre os efeitos colaterais do uso da testosterona, procuram por órteses do tipo

binder, packer/play, pum e STP⁹ e discutem suas dúvidas de como se apresentar no trabalho, na escola, na academia ou nas suas relações afetivas (NERY; MARANHÃO FILHO, 2015, p. 106).

Era possível perceber que o grupo, em alguma medida, funcionava também como um fórum online, onde homens trans e pessoas transmasculinas não binárias, em diferentes processos e estágios em relação à transição, obtêm informações para a construção de “itinerários e estratégias ligadas à sua visibilização (ou ocultação) em distintas esferas” (BRAZ, 2018, p. 167). Mesmo assim, em geral, as conversas e temas que mobilizavam maior interesse e engajamento dos participantes eram justamente quando se falava em “treino” ou se especulava possibilidades de retorno das reuniões e jogos presenciais.

Em maio de 2020, sem qualquer previsão de retorno das atividades presenciais e por iniciativa do pesquisador, foi feita a proposta deste auxiliar na produção de conteúdos para a página do time no Instagram. Considerando a chegada de novos integrantes no início do ano, a primeira sugestão foi a de fazer postagens para apresentar o perfil dos jogadores e o elenco do time. Além de tentar engajá-los e fazer com que se sentissem parte do coletivo, a ideia era estimular jogadores a se apresentarem e falarem de si, de sua relação com o futebol, sobre o que representava a entrada no MBB e como viviam experiência de pandemia. Tendo a anuência de Rapha, foram montadas algumas perguntas-base para ajudá-los na elaboração deste relato. O pesquisador pediu também que os participantes escolhessem fotos pessoais que tinham relação com o futebol ou com o MBB, como fotos em que vestiam a camiseta do time.

Foi proposto que eles respondessem livremente às perguntas por meio de mensagem de áudio via WhatsApp. Os áudios com as respostas eram encaminhados de forma privada para o pesquisador, juntamente com as fotos escolhidas. O pesquisador se encarregou de fazer a transcrição e a edição dos relatos para a forma de texto. Foi privilegiado o relato em primeira pessoa e feitas edições no material transcrito de forma que o texto pudesse estar em uma linguagem acessível ao público que segue o perfil do MBB. Seis dos integrantes responderam às questões e concordaram com a transcrição e edição de textos. Antes de subir as postagens, o pesquisador devolvia a cada interlocutor a transcrição na íntegra e a edição feita para a postagem, para que tivesse

⁹ Binder: peça de vestuário usada com o propósito de achatar as mamas e diminuir o volume da região peitoral; Pack and play: Um dos tipos de packer (acessório usado para imitar o falo), usado habitualmente para fins sexuais; Pump: dispositivo usado para aumentar o tamanho do clitóris; STP (stand-to-pee) packer que pode ser usado não apenas para formar volume que remeta ao falo, mas também possibilita a pessoa urinar em pé.

sua aprovação antes da divulgação.

Abaixo, um exemplo de perfil de um dos jogadores do MBB com quem o pesquisador tem mantido contato há mais tempo, desde 2017. Ainda que por questões de trabalho, sua presença nos treinos tenha se tornado mais irregular até às vésperas da pandemia, Pedro é um dos veteranos da equipe e aceitou de pronto o convite para responder às perguntas. Bem articulado, falou de desejos e planos que tinha para a vida, além da sua relação com o futebol desde a infância, mesmo que pouco incentivado pela sua mãe, a principal responsável pelo cuidado e subsistência dele e de sua irmã gêmea. As tensões e discriminações enfrentadas especialmente em decorrência do gênero começaram a ficar mais evidentes na transição da infância para a adolescência, quando acessou escolinhas de futebol e manifestou a intenção de ingressar em categorias de base de clubes. Pedro também destacou a importância que a entrada no time, em 2016, teve em seu processo de transição e autoidentificação como homem trans. Ele revelou ainda que encontrou no MBB um espaço que entendeu como seguro e acolhedor para poder expressar a sua subjetividade, junto a outros homens trans com diferentes vivências e expressões transmasculinas:

O meu contato com o futebol vem de criança, já muito novinho eu amava futebol, tanto assistir como jogar. O incentivo na família não era muito grande. (...) **Na maioria dos times masculinos, eu até conseguia entrar nas escolinhas, mas não conseguia participar de jogos, das competições principais por conta do gênero que não se enquadrava com o que eles queriam.** Naquela época, uns 15 anos atrás, as coisas eram bem mais retraídas do que são hoje.

Pouco mais de um mês da criação do MBB, em 2016, eu participava de um cursinho pré-vestibular voltado apenas pra pessoas trans e teve uma roda de conversa em que tive contato com um integrante do MBB. Ele gostou muito da minha história, a gente começou a conversar e ele me chamou pra participar do time. Foi assim que eu conheci o Meninos Bons de Bola. Este foi um período muito legal, porque eu tava praticamente no início da minha transição, era um período de muita expectativa mas também de muita ansiedade. Ter um esporte, uma válvula de escape seria muito legal, então, o time veio muito a calhar.

Eu cheguei muito tímido, mal conversava, ainda não sabia muito bem como me portar, só que ao mesmo tempo sentia aquele acolhimento e ao longo do tempo fui me abrindo mais. A gente falava sobre as nossas experiências da semana, como era o início da transição, a busca por hormônio, acompanhamento médico... Todos esses assuntos eram pautas dos nossos encontros de domingo. **Era muito legal poder confraternizar, poder conversar, se sentir mais à vontade, não ter medo com a questão do corpo, de estar no meio de uma quadra qualquer e se expor da forma como muitos são.**

Acho que a importância do time é justamente essa, ter um espaço exclusivamente de homens trans. Se a sociedade não fosse tão excludente com as pessoas trans – em todos os âmbitos da sociedade, mas também no esporte –, acho que não seria necessário, mas foi a partir deste cenário que surgiu essa necessidade do time. Pra muitos meninos é mesmo uma válvula de escape chegar no domingo e tentar se por, se

posicionar um pouco, aprender mais com as experiências de outras pessoas. Infelizmente [a pandemia] tá sendo um período de bastante ansiedade e a gente tenta manter a calma pra ver se logo, logo as coisas vão se normalizando e a gente possa ter um pouco mais de alegria do que tá tendo agora (Relato de Pedro Vieira ao pesquisador em 21 de maio de 2020 - grifos meus).

É possível perceber nas palavras de Pedro alguns aspectos recorrentes em outros relatos. Sobre a importância do futebol na vida desses jovens (“uma válvula de escape”) e como o time constitui-se em um espaço de reconstrução de vínculos com o futebol. Ele relembra vivências de preconceito e exclusão na adolescência, por “não se enquadrar” em times masculinos, que o afastou do esporte. Ressalta a importância de “um espaço exclusivamente de homens trans”, entre os seus, que passou a se tornar um importante lugar de socialização e de aprendizado sobre si próprio, em especial no seu início de transição. Além disso, sua fala também dá a medida da lacuna representada pela não realização dos encontros semanais, ou seja, do impacto negativo deixado pelo longo período sem treinos.

Entre setembro e outubro de 2020, quando houve uma redução da média dos casos e mortes diárias em decorrência da Covid-19, entre o que se chamou de primeira e segunda onda da pandemia, integrantes do MBB decidiram retomar os treinos na quadra de futsal alugada na Luz. Esse retorno durou cerca de dois meses, antes de uma nova onda de aumento de casos entre o final de 2020 e o início de 2021. O pesquisador, não se sentindo confortável e seguro para participar de atividades presenciais em espaços fechados, optou por não acompanhar presencialmente os treinos naquele momento. Mesmo à distância, apenas acompanhando as conversas e imagens dos treinos compartilhadas no grupo, foi possível compreender que aquele retorno era ansiado e visto como importante pelos jogadores.

Pelo grupo do WhatsApp, foi possível perceber que muitos integrantes do time tiveram que seguir trabalhando na pandemia e, em sua maioria, em empregos e ocupações que exigiam a saída de suas casas, e talvez por essa razão, eles entendessem como algo razoável a volta aos treinos¹⁰. Além disso, como destacado anteriormente,

¹⁰ Segundo o “Mapeamento de Pessoas Trans na Cidade de São Paulo” (CEDEC, 2021), 58% da população trans estava trabalhando ou tendo alguma atividade remunerada durante a realização da pesquisa. Os dados da mesma pesquisa por identidade de gênero revelam que 59% de homens trans entrevistados mantinham alguma atividade remunerada (trabalhando, principalmente, nos setores do comércio e de serviços). Apenas 49% dos homens trans possuíam emprego formal, com carteira de trabalho assinada, índice que ainda está acima da média da população trans que exerce atividade remunerada (58% das pessoas trans realizam trabalhos informais ou autônomos, de curta duração e sem contrato. 2021, CEDEC).

os treinos e encontros semanais representavam um momento de sociabilidade, interação, lazer e de atividade física importante em suas rotinas e a perda desse momento causava um impacto significativo na saúde física e mental dos integrantes do time.

Esse impacto ficou também evidenciado em um levantamento realizado pelo pesquisador no final de 2020, com o objetivo de conhecer melhor o elenco do MBB. Nesse breve período de retorno dos treinos presenciais, novos jogadores entraram no grupo, o que me motivou a propor a Rapha e posteriormente aos demais a realização de uma pesquisa para conhecer os integrantes da equipe naquele momento. Dentre as perguntas presentes no questionário, buscava-se saber, por exemplo, a relação que tinham com o futebol, se já tinham vivenciado situações de preconceito no esporte e como tinham conhecido o time. A resposta ao questionário era voluntária e o respondente, tendo o seu anonimato respeitado, poderia autorizar ou não o uso ou divulgação de suas respostas nesta pesquisa. As informações seriam compartilhadas com Rapha e outros integrantes que atuam na coordenação do MBB.

Naquele momento, parecia oportuno perguntar sobre a importância da realização dos treinos em meio a um contexto de pandemia. Das doze pessoas que responderam ao questionário, sete estiveram presentes em treinos neste período. As respostas daqueles que participaram dos treinos indicavam alguns dos significados que aquela vivência em grupo tinha, em especial para a saúde física e mental dos participantes, como as referências a termos como alívio, refúgio, força e espaço de extravasar o que sente. A seguir, são reproduzidas algumas das respostas, preservando o anonimato dos respondentes:

Aliviar o stress e me divertir”

“Foi fundamental para minha saúde mental, quando estou no treino parece que **tudo alivia**, parece que estou em outro mundo.”

“Sabemos que a pandemia afetou o psicológico de muitas pessoas e pra gente que muitas vezes os treinos eram um **refúgio** por termos com quem conversar, ter uma orientação foi muito importante e principalmente para movimentar o nosso corpo.”

“Acabei de iniciar minha hormonioterapia e esses encontros de domingo **me dão força**.”

“Ter uma forma de fazer o que se gosta num momento de isolamento foi maravilhoso, **não ficar louco trancado em casa** também... Haha”

“É muito importante ter um certo **refúgio**, onde você pode **extravasar o que se sente**, além de não estar só e ter com quem trocar” (grifos nossos).

À medida em que havia uma construção de vínculos com jogadores, veteranos e

recém-chegados, houve maior proximidade e confiança para a realização de entrevistas e a produção de narrativas biográficas, como uma estratégia para dar continuidade à pesquisa. Utilizo-as em concordância com os interlocutores como material de análise acerca das vivências transmasculinas de práticas esportivas e aos tensionamentos com os quais esses sujeitos se depararam ao longo de suas vidas, além da relação com o futebol.

Ainda que para essas entrevistas o pesquisador preparasse um roteiro prévio, as conversas acabaram ganhando rumos próprios, não previstos, e em função disso, abriram espaço para abordar outros temas e aprofundar pontos que emergiram durante a narrativa de cada entrevistado. Assim, funcionaram como entrevistas etnográficas propriamente, em que o interlocutor traz direcionamentos à pesquisa que antes não eram previstos. Uma das inspirações para esta etapa do trabalho foi a abordagem adotada por Grada Kilomba (2018), ao entrevistar mulheres negras e estrangeiras, convidando-as a revisitarem e compartilharem suas histórias de vida, refletindo acerca da vivência do racismo em suas vidas. Para Kilomba, a “entrevista narrativa biográfica não diretiva permite às/aos entrevistadas/os definir sua realidade subjetiva” (KILOMBA, 2018, posição 982).

Outra pessoa entrevistada foi Alex, pessoa transmasculina, não binário, negro – prefere o tratamento no masculino (ele/dele) – que entrou no time no segundo semestre de 2020. “Apaixonado” por futebol e com passagens por categorias de base de diferentes equipes, Alex relembra primeiros contatos e encontros com o MBB. Proveniente de um bairro periférico da cidade de Curitiba (PR), mudou-se para São Paulo com os propósitos de cursar faculdade de Ciências Sociais e poder contar com uma rede de saúde mais ampla, buscando ter acompanhamento médico mais adequado para dar continuidade à sua transição. Além disso, almejava manter vivo o sonho de voltar a jogar futebol e competir, mas a partir do uso de testosterona, viu-se impossibilitado de vislumbrar carreira profissional, seja em times femininos ou masculinos. Os trabalhos de Barbara Pires (2020) e Eric Seger de Camargo (2020) refletem sobre como as políticas de elegibilidade fazem do esporte profissional um espaço que reafirma convenções binárias e hierárquicas dos corpos - no qual corpos sexuais como masculinos seriam supostamente detentores de vantagens biológicas-fisiológicas sobre femininos -, acabam por excluir pessoas trans ou dissidentes das normas de gênero. De acordo com essa lógica “... mulheres trans seriam consideradas mais próximas de homens do que de mulheres. O mesmo com homens trans, entretanto, por partir de um lugar supostamente de inferioridade, não existe a mesma preocupação de prejudicar os outros

competidores homens cis” (CAMARGO, 2020, p. 31).

O encontro com o MBB, que conheceu a partir de busca pela internet, representou para Alex uma nova possibilidade de manter o vínculo com o jogo que lhe proporciona tanto prazer.

Eu procurei o time pelo *Instagram*. Depois que mudei pra São Paulo, eu tava naquela saga de procurar uma equipe para jogar, fazendo teste e foi quando comecei a também procurar tratamento. Eu sabia que tinha acompanhamento profissional pelo SUS e sabia que, com isso, eu ia ter que trocar de time, né? Por mais que não me identifique nem como masculino, nem como feminino, por fazer a transição tomando testosterona acredito que não me aceitariam nem no feminino nem no masculino. E aí tem a questão: onde eu vou jogar? De que time eu vou participar, o que eu vou fazer com isso? Comecei a procurar e encontrei o Meninos Bons de Bola e o BigTBoys, do Rio de Janeiro. Mandeí mensagem para o Meninos Bons de Bola, porque eu vi que estavam abertos para receber outras pessoas. Falei da minha identidade de gênero e que achava muito legal o trabalho deles. [...] Daí me mandaram o contato do Raphael. Conversei com o Rapha e ele falou pra eu ir treinar, também falou que ia me colocar no grupo e aí comecei a me envolver com o pessoal... Porque antes do time, foram poucas pessoas trans com quem tive contato. **E daí fazer esse movimento de encontrar um lugar confortável mesmo para você conseguir se expressar.**

Antes de eu me encontrar com o time, eu não tinha muito enfrentamento com as pessoas, tinha dificuldades de me colocar. [...] Acho que sou uma pessoa tímida, mas isso ainda é uma questão, porque, na verdade, acho que não é timidez. Os lugares que eu frequentei durante muito tempo que me fizeram acreditar nisso, mas essa postura tem mudado. (...) Parece que todos os dias você tem que fazer esse enfrentamento, porque se não se colocar né, vem alguém e te coloca numa posição um tanto quanto desconfortável. **Os espaços em que eu me sinto confortável, me fortalecem pra poder me colocar em outros espaços que não compreendem ou que são totalmente diferentes desses espaços em que me sinto confortável. O time, por exemplo, só me fortalece para poder fazer, pra poder me movimentar nos outros espaços. [...] Tem sido bem interessante, porque tô vendo outra possibilidade de ressignificar o que é o esporte e o futebol dentro da minha vida. O Meninos Bons de Bola tem sido uma coisa muito positiva, é muito bom poder fazer parte desse grupo. Até porque um grupo de pessoas trans no esporte é muito significativo, principalmente no contexto em que a gente vive, onde são poucos os times, poucos os espaços que existem nesse sentido.** (Entrevista de Alex dos Santos concedida ao pesquisador em 30 de março de 2021 - grifos nossos)

Fazer parte do time é uma oportunidade de ressignificar a sua relação com o esporte, marcada por prazer e bem-estar, mas também por situações de exclusão e não pertencimento, motivadas por tensões ligadas a questões de gênero, raça, sexualidade e classe. Nas suas palavras, ingressar no MBB representou “esse movimento de encontrar um lugar confortável mesmo para conseguir se expressar”. Alex revelou como a experiência no MBB o tem ajudado também a se fortalecer em ambientes que se

apresentam mais hostis ou onde sentia mais dificuldades de se posicionar e reafirmou a importância de espaços que sejam constituídos por pessoas trans.

As narrativas biográficas dão uma dimensão de alguns dos sentidos simbólicos que futebolistas trans amadores dão ao futebol. Ainda que seus corpos tenham sido atravessados por violência e exclusões por conta de normatividades nas práticas futebolísticas (não apenas de gênero, mas que passam também por outros marcadores como raça, classe, lugar de origem), jogar bola e fazer parte de um time comportam muitos sentidos, que os motivam a disputar espaços para estar nas quadras.

A seguir, é apresentado um relato etnográfico de um momento significativo da pesquisa: o primeiro encontro presencial do pesquisador com integrantes do MBB depois de quase um ano e meio. Era também uma das suas primeiras incursões pela região central da cidade de São Paulo, depois de tanto tempo de reclusão.

O reencontro com o MBB por meio da “antropologia-blogueira”

Em julho de 2021, a campanha de vacinação avançava. Pessoas entre 30 e 40 anos de idade começavam a receber a primeira dose da vacina em São Paulo. No MBB, havia pessoas que falavam do desejo de voltar aos treinos, não demonstrando tanta preocupação. Outras, no entanto, falavam que devido a questões de saúde particulares ou do seu entorno, só se sentiriam seguras para voltar após serem imunizadas com as duas doses da vacina. Predominava o tom de cautela quando o tema era o retorno dos treinos presenciais.

No entanto, ao longo do mês foi ganhando força a ideia de uma reunião presencial de integrantes do MBB, em local aberto. O pretexto seria a entrega dos novos agasalhos do time. Eu mesmo tinha recebido a minha primeira dose da vacina e me senti mais encorajado com a possibilidade de um reencontro depois de tanto tempo. A conversa ganhou força e o encontro se concretizou no dia 25 de julho, uma tarde de domingo ensolarada e de temperatura agradável.

Saí de casa pouco mais de uma hora antes do horário combinado para encontrar um grupo de integrantes do MBB no metrô República. Chegando na Praça da República, ao me dirigir até o interior da estação, fui “encontrado” por Alex. Ele tentou me chamar algumas vezes, antes de descer as escadas rolantes, mas como estava com fones de ouvido, não escutei seus chamados. Era a primeira vez que via Alex pessoalmente, a quem havia conhecido e conversado apenas por troca de mensagens via WhatsApp e

em chamadas de vídeo, como as da entrevista. Ele desceu comigo as escadas rolantes e, em seguida, subimos conversando até onde estavam Rapha e Murillo, jogador que acabava de conhecer. Aguardamos a chegada de mais um integrante, Arthur, que eu também encontrava pela primeira vez. Da Praça da República, bastante movimentada, fizemos uma caminhada de cerca de 10 minutos até a praça da biblioteca Monteiro Lobato, na Vila Buarque. Rapha conhecia aquela praça pela quadra pública que chegou a servir de espaço de encontro e treinos do MBB no passado, quando o time não tinha um local fixo de treinos. No caminho, conversei com Alex e reparei que ele vestia uma camisa do Coritiba, um dos clubes mais populares da capital paranaense, conhecido por “Coxa”. Relembrei de momentos da entrevista que fiz com ele, quando comentou das suas passagens por divisões de base Atlético Paranaense e Paraná Clube, dois clubes tradicionais da capital paranaense, mas acabou não tendo oportunidade de jogar pelo Coxa, equipe para a qual torce, mas que não chega a considerar um “time de coração”. Me chamou a atenção também a maior proximidade entre Rapha e Alex que, mesmo com pouco tempo de MBB, já assumia um lugar de liderança.

Ao chegarmos na entrada da praça, nos deparamos com o portão fechado e vimos que não havia qualquer movimento. Havia uma base da polícia militar próxima à entrada e um dos policiais confirmou que ela ficava fechada aos domingos. Nesse momento, chegou Arthur F., um dos veteranos do grupo, recém recuperado de uma lesão grave no tornozelo sofrida durante um treino em 2020. Considerando o número reduzido do grupo – estávamos em seis – sugeri irmos até a praça Roosevelt, local próximo e conhecido pela ocupação de jovens praticantes de skate. Também costuma ser ponto de encontro de pessoas que se encontram para conversar, ouvir música, beber e comer, frequentar os bares situados nos arredores. Caso a Roosevelt estivesse cheia e fosse inviável permanecer – um temor que eu tinha, dado o cenário de pandemia e a possibilidade de um grande número de pessoas aglomeradas, sem máscaras – já estaríamos no caminho de uma quadra pública embaixo da via elevada da Avenida Nove de Julho, local onde o MBB também fez alguns treinos.

Chegando na Roosevelt vimos uma parte da praça que, apesar da tarde de sol, não estava tão cheia e o grupo decidiu ficar por lá, ocupando um espaço mais ou menos próximo a um grupo de skatistas que fazia manobras registradas por câmeras. Foi assim, negociando o espaço com transeuntes, skatistas e outras tantas pessoas que se acomodavam, descansavam e sentavam para conversar, que os integrantes do MBB foram demarcando o seu lugar, entre brincadeiras de jogar bola com os pés, trocando passes, fazendo embaixadas ou jogo de bobinho. Às vezes também jogavam a bola com

as mãos, trocando os passes com os pés pelos toques do vôlei, e entre essas vivências mais lúdicas aconteceu em algumas ocasiões da bola ultrapassar os “limites” da área da brincadeira. De forma não intencional, a bola chegou a atingir algumas pessoas que estava também na praça, situação em que os jogadores se apressavam para pedir desculpas, nem sempre bem aceitas por pessoas que mantinham expressão de contrariedade. Noutras vezes, ao verem a troca de passes com os pés, algumas pessoas tentaram entrar na brincadeira, fazendo embaixadas, como um homem em situação de rua. Ele agradeceu o espaço concedido e a gentileza dos jogadores do MBB. Creio que o agradecimento também se devia ao fato de ali ter sido visto de fato e tido a sua humanidade minimamente reconhecida.

Entre as brincadeiras, distantes do caráter competitivo do futebol espetacularizado, e reivindicando a presença no espaço público – em interações as quais participei de forma bastante discreta, preferindo ficar na observação – houve um momento de pausa para que Rapha entregasse os agasalhos e uniformes. Foi preciso esperar quase um ano para receber em mãos o novo uniforme que havia sido encomendado. Eu também tinha feito o pedido de uma blusa de moletom, assim como outros jogadores e, assim, Rapha propôs que fizéssemos fotos para a divulgação na página do Instagram, com o objetivo vender e conseguir mais recursos para o coletivo. Quando percebi, estávamos todos reunidos, fazendo uma sessão de fotos na praça Roosevelt, vestindo blusas de moletom em meio ao forte calor e rindo daquela brincadeira de ser modelo.

Um dos momentos mais engraçados do dia foi quando Alex, ao me ver fazendo fotos de trajetos e de algumas das interações dos jogadores, perguntou-me se eu era blogueiro. Essa questão rendeu uma postagem que compartilhei na minha rede social no dia seguinte e que trago aqui neste relato, talvez para fazer jus à alcunha de blogueiro-antropólogo ou antropólogo-blogueiro...

Nesse último domingo, depois de quase um ano e meio, pude reencontrar integrantes do Meninos Bons de Bola, o que significava também voltar a fazer trabalho de campo presencial após tanto tempo. Foi um momento emocionante, especial e alegre para todas as pessoas envolvidas!

Como habitualmente costumo fazer nestes momentos, fui fazendo algumas fotos tanto de trajetos, como das interações entre integrantes do time, treinos e partidas. Em determinado momento, um dos integrantes se aproxima de mim e me pergunta: "Por acaso tu é blogueiro?"

Na hora, surpreso, eu ri bastante e respondi que não, mas depois acabei pensando melhor na pergunta... Pensando que o trabalho de uma pessoa que estuda Antropologia, faz pesquisa de campo, em alguma medida, engloba o registro de experiências de campo, as reflexões acerca de leituras e vivências

cotidianas, a sistematização de todos esses trabalhos e a comunicação de resultados da pesquisa e de novas indagações que surgem em meio a esse processo tão intenso... E tudo isso em meio a um cenário de trabalho extremamente precarizado e mal remunerado (quando é possível ter o acesso a alguma fonte de financiamento à pesquisa), tendo que, muitas vezes, ainda fazer autopromoção dos trabalhos feitos nas redes sociais (as vezes de carreiras paralelas) para conseguir um pouco mais de visibilidade e, quem sabe, conseguir fazer uns trabalhos extra e ter um pouco mais de grana pra pagar os boletos com um pouco menos de perrengue.

E aí nessa vida trôpega de antropólogo-proletário-blogueiro, a gente se depara (e se diverte) com algumas experiências inusitadas, como a de se ver pagando de *modelete* pra divulgar o novo moletom do time. Fico pensando se os Lévi-Strauss, Malinowski, Evans-Pritchard e a galera branca ocidental (estadunidense-europeia) toda trabalhada nos financiamentos, que ia explorar e produzir sentidos sobre "mundos e sociedades desconhecidas", teria esse dom e guentava [sic] a bronca? Será que iriam mandar bem se virando entre poses e produção de conhecimentos?

Por uma Antropologia que, pautada pela responsabilidade e a ética, se permita a ser também blogueira.

Depois de ter ficado todo o tempo de máscara, com fome e sede, decidi que era a hora de me despedir, antes conhecendo mais um integrante do time, Sebastian, que chegou acompanhado de sua companheira. Nesse momento o clima era bem descontraído, a praça estava mais cheia e o grupo confraternizava, bebendo e conversando. Por volta das 16hs, me despedi e fui embora, andando rumo ao Minhocão, bastante cheio naquela tarde.

Enquanto caminhava pelo Minhocão em direção ao ponto de ônibus experimentava sentimentos bastante conflitantes. Desde um misto de leveza e alegria pelo reencontro com Rapha e o restante do grupo, pela possibilidade de retomar o trabalho de campo presencial e por ter experimentado um pouco de "frescor de vida" depois do isolamento. Por outro lado, me via também experimentando uma sensação de estranheza depois de tanto tempo de reclusão, sentindo um desconforto persistente por circular entre pessoas que aparentavam levar a vida normalmente sem isolamento e sem máscaras, diante da pandemia que ainda se revelava cruel, com média de mil vidas perdidas diariamente no país.

Talvez o único sentimento compartilhado por todes, eu inclusive, fosse a necessidade de ter algum alívio em meio a tantas restrições, inseguranças e perdas vivenciadas individual e coletivamente. Poder respirar ao ar livre mais tranquilamente, após o período de isolamento – ainda que mantendo o uso da máscara PFF2 –, foi a vontade que me mobilizou a ir ao encontro do grupo e dar o passo inicial para a retomada do trabalho de campo presencial.

Se até antes daquele encontro, havia ainda alguma incerteza quanto ao retorno dos treinos e posições de que o ideal seria aguardar a imunização completa dos jogadores, no dia seguinte era possível perceber, pelos comentários compartilhados no grupo de WhatsApp, um engajamento favorável à retomada da agenda de treinos semanais. Não foi surpreendente quando vi Rapha, dias depois, puxar a lista de presença dos meninos interessados em ir ao treino marcado para o domingo seguinte, em uma quadra pública na região central. Ainda que entre incertezas, mas dando maior vazão à esperança e ansiedade acumuladas, o time foi gradualmente retomando os seus encontros e treinos dominicais.

Considerações finais: a retomada ao campo presencial e o desafio de complexificar percepções e descrições etnográficas

Este artigo tem como recorte a pesquisa etnográfica realizada com o Meninos Bons de Bola entre março de 2020, momento em que era decretado o estado de quarentena em decorrência da pandemia de Covid-19, e julho de 2021, quando o time iniciou a retomada dos encontros, treinos presenciais. Durante esse período, a pesquisa e a manutenção de vínculos e diálogos com integrantes do MBB se deu quase que exclusivamente por meios e plataformas digitais.

O contexto de pandemia trouxe perdas, angústias, dores e contribuiu para o aprofundamento de desigualdades sociais no país. A necessidade de cumprir o isolamento social vinha também acompanhada de diversas incertezas quanto ao futuro e, mais especificamente, sobre a pesquisa em curso. Havia muitas dúvidas em relação à sua continuidade e se seria possível realizar um trabalho de campo. Mas com base na relação construída anteriormente entre o pesquisador e o time, foi possível manter as relações e certa sociabilidade com o time e até estreitar vínculos com alguns integrantes. Essa aproximação abriu oportunidades para que o pesquisador conquistasse maior confiança do coletivo e, em alguma medida, passasse a fazer parte do time, assumindo algumas funções que ajudaram na divulgação e na subsistência do time durante o período sem treinos e encontros presenciais. Assim, foi firmado uma espécie “pacto etnográfico” entre pesquisador e interlocutores, valendo-me da formulação proposta por Bruce Albert (KOPENAWA, ALBERT, 2015) ao avaliar o extenso trabalho que fez etnografando comunidades yanomami e, em especial, a relação que construiu com Davi Kopenawa:

É por isso que, na melhor das hipóteses, o etnógrafo que acredita estar 'colhendo dados' está sendo reeducado, por aqueles que aceitaram a sua presença, para servir de intérprete a serviço de sua causa.

(...)

Ao contrário, o pacto tácito a que aludi acima assume uma forma complexa, de ambos os lados da relação etnográfica, e implica responsabilidades muito mais sérias para o etnólogo. Para seus interlocutores, trata-se de engajar-se num processo de auto-objetivação pelo prisma da observação etnográfica, mas de um modo que lhes permita adquirir ao mesmo tempo reconhecimento e cidadania no mundo opaco e virulento que se esforça para sujeitá-los. Para o etnógrafo, em compensação, trata-se de assumir com lealdade um papel político e simbólico de *truchement* às avessas, à altura da dívida de conhecimento que contraiu, mas sem por isso abrir mão da singularidade de sua própria curiosidade intelectual (da qual dependem, em grande parte, a qualidade e a eficácia de sua mediação) (ALBERT, 2015).

À distância e a partir de distintos meios de interação digital e formas de conversa disponíveis, pesquisador e orientadora perceberam a possibilidade que se abria não só de reelaboração da abordagem e dos registros etnográficos, mas também de reconstrução de vínculos em meio a uma vivência de pandemia tão prolongada e desgastante, ainda que vivida e experienciada de modos distintos, tal como fica evidenciado na relação entre pesquisador e interlocutores. Um exemplo dessas visões e experiências distintas acerca da pandemia aparece na opção feita pelo pesquisador de não acompanhar e etnografar os encontros presenciais que o MBB realizou no fim de 2020.

Por meio desse encontro etnográfico em termos de amizade, foi possível adensar a compreensão sobre a importância que o jogo de futebol tem para as pessoas que compõem o grupo. Foi possível entender como a vivência com o MBB lhes permitia reelaborar a sua relação e vínculos com o jogo de futebol, muitas vezes marcadas por experiências de violência, discriminação e interdições, mas que valia apenas insistir no futebol. O time representava um reencontro com a prática e o MBB representou um refúgio dos problemas e dores cotidianas. Nesses contatos e por meio das narrativas biográficas foi possível também compreender os sentidos que estes sujeitos atribuíam ao fazer parte de um time, de uma comunidade junto aos seus. Ademais, o caráter masculino do jogo torna central para eles o acesso a esse esporte, considerando que o futebol é parte da construção da masculinidade para meninos desde a tenra idade.

Foram as estratégias de contribuir para que o time se mantivesse, auxiliando a alimentar os posts do Instagram, mantendo contatos com alguns jogadores pelo Whatsapp, e produzindo material para a divulgação do time que o pesquisador pode manter esse contato durante a pandemia. Se não foi possível jogar junto e produzir uma etnografia corporificada (NASCIMENTO, 2019) neste momento, o contato e as interações mantidas por meio digital, garantiram a relação entre o pesquisador e alguns dos seus interlocutores de modo a viabilizar, posteriormente, o reencontro presencial e a retomada da etnografia como imaginada.

Em agosto de 2021, os encontros dominicais para os treinos do MBB passaram a acontecer em uma quadra pública situada no Largo Coração de Jesus, no bairro dos Campos Elíseos, também na região central de São Paulo. Localizada entre o Terminal Princesa Isabel e a Praça Júlio Prestes, faz parte do perímetro urbano que ficou popularmente conhecido como Cracolândia¹¹, que se caracteriza pela degradação urbana e pelo fluxo de pessoas dependentes químicas e em situação de rua. Se nos primeiros encontros após a retomada era difícil formar dois times de futsal, com cinco jogadores em cada lado, no final de 2021, os treinos do MBB reuniam cerca de 20 jogadores, que se organizavam para a realização de treinos físicos de fundamentos e, no fim, para a prática do treino coletivo. O time voltava a fazer planos de jogos amistosos e participação em torneios.

Judith Butler (2018) ao tratar do exercício performativo de se fazer coletivamente visível em espaços públicos, afirma: “o que vemos quando os corpos se reúnem em assembleia nas ruas, praças ou em outros locais públicos é o exercício – que se pode chamar de performativo – do direito de aparecer, uma demanda corporal por um conjunto de vidas mais vivíveis” (BUTLER, 2018, p. 31).

Ao fazerem aparecer as suas subjetividades e corporalidades consideradas dissonantes da masculinidade cisnormativa que ainda se faz hegemônica no universo esportivo, acabam também produzindo outros sentidos para a reunião em torno do jogo de futebol e da prática esportiva, como sinalizam os trabalhos

¹¹ Em artigo sobre a territorialidade da Cracolândia, Taniele Rui (2014) faz a seguinte reflexão: “Como uma territorialidade itinerante está situada numa certa área urbana, mas é sujeita a deslocamentos que variam de acordo com a repressão e intervenção exercidas, além da dinâmica das relações internas. Como um campo de relações, a região também passou a ser sinônimo de degradação e criminalidade urbanas em razão da grande presença de usuários de crack, homens, mulheres, meninos e meninas em situação de rua ou prostituição, nas ruas dos bairros; todos eles, como se sabe, atores urbanos associados simbolicamente a uma série de estigmas como sujeira, perigo, ameaça, drogas, encrenca, vergonha”. (p. 96)

realizados por Camargo (2016) e Julian Silvestrin e Alexandre F. Vaz (2021). No campo realizado presencialmente é possível perceber como o MBB - além de outros coletivos futebolísticos transmasculinos - conseguem colocar em prática o direito de aparição no espaço público e as demandas corporais pelas quais reivindicam por “vidas mais vivíveis” e, por que não, por “futebóis mais jogáveis” ou, simplesmente, mais acessíveis e inclusivos.

Conforme o relato etnográfico da seção anterior, tais demandas são expressas, por exemplo, na negociação de espaços com transeuntes para a realização de uma troca de passes, nas tentativas de dar um drible no colega de time, nos chutes, nos jogos de bobinho e também nos contras de times de camisa e sem camisa. Ou a partir de uma roda de conversa realizada em uma quadra pública, antes e depois dos treinos e jogos, em que integrantes do time conversam mais à vontade sobre suas experiências distintas acerca da transmasculinidade.

Porque quando corpos se unem como o fazem para expressar sua indignação e para representar sua existência plural no espaço público, eles também estão fazendo exigências mais abrangentes: estão reivindicando reconhecimento e valorização, estão exercitando o direito de aparecer, de exercitar a liberdade, e estão reivindicando uma vida que possa ser vivida (BUTLER: 2018, p. 33).

Ainda que a exposição dos seus corpos em espaços públicos por vezes cause estranheza e incômodos em alguns transeuntes, é nos encontros semanais que esses sujeitos vivem a sensação de prazer proporcionada pelo jogar bola, além de encontrar um ambiente acolhedor e masculino. Nos treinos e nos jogos, os integrantes do MBB sentem mais intensamente a experiência de pertencer a um time. Pela constituição de assembleias ou, neste caso, de times de futebol, estes sujeitos constroem espaços que os possibilitam expressar sua corporalidade e reconhecer histórias e marcas que os fazem semelhantes, parte de um mesmo grupo identitário. Ao fazer da experiência do time de futebol um momento em que podem muito mais do que jogar bola, mas que lhes possibilita também encontrar proteção (refúgio) e uma fonte de força para enfrentarem a cisnormatividade cotidiana, o time ganha status de família, categoria abordada e discutida por Pisani e Pinto (2021), a partir da recorrente evocação ao termo presente em diferentes campos (no caso mulheres cis que atuam em times de futebol feminino e integrantes do MBB):

... a categoria família aqui apresentada e problematizada, quando mobilizada pelas/os atletas mulheres cis e/ou homens trans, tem papel crucial para que esses sujeitos consigam construir estratégias de resistência e de pertencimento, da mesma forma que possibilita que os mesmos sujeitos se apropriem das práticas futebolísticas e desconstruam, em algum nível, as normas reguladoras que pairam sobre seus corpos e subjetividades (p. 9)

Família aqui não se refere ao grupo que coabita, um arranjo com hierarquias de gênero, geração e vínculos estabelecidos pela consanguinidade, mas um termo que parece se referir ao afeto e acolhimento propiciado pelo encontro semanal, a partilha de vivências, as orientações e auxílios, o apoio no processo de transição. Um núcleo que, além de proporcionar acolhimento e contribuir para a formação de seus/suas integrantes, possibilita a estes sujeitos também se fortalecerem e conseguirem “sobreviver a um mundo hostil à sua existência” (HALBERSTAM, 2018, posição 1.245).

Um dos desafios que se coloca para a continuidade da pesquisa, com o pesquisador novamente se encontrando e compartilhando vivências com seus interlocutores, é o de conseguir apreender a complexidade que envolve a constituição desses coletivos, sem romper com o pacto etnográfico estabelecido com interlocutores. Trata-se sobretudo de um esforço de adensar a compreensão sobre a construção dessas “famílias” formadas por sujeitos dissidentes das normas de gênero e sexualidade em torno da prática do futebol. Times de futebol que podem se constituir em lugares de acolhida, de fortalecimento e emancipação frente às formas de violência e discriminação que ainda se fazem sistêmicas e cotidianas.

Referências bibliográficas

ALBERT, Bruce. Postscriptum: Quando eu é um outro (e vice-versa). In KOPENAWA, Davi e ALBERT, Bruce. A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2015.

ALMEIDA, Guilherme. "Homens trans": novos matizes na aquarela das masculinidades. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 513-523, maio/ago. 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2012000200012>>.

ALMEIDA, CARVALHO, Raquel Reis. Homens inesperados: emergência pública de transmasculinidades na cena brasileira do início dos anos 2000. In: FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins. Direitos em disputa: LGBTI+, poder e diferença no Brasil contemporâneo. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

ALMEIDA, Heloisa Buarque de. Mulher em campo: reflexões sobre a experiência etnográfica. In: ALMEIDA, H. B.; COSTA, R. G.; RAMÍREZ GÁLVEZ, M.; SOUZA, É. R. de (Ed.). Gênero em Matizes. 1. ed. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2002. p. 49–80.

AULTMAN, B. Cisgender. In: Transgender Studies Quarterly. Postposttransexual: Key Concepts for a 21st Century Transgender Studies. Duke University Press Books, v. 1, n. 1-2, 2014. Disponível em: <<http://tsq.dukejournals.org/content/1/1-2/26.full.pdf>>

BRAZ, Camilo. "Eu já tenho nome" – Itinerários de homens trans em busca de respeito. In Habitus, Goiânia, v.16, n.1, pp. 162-176, jan./jun. 2018. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/6367>

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Judith. Corpos em aliança e a política das ruas: Notas performativas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

NASCIMENTO, Silvana de Souza. O corpo da antropóloga e os desafios da experiência próxima. *Revista De Antropologia*, 62(2), pp. 459-484. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.161080>>.

NERY, João W.; MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. Trans-homens no ciberespaço II: biopolíticas nos tecno-homens. In: BENTO, Berenice; FÉLIX-SILVA, Antônio Vladimir (ogs.). *Desfazendo gênero: subjetividade, cidadania, transfeminismo*. Natal, RN : EDUFRN, p. 105-129, 2015.

PIRES, Barbara Gomes. *A Gestão da Integridade: corpo, sujeição e regulação das variações intersexuais no esporte de alto rendimento*. Tese (doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020, 322 f.

PISANI, Mariane da Silva. "Sou feita de chuva, sol e barro": o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2018.

PISANI, Mariane; PINTO, Maurício Rodrigues. Expressões e corporalidades de mulheres cis e homens trans no ambiente futebolístico. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 29, n. 2, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n279331>>.

RUI, Taniele. Usos da "Luz" e da "cracolândia": etnografia de práticas espaciais. *Saúde e Sociedade* [online], v. 23, n. 104, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-12902014000100007>>.

SILVESTREIN, Julian Pegoraro e Vaz, Alexandre Fernandez. Transmasculinidades no esporte: entre corpos e práticas dissonantes. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 29, n. 2, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n279366>>.

VERGUEIRO, Viviane. Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. *Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade)* - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2015.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e alma: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

Entrevistas:

MARTINS, Raphael Henrique. Relatos concedidos a PINTO, Maurício Rodrigues. São Paulo, 29/01/2021 e 17/03/2021. Transcrito por Maurício Rodrigues Pinto e Aline Ribeiro.

SANTOS, Alex da Rocha. Relatos concedidos a PINTO, Maurício Rodrigues. São Paulo, 30/03/2021 e 31/03/2021. Transcrito por Maurício Rodrigues Pinto.

VIEIRA, Pedro. Relato concedido a PINTO, Maurício Rodrigues. São Paulo, 21/05/2020. Transcrito por Maurício Rodrigues Pinto.

Práticas corporais e pandemia no cotidiano das orlas de Petrolina-PE e Juazeiro-BA

Body practices and daily life during the pandemic on Petrolina-PE and Juazeiro-BA

Bartolomeu Lins de Barros Júnior

Doutorando da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília

Edson Marcelo Hungaro

Professor da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília

Resumo:

Trata-se de uma discussão em torno das práticas corporais em tempos de pandemia da Covid-19 nas orlas de Petrolina-PE e Juazeiro-BA, em 2020 e 2022. Período em que determinações político sanitárias alteraram os hábitos e comportamentos humanos. Com referência nos estudos do cotidiano de Agnes Heller e Gyorgy Lukács o trabalho conta com observação participante em campo e o uso de recursos imagéticos fotográficos sobre conteúdos da cultura corporal na região delimitada. Situa-se, no contexto da sociedade capitalista, onde a classe trabalhadora em vulnerabilidade sofre o impacto das consequências das crises econômicas e da emergência sanitária. Um período em que, por um lado, limita o acesso à cultura corporal e, por outro, possibilita sua vivência como estratégia arriscada para driblar os efeitos psíquicos e sociais da pandemia.

Palavras-chave: práticas corporais; pandemia; cotidiano.

Abstract:

This is a discussion about bodily practices in times of the Covid-19 pandemic on the borders of Petrolina-PE and Juazeiro-BA, in 2020 and 2022. A period in which political health determinations changed human habits and behaviors. With reference to the daily studies of Agnes Heller and Gyorgy Lukács, the work relies on participant observation in the field and the use of photographic imagery resources on contents of body culture in the delimited region. It is situated in the context of capitalist society, where the vulnerable working class suffers the impact of the consequences of economic crises and the health emergency. A period in which, on the one hand, it limits access to body culture and, on the other hand, makes it possible to experience it as a risky strategy to circumvent the psychic and social effects of the pandemic.

Keywords: bodily practices; pandemic; daily.

Introdução

O presente trabalho visa apresentar uma discussão acerca de práticas corporais no cotidiano das orlas de Petrolina-PE e Juazeiro-BA no contexto da pandemia de COVID-19¹. Para tanto, é necessário considerar que os impactos da pandemia afetam consideravelmente a classe trabalhadora em situação de vulnerabilidade social, na medida em que os dados epidemiológicos apresentam majoritariamente a prevalência dos casos e mortes da população negra e pobre.

Este recorte exige que se contextualize o modo como os seres humanos se reproduzem socialmente, pois não é possível desconsiderar que as formas de sociabilidade amparadas no sistema de produção capitalista se orientem pela ameaça à democracia, pela precariedade do trabalho e pela exploração desgobernada sobre os elementos da natureza. De tal sorte que o cenário que vai configurar o movimento da pandemia em todo o mundo, bem como as decisões políticas e econômicas se desenha sob o que Mészáros (2011) vai tratar como uma crise estrutural do capital.

¹ A primeira morte registrada por Covid-19 no Brasil foi dia 16 de março de 2020. Em 2 de junho de 2021, quando do início da sistematização das observações deste estudo, tinham morrido 467.408 pessoas. A maioria destes são pobres, negros e portadores de comorbidades. Informações disponíveis em <https://portal.fiocruz.br/observatorio-covid-19>.

Os países mais pobres e as populações mais vulneráveis, ao não terem acesso aos bens sociais de proteção, isto é, a satisfação de suas necessidades primárias, visto que são expostas às condições de precariedade do trabalho acabam sofrendo da assimetria que essa emergência sanitária mundial escancara. Nessas circunstâncias, é possível considerar que uma negação da corporalidade se consolida durante a pandemia como uma condição de confirmação da lógica em que essa sociedade se reproduz. Ou seja, por uma perspectiva de limitação do desenvolvimento humano atrelado à subsunção do trabalho ao capital². Isso implica considerar que a ameaça à existência biológica vai se tornando uma possibilidade, na medida em que o acesso aos recursos do gênero humano, tais como: os produtos da ciência e a noção ética do bem comum vão se caracterizando por políticas negacionistas articuladas aos interesses do capital.

Ao trazer a noção de corporalidade para a discussão, o artigo busca tratar das práticas corporais no cotidiano pandêmico a partir de uma ontologia do ser social (LUKÁCS, 2013), pois é na constituição do ser - mediada pela relação com a natureza e com outros seres humanos, através do trabalho - que a existência se põe em totalidade. O pressuposto que é assumido indica que a esfera social que integra o ser humano se traduz em uma corporalidade constituída e em desenvolvimento na existência socialmente posta. Assim, portanto, o ser social pressupõe, em seu conjunto e em cada um dos seus processos singulares, o ser da natureza inorgânica e da natureza orgânica (LUKÁCS, 2012). E mais precisamente:

As formas de objetividade do ser social se desenvolvem à medida que a práxis social surge e se explicita a partir do ser natural, tornando-se cada vez mais claramente sociais. Esse desenvolvimento, todavia, é um processo dialético, que começa com um salto, com o pôr teleológico no trabalho, para o qual não pode haver nenhuma analogia na natureza. A existência do salto ontológico não é anulada pelo fato de esse processo, na realidade ter sido bastante longo, com inúmeras formas de transição. Com o ato do pôr teleológico no trabalho está presente o ser social em si (LUKÁCS, 2012, P. 287).

² Por uma síntese baseada em (ZEFERINO, 2017), as implicações da subsunção formal e real do trabalho ao capital nas relações sociais têm origem na base material e são condição sine qua non para o acúmulo e expansão do capital. Assim, analisando a subsunção do trabalho ao capital de forma geral e em seus momentos históricos, encontra-se os nexos causais que decorrem desse processo e que o sustenta nas diversas mediações das relações sociais.

Ao apresentar a corporalidade como uma expressão genuinamente humana e constituída pelo desenvolvimento do ser social, ou seja, quando através da sensibilidade e da síntese de músculos, ossos e pele na elaboração do mundo dos seres humanos através do trabalho, o cotidiano vai se constituindo como resultado do começo e o fim de toda ação humana (LUKÁCS, 1966).

É no cotidiano das orlas de Petrolina-PE e Juazeiro-BA, onde o rio São Francisco representa um recurso fundamental para a sobrevivência no sertão nordestino, que o acervo da cultura corporal³ ribeirinha vai surgir para a satisfação das necessidades postas histórico e socialmente. A busca de respostas cunhadas pelo corpo humano aos desafios colocados pela paisagem nordestina suscita conteúdos fundamentais que servem para o desenvolvimento humano, para as gerações que os utilizarão para suprir suas necessidades materiais e espirituais.

Contudo, ao se tratar dos conteúdos da cultura corporal como possibilidades de desenvolvimento humano e social no contexto da crise sanitária global, depara-se com uma assimetria demarcada pelas contradições da sociedade de classes no capitalismo. Na medida em que no contexto de pandemia, a exigência de comportamentos protocolares de proteção aos riscos de contaminação configura outros quadros de possibilidades e/ou negação das vivências de conteúdos da cultura corporal.

Neste sentido, uma questão se coloca no contexto desta crise sanitária da pandemia de Covid-19: o que as práticas corporais no cotidiano das orlas de Petrolina-PE e Juazeiro-BA podem revelar da realidade? Assim, para dar conta minimamente desta questão, o texto busca na noção de cotidiano de Agnes Heller e Gyorgy Lukács explicar como as práticas corporais são utilizadas nesse contexto. Utiliza-se, ainda, de recursos imagéticos fotográficos registrados pelo próprio autor durante observações participantes⁴, juntamente com anotações em caderno de campo de

³ Segundo um coletivo de autores do campo da Educação Física, Cultura Corporal é uma área do conhecimento que se desenvolve a partir das práticas corporais. O conjunto dessas práticas corporais são criadas em tempos e espaços determinados historicamente e passadas de geração a geração, a exemplo dos jogos, lutas, ginásticas, esportes e o lazer (SOARES, 1992).

⁴ O emprego do método da observação participante (MINAYO, 1999) considera a possibilidade de maior

entrevistas abertas e informações dos sujeitos fotografados, bem como de lugares, horário das práticas, dos encontros dos grupos praticantes e outros elementos considerados úteis na observação.

O uso da fotografia, neste trabalho, funda-se nas suas possibilidades como documento para auxiliar as análises e somar ao texto acadêmico informações que possam descrever e explicar o fenômeno. Os registros realizados, nesse estudo, possuem uma intencionalidade, mas não se reduzem a um elemento de dado bruto. O uso deste recurso está de acordo com o que afirmam Salvagni & Silveira (2013, p. 6):

mesmo que as fotografias sirvam para justificar as análises textuais, complementem o discurso inscrito nas vivências de pesquisa e nas falas colhidas ao longo do trabalho de campo, ainda assim, há uma intenção em acoplar as imagens em separado da tese para enfatizar uma reflexividade do autor com a própria imagem. Isso nos dá a possibilidade de explicar a intencionalidade da imagem, através da cena, da luz, do conteúdo, do enquadramento e de demais elementos que compõe a imagem e, ao mesmo tempo, dá a liberdade para que o leitor tenha as suas próprias percepções diante da imagem que adotamos enquanto formato de arte.

As imagens deste trabalho foram realizadas em sua maioria nas sextas-feiras das 16h às 19h e em datas programadas de algum evento específico, entre outubro de 2020 e janeiro de 2022⁵. Foram atendidos os protocolos de segurança indicados pelos órgãos oficiais na pandemia.

Entre um pandemônio e a pandemia

Muitos estudos foram publicados analisando o impacto que a pandemia da Covid-19 provocou na vida social. Alguns amplificaram o cenário pandêmico a partir

inserção nos costumes e hábitos já presentes nas orlas de Juazeiro-BA e Petrolina-PE, aprofundando as análises sobre as práticas corporais que vão se destacar no período de restrições da pandemia. Ao permitir que incursões mais constantes no cotidiano se torna possível aproximações e relacionamento multilateral e com prazo relativamente longo entre os praticantes de conteúdos da cultura corporal nas margens do rio São Francisco.

⁵ A escolha dos dias e horários para fotografar se deve a disponibilidade do autor e pelas condições de segurança que foi identificada no campo. Os sábado e domingo foram considerados dias de maior frequência aos lugares antecipadamente definidos para a coleta do material, mas se tornou inviável a visita devido alguns grupos não estarem presentes com suas práticas regulares.

das contradições movidas no interior da sociedade capitalista e outros sinalizaram que há respostas à pandemia que podem ser uma oportunidade de rever a maneira como a sociedade se relaciona com a natureza.

Entre esses autores, o coreano Byung-Chul Han (2020) apontou, no início da pandemia, que o contexto de vigilância biopolítica se mostrou como uma tendência aproximada do fenômeno da ameaça do terrorismo, pois os indivíduos precisariam ceder aos procedimentos protocolares de acesso ilimitado a sua esfera. Tal empreitada vai ao encontro do ideário liberal ocidental que promove uma noção de liberdade do indivíduo que não autoriza expô-lo como objeto de vigilância. Apesar das conquistas ideológicas do liberalismo, levando em conta que seus princípios foram caros para o contexto final do modo produção feudal e a política dos soberanos, o pensador coreano levanta questões que importa para a presente discussão. A pandemia de Covid-19 pode consolidar uma biopolítica digital que se organiza sobre os corpos das pessoas, na intenção de controle, vigilância e disciplinarização, especialmente no domínio da saúde?

Byung-Chul Han ao refletir sobre o princípio da liberdade individual como postulado que traduz uma filosofia política e uma doutrina econômica pautada na proteção dos direitos individuais e da propriedade privada, que se desdobra no ideal de livre mercado, como fundamentos de países ocidentais, ao se deparar no contexto da pandemia global revela uma contradição e um impasse relevantes: na medida em que há urgência, pela necessidade de controle biológico e vigilância social exigidas para conter a contaminação dos vírus - que vai se tornando cada vez mais comum na vida contemporânea - o resultado é que as pandemias acabam por se apresentarem como formas agressivas nessa parte do mundo. Mesmo considerando o caráter mais explícito de que o capitalismo se desenvolve com a privação da liberdade individual, em especial a dos trabalhadores, para o pensador coreano,

O capitalismo como um todo está sendo transformado em capitalismo de vigilância. Plataformas como Google, Facebook ou Amazon nos monitoram e manipulam, a fim de maximizar seus lucros. Cada clique é gravado e analisado. Somos guiados como fantoches por fios algorítmicos. Mas nos sentimos livres. Estamos testemunhando uma dialética da liberdade, que a transforma em servidão. Isso ainda é liberalismo? (HAN, 2020, p. 4).

Por outro lado, Slavoj Žižek afirma que a pandemia exige “solidariedade

incondicional e de uma resposta globalmente coordenada, uma nova forma daquilo que certa vez se chamou de comunismo” (ZIZEK, 2020, p. 18). Esse pensador vai supor uma possível tendência que pode se tornar uma forma de viver similar à rotina imposta pela pandemia, quando o trabalho nos computadores será mais sistemático, as comunicações via videoconferência vão se tornar mais comuns e as práticas corporais vão se consolidar junto ao home office.

Zizek sugere uma perspectiva emancipatória por trás desse pesadelo vivido na pandemia. Nesse contexto, as cidades assumiriam outro ritmo em torno do consumo e do gasto de energia. Tal é o exemplo da cidade chinesa Wuhan e suas avenidas tornadas silenciosas; tendo como a diminuição dos níveis de poluição nas diversas paisagens naturais. Na soma desses aspectos contra distópicos, o autor toca em um ponto fundamental no que tange ao mundo capitalista: o tempo acaba por se tornar uma possibilidade e não um limite de redução da vida. O tempo seria liberto do que ele chama do agir desenfreado, do cotidiano dos objetivos e escolhas imediatas. De certo, a pandemia provocou uma nova forma de agir sem ter que registrar o ponto no trabalho e orientados pelo método da quarentena.

Para Ricardo Antunes (2020), a pandemia se tornou um fenômeno dos interesses do capital, cujo modo de produção implica em relações que são propícias para a ampliação da contaminação. Desse modo, parece ter com isso vantagens para justificar o acúmulo de riqueza. Devendo, portanto, capitalizar a política do “deixar para trás as vidas improdutivas”, como bem lembrou Dunker (2020).

Tal relação revela como o cenário atual se tornou um pandemônio bem estruturado e ordenado para o que esta discussão vá indicar como uma negação e destruição da cultura corporal. Algo que se desenvolve bem antes da pandemia da Covid-19, mas que segundo Antunes se desnuda na tragédia atual, pelos inúmeros de corpos enterrados sem despedidas nas covas enlameadas no país. A pandemia no Brasil tem distinção de classe: os mais afetados são os trabalhadores e as trabalhadoras pobres e em sua grande maioria negros e negras⁶.

Os dados da pesquisa Pnad Covid-19 vão apresentar que os pretos e pardos somam 20% dos 19 milhões de brasileiros que foram afastados do trabalho em maio de 2020 e os brancos 16,1%. Entre eles, 9,7 milhões ficaram sem remuneração. Dos que

⁶ Os dados da pesquisa da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Covid-19 realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e iniciada em 4 de maio de 2020, vai medir os efeitos do novo coronavírus sobre a população na saúde e no mercado de trabalho.

conseguiram trabalhar em home office, apenas 9% dos pretos e pardos tiveram acesso, enquanto 18% das pessoas brancas aderiram a essa iniciativa. E entre os que se afastaram do trabalho, cerca de 33,6% das trabalhadoras domésticas sem carteira assinada se somaram a outros trabalhadores informais e de outros do setor de serviços. No total, o número de desempregados nesse período no país apontou 12% da população de pretos e pardos, enquanto 9% eram brancos.

O impacto da pandemia vai mostrar como a perda de direitos, os problemas ligados ao meio ambiente, os modelos políticos que se assanham contra a democracia são resultados dos interesses do capital que afetam o acesso à cultura corporal e a todo o patrimônio cultural inerente. A postura negacionista de governantes e membros de representantes da sociedade civil diante da pandemia da covid-19 só indica o quanto se quer ocultar o pandemônio e a intensificação do aniquilamento dos corpos da classe trabalhadora.

Nesse contexto, o acesso ao conteúdo da cultura corporal e as possibilidades de desenvolvimento humano ficam garantidos aos que atuam no cotidiano dominando as estratégias mais eficazes sobre a pandemia, ou seja, são beneficiados os que possuem espaços, tempo e conhecimento para escolhas seguras sobre as vivências de práticas corporais na pandemia. Revelando-se, portanto, que é uma pandemia do capital, com as características definidas de uma sociedade de classes.

Antes da pandemia os altos números de desempregados no Brasil e EUA refletia bem a crise que o capital vive na atualidade. As consequências disso aparecem nas formas de exploração de trabalho e de precarização expandida no mundo todo. Segundo Antunes,

antes da pandemia, mais de 40% da classe trabalhadora brasileira encontrava-se na informalidade ao final de 2019. No mesmo período, uma massa em constante expansão de mais de cinco milhões de trabalhadores/as experimentava as condições de uberização do trabalho, propiciadas por aplicativos e plataformas digitais, o que até recentemente era saudado como parte do “maravilhoso” mundo do trabalho digital, com suas “novas modalidades” de trabalho on-line que felicitava os novos “empreendedores”. Sem falar da enormidade do desemprego e da crescente massa subutilizada, terceirizada, intermitente e precarizada em praticamente todos os espaços de trabalho (ANTUNES, 2020, p. 9).

Para este autor, tal condição de existência vai refletir nos altíssimos índices globais

de mortalidade e miserabilidade na totalidade da classe trabalhadora. Assim, diante da constatação de tamanho impacto, implicado pela crise econômica e sanitária, o trabalhador não encontra os meios para sobreviver pelo seu trabalho.

Tal cenário aprofundado pela Covid-19 vai revelar que a apologética expressão de “aproveitar a crise para ficar atento às oportunidades” se concretiza para empresas que já se sobressaíam no atual estado de crise econômica, mas que ganhou aceleração pela urgência sanitária. Os relatórios financeiros e os interesses de investimentos em ações de empresas farmacêuticas, sistemas de ensino a distância, bem como as tecnologias de lazer virtual e redes sociais, como também as plataformas digitalizadas de e-commerce, que tendem ao monopólio comercial, são exemplos claros de como o mundo se movimenta na atualidade.

O que não se expõe é que a riqueza se acumula com o trabalho humano vivo. Assim, nesta etapa histórica do capitalismo a invisibilidade dos trabalhadores é discurso fetichizado, na medida em que o trabalho precarizado na produção de elementos químicos, nos modelos de ensino digitalizados e nos serviços oferecidos pelas plataformas virtuais é escondido pela relação aparente com os softwares de interação e consumo.

Antunes parece estar certo ao reivindicar que se trata muito próximo do sentido de um pandemônio o que se vive no presente, quando uma associação de pessoas que detém o poder para promover guerras, desordens e precarização das condições de sobrevivência potencializa seus impactos ao encontrar “oportunidades” com fatos críticos como a pandemia. Tal fenômeno se arrasta pelos continentes e sobre populações em condições de vulnerabilidade de todos os tipos. Isso tem se mostrado como a normalização própria do capitalismo, um modo de produção que desenvolveu formas de estar no mundo pela violência, através do risco iminente de morte e do trabalho precarizado. Uma condição para que o cotidiano se manifeste de maneira naturalizada pelas estruturas que se aprofundam, ainda mais, na contradição entre o capital e o trabalho durante a pandemia.

O cotidiano

Na introdução, já é possível identificar que a perspectiva dos estudos do cotidiano almejados na discussão se desdobra por um viés crítico e norteados pelos achados de

autores marxistas. Tais autores que constituem a chamada Escola de Budapeste, liderados pelo filósofo húngaro Gyorgy Lukács, avançam sobre as interpretações marxistas derivadas do projeto do socialismo real e com críticas ao marxismo soviético e de viés stalinista. A crítica se pretende uma renovação marxista pautada na revisão de postulados da tradição marxista e assume posturas relevantes no domínio da política. Netto (2012) mostra que os pressupostos daquela tradição (soviética e stalinista) são enfraquecidos ao não dar conta de compreender o movimento da Europa oriental e das sociedades capitalistas ocidentais.

Tal orientação e inspiração da Escola de Budapeste se fazem pelo contato com obras fundamentais de Marx que não tinham sido expostas até 1932, a exemplo dos Manuscritos econômico-filosóficos de 1844 e a Ideologia Alemã em sua totalidade, redescoberta em 1933.

O conhecimento de tais textos trouxe muitas perspectivas analíticas ao debate marxista. Abriu-se, entre outras possibilidades, uma perspectiva para a discussão do trabalho como “essência humana”, bem como foram trazidas as bases para uma compreensão crítica do cotidiano. Tais perspectivas tiveram que ser desenvolvidas sempre “driblando” o controle do marxismo oficial.

É com Lukács (1966; 2012; 2013) que a temática do cotidiano vai atravessar a tradição marxista e influenciar uma série de estudiosos. A partir de sua obra sobre a estética, o filósofo vai desenvolver a noção de arte passando pelo cotidiano e partindo da categoria trabalho como referência para as diversas formas de práxis sociais. Desta forma, uma análise histórica e crítica possibilitou que o cotidiano fosse compreendido na relação entre o processo de objetificação humana e as circunstâncias da realidade em sua expressão social e natural, assim, distante das interpretações deslocadas da vida material (notadamente aquelas que compreendiam o transcorrer do cotidiano como experiências autônomas, fortuitas e desprovidas de determinações).

A investigação do pensamento cotidiano é uma das áreas menos pesquisadas até o presente. Há muitos trabalhos sobre a história das ciências, da filosofia, da religião e da teologia, mas são extremamente raros os que se aprofundam em suas relações recíprocas. Em virtude disso, resulta claro que justamente a ontologia se eleva do solo do pensamento cotidiano e nunca mais poderá tornar-se eficaz caso não seja capaz de nele voltar a aterrar - mesmo que de forma muito simplificada, vulgarizada e desfigurada (LUKÁCS, 2012, p. 30).

Para Lukács, o cotidiano é um espaço vivido de saberes constituídos e funcionais às atividades práticas e imediatas. Essas atividades são mais bem compreendidas pelo conceito de práxis - que para Lukács se trata das respostas dos seres humanos às necessidades que surgirem em suas relações com a natureza e com outros humanos, em forma mais complexas e historicamente situadas. Tal elaboração advém do entendimento de que o trabalho funda o ser social (LUKÁCS, 2013). O autor vai mostrar, por exemplo, a maneira como a ciência ascende a partir do pensamento e da práxis da cotidianidade, predominantemente pelo trabalho, e sempre retornando ao trabalho, "fecundando-o".

Apesar de reconhecer o cotidiano como solo genético das atividades humanas mais elaboradas, Lukács alerta para o fato,

de que a origem de nossas representações ontológicas está na cotidianidade não significa que podem e devem ser aceitas acriticamente. Ao contrário. Tais representações estão repletas não apenas de preconceitos ingênuos, mas com frequência de ideias manifestamente falsas que, se às vezes provieram da ciência, nela penetraram oriundas sobretudo das religiões etc. etc. Entretanto, a crítica necessária não autoriza descurar desse fundamento cotidiano. O prosaico e terreno senso do cotidiano, alimentado pela práxis diária, pode de quando em quando constituir um saudável contrapeso aos modos de ver estranhados da realidade das esferas "superiores". Porém, do ponto de vista de uma ontologia do ser social, talvez o mais importante seja aquela ininterrupta interação que tem lugar entre teorias ontológicas e práxis cotidiana (LUKÁCS, 2012, p. 30).

É pelo trabalho como uma mediação entre o ser humano e a natureza que se desenvolve o que Lessa (2000) denomina, a partir do texto de Lukács, de "mundo dos homens". Ou seja, o processo de desenvolvimento do ser humano ocorre com as transformações que acontecem por esse ato humano do trabalho sobre a natureza e no próprio ser humano. Essa mediação é crucial para a reprodução da espécie e do gênero⁷, ou seja, é no trabalho que se identifica a criação do novo constantemente, para dar conta dos problemas que aparecem no dia a dia. Embora, nesse sentido, a humanidade nunca esteve pronta, mas vai se constituindo distanciando-se da dependência das esferas orgânicas e inorgânicas, que estão incluídas em sua determinação social derivada do desenvolvimento de suas objetivações. Por isso que o ser humano, para

⁷ Segundo Duarte (2013), a formação do indivíduo como um ser humano é a sua formação como um ser pertencente ao gênero humano. Tal consideração se faz pela possibilidade de uma abordagem histórica da formação do indivíduo. Enquanto espécie, deve-se se considerar o longo processo de evolução da vida e sua legalidade específica e imanentes que vincula a esfera biológica ao desenvolvimento do ser social.

Lukács, é um ser que se objetiva e assim, graças a tal singularidade, realiza um complexo social que vai se configurar (com particularidades) pela cultura, costumes e valores, em diferentes momentos históricos, em partes constituintes da totalidade.

Ao se objetivar, o ser humano é um ser que dá respostas aos problemas encarados no próprio mundo que irá ser desenvolvido. Nesse intuito de se manter vivo, o agir humano vai se caracterizando definitivamente como social, produzindo, portanto, a própria vida numa relação “espontaneamente materialista”, como diz Lukács (2012). Desse modo, a partir daí surgem rotinas, costumes e modos particulares de reação aos objetos em volta. Tal estrutura que se ergue materialmente, pelas vontades e necessidades humanas, caracteriza-se como o espaço da vida cotidiana. Na relação que se estabelece, incorporam-se saberes que se tornam úteis para o bom “funcionamento” no cotidiano. Tais saberes são elaborações heterogêneas derivadas dessa relação do ser humano com a natureza e com ele mesmo, neste sentido, são os resultados das eficácias ou dos erros acumulados frente aos problemas do mundo criado. Contudo, para o entendimento da realidade vão se colocar por várias representações de mundo que se apresentam de formas contraditórias entre si. Nesse sentido, Lukács alertar que pode coexistir aí a consciência humana com representações idealistas, religiosas, supersticiosas etc (LUKÁCS, 1966; 2012).

Uma demanda de necessárias soluções e encaminhamentos para cumprir as necessidades humanas derivadas de uma vida social mais complexa exige que os saberes sejam eficazes para que o ser humano garanta sua sobrevivência. Contudo, muitas vezes o acesso ao conhecimento incorporado na vida cotidiana pela obtenção de soluções de sucesso não é apreendido por razões diversas, restando ao indivíduo e à comunidade o acionamento de elaborações que não passam pelo patrimônio do gênero humano. São pensamentos e teorias originárias de mistificações, superstições, idealizações e passagens religiosas que acabam se tornando referências incorporadas no cotidiano.

Em uma obra mais tardia, Lukács trata como esse teor irracionalista pode se efetuar como recurso sistematizado nas teorias de filósofos importantes do século XX⁸, desse modo, as explicações sobre a realidade se colocarão em várias esferas da vida com esse padrão mistificado. Assim, a negação do real pela ausência de conhecimento

⁸ Tanto no livro de 1954 *A destruição da razão* (2020) como de sua obra maior *Para uma ontologia do ser social*, em especial no volume I (2012), Lukács vai enfrentar uma produção filosófica que ele as coloca no conjunto de concepções decadentes da burguesia.

da origem dos fenômenos e processos sociais favorecerá esse empenho sistemático das teorias idealistas e irracionais. A vida cotidiana então se desenvolve por uma complexidade social que revela uma imbricada teia de saberes contraditórios que serão recrutados em busca de respostas às imposições das causalidades naturais e sociais.

Mas Lukács nos mostra que buscar compreender o cotidiano a partir de suas determinações está longe de ser algo prioritário ao indivíduo, pois a ele demanda aquilo que lhe é útil e prático. Por isso, as respostas que se colocam ao indivíduo no cotidiano são imediatamente práticas. Desse modo, as circunstâncias que se desdobram na dinâmica social exigem elaborações do momento para o indivíduo enfrentar os problemas presos pelo imediato. Assim, é neste cenário que o ser humano atua e se reproduz. Avançar sobre essa teia de imediatismo prático é uma necessidade do ser humano para que se desenvolva fora dessa legalidade condicionada. Para tanto, é preciso acionar a abstração sobre os fenômenos e compreender as causalidades impostas para além das analogias recorrentes. É preciso saltar do cotidiano e retornar a ele com o conhecimento elaborado com as conquistas do gênero humano, trata-se, por exemplo, tanto da ciência como da arte, a fim de um esclarecimento sobre as dificuldades vividas.

Neste sentido, recobra-se a questão principal que origina a presente discussão, quando que práticas corporais vivenciadas em tempos de pandemia podem contribuir para o entendimento da realidade. Diante disso, entende-se que o cotidiano como esfera da vida não se apresenta reduzido em objetivações que impedem o desenvolvimento humano por estar nos limites das reações imediatas, mas por assim ser, demanda outras objetivações enriquecidas das conquistas do gênero humano que possibilite uma reprodução social com referências fora do eixo das determinações sociais que o ordenamento capitalista imputa.

O cotidiano da pandemia

A pandemia da Covid-19 alterou relevantemente o cotidiano, assim, expressões como “novo normal” têm sido usadas para representar uma realidade marcada pela necessidade de alteração nos hábitos e comportamentos. Já, exigências como quarentena, lockdown, distanciamento social, uso de máscaras, higienização das mãos são técnicas que rearranjam os indivíduos socialmente.

Heller (2008) diz que a vida cotidiana possui uma estrutura, ou seja, não se atua no tempo e espaço sem qualquer determinação. Como os seres humanos vivem em uma sociedade que se organiza e se reproduz pelo modo de produção capitalista, a cotidianidade é demarcada por essa estrutura. Frente a tal definição se redobra a atenção quando essa quadra histórica é substancialmente demarcada desde o início de 1970, por fenômenos sociais importantes que iriam expor uma crise sem precedentes no sistema capitalista. Esses fenômenos interferem fundamentalmente no movimento de reprodução que passará a adquirir as características de uma crise estrutural com impactos em todas as esferas da vida. Esse contexto é acentuado com contradições irrompidas em 2008 com a crise financeira mundial (NETTO, 2012).

Esse contexto impactou a vida em diversos aspectos, tanto da esfera orgânica que passa pela degradação dos ecossistemas, como interferiu nas formas de organização social. Nessa crise de totalidade, desvios de normalidade vão se mostrando, a partir do aparecimento de pandemias cada vez mais frequentes e relacionadas com a destruição maciça de florestas tropicais⁹.

Já, citado logo acima, os efeitos desta crise na vida social caem como avalanche sobre a classe trabalhadora, produtora dos bens que cobrem as necessidades tanto da vida como do capital. Precarizada em seus modos de vida, a classe trabalhadora acaba sofrendo com mais eminência dos problemas causados pela crise estrutural, fundamentalmente pela condição de pauperização ser princípio para o acúmulo de riqueza dos proprietários do capital.

Neste contexto, os patrimônios ambiental, cultural e econômico decaem em seus conteúdos e formas. Desse modo, o empobrecimento é constatado no aniquilamento das populações originárias e periféricas urbanas, na destruição dos ecossistemas e na mercantilização da produção cultural. Sem considerar que o conhecimento produzido para encarar tais problemas é, muitas vezes, referenciado na própria imediatez que acontece os fenômenos, no furor dos acontecimentos, na aparência de como se mostra a realidade.

Diante dessas constatações teóricas e do movimento desses fenômenos, a

⁹ A médica María Neira, diretora de Saúde Pública e Meio Ambiente da Organização Mundial da Saúde (OMS) relata que a pandemia do coronavírus é mais uma prova da perigosa relação entre os vírus e as ações do ser humano sobre a natureza. Ela afirma que vírus como ebola, sars e HIV, entre outros, saltaram de animais para os seres humanos como consequência dos desmatamentos. Ver reportagem do jornal El País acessado em 24 de março de 2022 e disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-02-06/70-dos-ultimos-surtos-epidemicos-comecaram-com-o-desmatamento.html>.

pandemia da Covid-19 se impõe provocando formas de organização da vida social que merecem ser analisadas levando em conta o que é de fato o cotidiano, considerando o que Lukács trata como começo e fim de toda a atividade humana. Na medida em que a pandemia supõe um “novo normal” com uma configuração de tempo e espaço com exigências próprias para conter o vírus, pode ser que a análise sobre a realidade sintetize que essas mudanças são autênticas. Mas, fundamentalmente, nada se altera nas relações de produção que caracteriza o capitalismo. Portanto, as mudanças soam na superficialidade, pois as formas de sociabilidade permanecem as mesmas e as respostas aos problemas advindos dessas formas ficam nos limites do modo de produção.

Agnes Heller (2008), de acordo com Lukács, afirma que “a vida cotidiana é a vida de todo homem” (p. 31), pois todos os seres, ao nascerem, esbarram em uma materialidade social já dada. É nela que os indivíduos vão se ajustar para dar conta das necessidades das esferas orgânica e social. Porém, quando uma pandemia se constitui como ameaça à existência biológica, as atividades humanas que são partes orgânicas da vida cotidiana, tais como: o trabalho, a vida privada, o lazer e a atividade social sistematizada, necessitam que seja alterada sua hierarquia. Mas como o capitalismo determina as relações, essa modificação possui resistência.

O ser humano participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias (Ibidem). Mas Heller diz não ser possível que o ser humano, em respostas aos problemas do cotidiano, possa investir aquelas capacidades em toda sua intensidade, visto que haverá outros tipos de problemas que exigirão outras mobilizações e prioridades. Portanto, frente à pandemia, é fundamental acertar as escolhas das atividades de respostas (sobrevivência) entre a heterogeneidade que há na vida cotidiana. E neste caso, àquelas atividades cotidianas, próprias dessa forma social capitalista, não perdem o sentido, mas precisam ser apropriadas para oferecer respostas às ameaças à existência orgânica e social.

As práticas corporais no cotidiano da pandemia nas orlas de Petrolina-PE e Juazeiro-BA

Através da fotografia como registro imagético do cotidiano, o estudo busca

identificar o acervo dos conteúdos da cultura corporal vivenciados na paisagem sertaneja em um território importante para a economia nordestina. Antes, servindo como base para os povos originários e quilombos montados em fugas adentrando o continente, passa a ser lugar de exploração dos colonizadores em busca de riquezas minerais e ocupação dos bandeirantes; também, amparando as cidades que passam a se concentrar em suas margens, o rio São Francisco se tornar um lugar de escoamento da economia local e desenvolvimento cultural e; atualmente, suas águas servem, ainda, para a produção de energia, para o agronegócio e a indústria do turismo.

As mudanças nessa paisagem têm revelado problemas ambientais que afetam o rio no domínio da crise estrutural que vai exigir o acúmulo de riqueza no mais alto nível de exploração, com o desmatamento da mata ciliar para a monocultura de commodities, a poluição urbana e agroindustrial, além do descontrole sobre o processo de irrigação, a dependência dos trabalhadores rurais do período de entressafras e o uso indiscriminado de agrotóxicos.

A paisagem se modificou tanto quanto as formas de experiência com o rio. Dessa forma, com a diminuição da pesca, a ausência de lavadeiras e do transporte fluvial, os ribeirinhos se misturam aos transeuntes em vias demarcadas por bares e turistas regulares, atualizando a memória desses lugares através da vivência dos diferentes conteúdos da cultura corporal atrelados às danças, lutas, ginásticas, jogos, esportes e o lazer como práticas corporais que vão traduzir tanto a resistência da cultura tradicional ribeirinha, como as expressões da institucionalização do corpo.

No contexto da pandemia da Covid-19, essa paisagem parece se configurar como um paradoxo relevante. As respostas oferecidas no cotidiano determinado pelas legalidades do capitalismo encontrarão outros problemas ainda mais trágicos e que desnudam e potencializam as contradições reconhecidas. Desse modo, exigindo assim novos saberes que possam proteger a espécie e o gênero humano da ameaça real e imediata do novo coronavírus e o risco de morte. Destarte, esses saberes podem se caracterizar como práticas corporais que assumem uma relação para além de sua expressão corporal imediata e vai buscar intencionalidades sociais mais explícitas e orientadas pelas normas atualizadas, bem como sua transgressão.

O registro imagético das práticas corporais nas orlas

Com o auxílio dos registros imagéticos e das observações participantes em campo, descreve-se e se analisa as diferentes experiências com conteúdos da cultura corporal, identificados nas margens do rio São Francisco em Petrolina-PE e Juazeiro-BA¹⁰.

O caso das Maratonas Aquáticas desafia o entendimento da realidade, na medida em que essa prática passa a revelar as contradições desse contexto. Na figura nº 0, a imagem mostra uma barca levando 120 atletas, subindo o rio há 3.5km do local de chegada, em janeiro de 2022. No plano central, vê-se um único atleta usando máscara cirúrgica ao buscar atender às orientações protocolares oficiais. Tal fato vai traduzir o paradoxo que o estudo anuncia com a pandemia, sendo que a ação vai contrariar os ordenamentos gerais que costumam orientar o senso comum, partilhado pela maioria.



Figura 1: Atletas participantes de Maratona Aquática

Fonte: arquivo pessoal

Essa imagem parece representar bem o tensionamento entre as respostas que aparecem diante da pandemia. É o encontro no cotidiano de objetivações distintas, em que o acionamento de saberes fora do senso comum aparece como mobilização de prioridade específica.

¹⁰ As imagens apresentadas foram selecionadas em resposta à questão central do estudo, mas o acervo é bem mais amplo e possível de acessar pelo perfil do projeto fotográfico concluído como parte do resultado deste estudo. Tal empreendimento foi premiado na segunda chamada do edital da Lei Aldir Blanc de Pernambuco em 2021, possível de conferir no perfil da rede social Instagram, disponível no endereço eletrônico <https://www.instagram.com/culturacorporalepandemia/>.

No caso do futebol, seu jogo tem suas variações no trato com a bola. Os fundamentos necessários ao jogo, tais como: drible, o cabeceio e o passe, por exemplo, acabam se configurando como parte de novos jogos criados dentro do futebol. O jogo de "Altinha" é um conteúdo dessa cultura corporal praticada em todo o país, mas que em Juazeiro-BA caracteriza-se como um tipo de jogo em que os componentes, em círculo, devem dominar a bola tocando um para o outro, sem deixá-la cair ao chão e buscando o erro de algum componente. Sem dribles, sem gol e adversário definido os jovens brincam de altinha (figura nº 02) atuando no território invisível que se transformou a pandemia. Tal metáfora é possível na medida em que mais de 650 mil pessoas perderam a vida no país, além de que, em Juazeiro-BA, uma semana antes desta fotografia, os leitos de UTI estavam com ocupação máxima.



Figura 2: Jovens jogam Altinha na orla de Juazeiro-BA – Fonte: arquivo pessoal

Esse contexto de enfrentamento da pandemia tem como uma das principais armas o distanciamento social, que é tido como uma das medidas eficazes para supressão da transmissão da COVID-19. Estimativas indicam que tal recomendação pode salvar milhões de vidas durante a pandemia¹¹. Porém, esse arranjo causa impactos consideráveis no comportamento humano e altera significativamente o cotidiano e as relações sociais. Inclusive, uma consequência que marcou a vida nesses últimos anos é o apontamento da expansão de doenças mentais devido ao isolamento¹².

¹¹ Medidas de distanciamento social salvam milhões de vida segundo trabalho divulgado por pesquisadores da Unicamp. Disponível em <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/estudo-matematico-liderado-pela-unicamp-demonstra-eficacia-do-distanciamento-social>.

¹² Segundo a Organização Pan-americana de Saúde a Pandemia de COVID-19 desencadeou aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão em todo o mundo. Disponível em <https://www.paho.org/pt/noticias/2-3-2022-pandemia-covid-19-desencadeia-aumento-25-na-prevalencia-ansiedade-e-depressao-em>.

Em todas essas práticas corporais apresentadas no texto, os jovens parecem atuar em respostas à ausência de socialização durante longo período de restrições referentes ao isolamento. Mas mesmo nesses períodos foi possível identificar as pessoas vivenciando diferentes práticas corporais individuais e coletivas. Esse comportamento teve apoio oficial tanto em 2020 pela Unesco e o Conselho Ibero Americano do Esporte, quanto em 2021 pelo Fórum Nacional de Secretários de Estado de Esporte¹³. Para a primeira instância,

O isolamento obrigatório e autoimposto revelou, com singular evidência, a importância da atividade física, do exercício e dos hábitos saudáveis para manter uma vida sadia, no equilíbrio físico, intelectual e emocional. Resignificar social e politicamente a relevância e a função insubstituível da atividade física e do esporte do desenvolvimento integral do ser humano, é um desafio para o mundo do esporte e uma necessidade para a sociedade toda (ANDRÉS, 2020).

É importante considerar que os decretos governamentais buscaram ajustar protocolos para as práticas corporais e o uso dos espaços para as mais diferentes práticas e seu consumo. Contudo, ficou quase que impossível dar conta da fiscalização nos espaços públicos para essa decisão. O espaço e tempo protocolado pelas restrições é um objeto de estudo que merece atenção, na medida em que foram ocupados sob contradições notáveis em todo período das observações e registros deste estudo.

O esforço dessas instâncias públicas não se deu tão facilmente, na medida em que a relação entre governos e o movimento olímpico e esportivo em geral tem um grau de complexidade. Essa relação perpassa por interesses comerciais consideráveis. Assim, diante disso, a UNESCO e o Conselho Ibero Americano do Esporte passam a tratar a pandemia como um contexto que merece uma resposta imediata. Segundo Andrés (2020, p. 5), "Presenciamos uma conjuntura excepcionalmente favorável para reconfigurar a relação dos governos com o movimento olímpico, o mundo empresarial, o universo científico e acadêmico e, orientá-la para uma política mais racional e colaborativa".

A citação acima se encontra no sumário executivo do texto relatório liderado pelo presidente honorário do Conselho Ibero Americano do Esporte. Mas é possível constatar

¹³O Fórum Nacional de Secretários de Estados de Esportes emitiu carta aberta à sociedade incentivando a prática de esporte como essencial no período da pandemia. Disponível em <https://fphand.com.br/home/forum-nacional-dos-secretarios-de-estado-de-esportes/>.

que tem o mesmo tom das bravatas empreendedoras que se assumem em tempos de crise. “A oportunidade está aí e quem enxerga em tempos de crise tem grandes horizontes” é o mote indicado na doutrina do choque formulada por Naomi Klein (2008). No livro que discorre sobre a ascensão do capitalismo de desastre, Naomi inicia sua introdução citando frases de parlamentares republicanos e empresários que enxergam no desastre do furacão Katrina em Nova Orleans, uma chance de abocanhar grandes oportunidades: impostos menores, pouca regulamentação, trabalhadores mais baratos. (KLEIN, 2008, p. 13) O congressista Richard Baker havia declarado que “Nós finalmente fizemos a limpeza dos prédios públicos de Nova Orleans. Nós não podíamos fazer isso, mas Deus fez” (Ibdem). Ao tempo em que um rico empreendedor, Joseph Canizaro, tocava no mesmo tom: “Acho que nós temos um terreno limpo para começar de novo. E com esse terreno limpo, temos algumas oportunidades muito grandes” (Ibdem).

Um aprofundamento dessas relações seria uma contribuição importante para compreender as políticas de enfrentamento à Covid-19. Especialmente por se tratar de um texto produzido até outubro de 2020, quando havia pouco conhecimento sobre uma pandemia que foi alertada oficialmente em 11 de janeiro de 2020, na cidade de Wuhan na China, quando da primeira morte registrada.

Mas a ameaça não se instalava sobre as vidas apenas, mas sobre toda uma forma de produzi-las. Assim, portanto, o impacto que a economia mundial sentiu precisaria de remédios de todos os tipos. Neste sentido, o esporte assumiria sua institucionalização para impulsionar não só vidas, mas também a economia. Para Lídia Brito, diretora do Escritório Regional de Ciências da UNESCO para a América Latina e o Caribe, “a partir do esporte, devemos pensar na reconstrução social e econômica de nossos países. O esporte não pode ficar isolado das discussões nacionais e internacionais que vêm ocorrendo sobre a recuperação durante e após a crise” (UNESCO, 2020).

O esporte institucionalizado, na representação das organizações internacionais, ligas, clubes e nas figuras de seus profissionais sofreram um impacto econômico considerável na suspensão e adiamento de eventos grandiosos, a exemplo dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de Tóquio. Além disso, uma hipótese a ser investigada é o quanto os governos foram acionados para atenderem aos apelos dessas instituições e organizações nesse contexto de crise sanitária.

Portanto, é preciso considerar, neste estudo, que há determinações importantes sobre as práticas corporais em tempos de pandemia que estão nos discursos

motivacionais e orientadores de cartas abertas ao público e de cartilhas justificadoras das práticas esportivas em uma das maiores crises sanitárias que o mundo já sofreu.

Talvez esportes de raquetes na região possam esclarecer de que forma as práticas corporais atuam como respostas sobre a pandemia. Entre as práticas corporais que se mantiveram durante toda a pandemia o destaque vai para o frescobol. Praticado em local já costumeiro na orla de Juazeiro-BA, passou a ser uma alternativa considerada como segura pelos seus praticantes, quando assumem que respeitam as rotinas e protocolos exigidos oficialmente.



Figura 3: Jogo do Frescobol na orla de Juazeiro-BA
Fonte: arquivo pessoal

A figura nº 03 ilustra bem como o jogo de frescobol representa uma prática inserida nos cuidados sanitários exigidos na pandemia. Contudo, é possível identificar na imagem que alguns outros meios de proteção são necessários de acordo com as orientações oficiais. O uso da máscara é comprovadamente eficaz, mas ocorre que os praticantes se sentem sufocados ao usá-la, especialmente quando a temperatura média da região fica nos 35º graus centígrados.

Torneios de Beach Tennis e práticas esportivas que envolvem redes divisórias de quadras, tais como: o futevôlei, começaram a se propagar na região, no início de 2020. Coincidência ou não é notável o aumento dessas práticas e seus praticantes, bem como as construções de espaços comerciais para sua prática na região.

É conhecido que os conteúdos da cultura corporal surgem como necessidades humanas postas historicamente. O esporte como uma institucionalização dos jogos que

atualiza o que se encontra nas relações sociais da modernidade pode indicar a forma como a sociedade se reproduz. No contexto da pandemia da Covid-19, quando percebidas como referencial para o desenvolvimento da saúde, tais práticas acabam sendo justificadas para a melhoria das funções imunológicas e para a defesa do organismo diante dos agentes infecciosos. No entanto, enquanto práticas corporais praticadas nos formatos coletivos e delimitadas por espaços específicos, sofreram com as restrições sanitárias. O que fez com que as pessoas passassem a vivenciar práticas corporais individualizadas e em ambientes considerados seguros do ponto de vista sanitário.

Com os centros de serviços de ginásticas fechados em longos períodos de 2020, devido aos decretos governamentais, as pessoas passam a realizar práticas corporais sistematizadas de forma online dentro de suas residências ou nos parques quando autorizados. A figura 04, mostra a prática de ginástica calistênica por jovens durante esse período dos decretos e de toques de recolher como medidas restritivas governamentais¹⁴



Figura 4: Jovens praticam calistenia na orla de Juazeiro-BA
Fonte: arquivo pessoal

Mas é possível, ainda, que essas práticas corporais possam ser compreendidas como lazer no contexto da pandemia, na medida em que acabam sendo vivenciadas no tempo e espaço constituído pelas orientações de restrição sanitária. Não apenas o fechamento das empresas, mas também as alterações nos horários de funcionamento

¹⁴ A Prefeitura de Juazeiro resolveu seguir o Decreto Estadual nº 20.259, de 28 de fevereiro de 2021, que prorrogou o toque de recolher para toda a Bahia, das 20h às 5h, até o dia 8 de março. Disponível em: <https://www.juazeiro.ba.gov.br/prefeitura-de-juazeiro-convalida-decreto-de-toque-de-recolher-na-cidade/>.

de trabalho e das obrigações escolares possibilitaram que muitas pessoas pudessem ter essas práticas como esse tipo de respostas aos problemas da pandemia.

Na figura 05, jovens se encontram na beira do rio São Francisco em Petrolina-PE para se banhar e brincar com suas bicicletas em horário que em condições de normalidade estariam dentro da escola assistindo aulas presencialmente.



Figura 5: Jovens brincam de bicicletas e se banho nas margens do rio São Francisco em Petrolina-PE - Fonte: arquivo pessoal

Mas ao vivenciar a dimensão do lazer para mediar as condições objetivas postas, os jovens parecem atuar sempre em contradição, pois não respondem adequadamente aos riscos de sua existência biológica. Assim, mesmo que assumam respostas aos danos psicológicos e sociais que a pandemia provoca, as suas escolhas expressam um sentido fragmentado, pois a pandemia exige uma adequação à materialidade posta que seja mediada por uma ação social orientada pela experiência da humanidade e suas conquistas científicas em totalidade, ou seja, é preciso superar a imediatividade que se estabelece no cotidiano¹⁵.

A pandemia da Covid-19 afetou os jovens em diversas esferas da vida. Algo que já era possível de constatar com o cenário da crise econômica e social que impacta o presente e o futuro das juventudes no Brasil. São fatores que se ampliaram sobre a

¹⁵ O contexto de riscos a saúde e a vida exigem cuidados redobrados para conter a pandemia e evitar a contaminação. Aprender formas de convivência com a pandemia exige que outros modos de vida precisem desenvolvidos. O exemplo das cidades chinesas que voltam a ter restrições como a quarentena, fechamento de escolas, trabalho na modalidade home office e a ameaça de interromper as cadeias de suprimentos novamente, após 2 (dois) anos do início da pandemia, indica que é preciso alerta mundial sobre outra onda de contaminação. Mais informações disponíveis na reportagem de Zubaidah Abdul Jalil e Annabelle Liang, Covid: por que China volta à 'estaca zero' da pandemia com novo surto da doença BBC News em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60757266>.

saúde mental, a segurança alimentar, o processo educativo, a vida profissional e econômica. Segundo o Atlas das Juventudes no Brasil (CONJUVE, 2021), em 2020, a tendência a sentimentos negativos marcou a questão da saúde mental como tema prioritário entre jovens. Mais de um ano após o início da pandemia, 6 a cada 10 jovens relataram ansiedade e uso exagerado de redes sociais; 5 a cada 10 sentem exaustão ou cansaço constante; e 4 a cada 10 têm insônia ou tiveram distúrbios de peso. No cotidiano de parte dessa juventude, as escolhas e estratégias diante da pandemia parecem assumir, em certa medida, respostas aos danos psicológicos e sociais provocados.

Mas Agnes Heller vai dizer que “é adulto quem é capaz de viver por si mesmo a sua cotidianidade” (HELLER, 2008, p. 33). Mas os jovens fotografados parecem não assimilar e dominar a manipulação adequada das coisas que são imprescindíveis à vida na cotidianidade. Ou seja, os elementos necessários para garantir que as relações sociais em uma condição de pandemia sejam seguras, carecem dos novos valores derivados dos grupos que estabelecem os costumes, as normas e a ética necessária para o enfrentamento do cotidiano pandêmico.

Para não reduzir as análises sobre os jovens e, especialmente os do gênero masculino, a próxima imagem foi registrada após divulgação do boletim epidemiológico do dia 28 de janeiro de 2022¹⁶, quando em Juazeiro-BA, 100% dos leitos de UTI para pacientes com Covid-19 estavam ocupados. A figura 06 vai mostrar uma família se encontrando e confraternizando na orla de Juazeiro-BA, após vários meses de isolamento social conforme as orientações oficiais.



Figura 6: Grupo familiar se confraternizando na orla de Juazeiro-BA
Fonte: arquivo pessoal

¹⁶Boletim Epidemiológico diário da cidade de Juazeiro-BA estar disponível em <https://www.juazeiro.ba.gov.br/covid-19-juazeiro-registra-novos-casos-no-boletim-epidemiologico-desta-sexta-feira/>.

O período de pandemia trouxe grande impacto sobre as famílias, inclusive, alguns se mantêm até os dias atuais em distanciamento social para proteção do grupo. Além disso, os dados de separação de casais aumentaram. Filhos ficaram órfãos de ambos os pais, alguns membros foram contaminados pelos próprios familiares, que por alguma medida não conseguiram dar conta dos hábitos e comportamentos exigidos pela pandemia. Depois de algum tempo, no "novo normal", as pessoas demandaram viver tempos livres das obrigações protocolares da crise sanitária. Todos necessitaram de encontros para dar conta dos afetos e cuidados.

Diante dos registros e observações expostas nesse artigo, acredita-se que a classe trabalhadora tem assumido estratégias arriscadas de transgressão do cotidiano imposto pela pandemia, para garantir o desenvolvimento de suas potencialidades. Fica evidente a falta de acesso às condições ideais e de políticas sanitárias de apreço à vida e que assegurem a segurança neste contexto de crise sanitária. No plano de fundo desta imediatividade, ainda ocorre nessa pandemia do capital, como diz Antunes, um impacto profundo sobre a totalidade corpórea humana, como exposto logo acima. Nessa linha de pensamento, as políticas econômicas afetam direitos trabalhistas, os problemas ligados ao meio ambiente, os modelos políticos que se assanham contra a democracia e um conjunto de interesses do capital que impedem o desenvolvimento humano pelo patrimônio cultural criado pelos próprios trabalhadores.

As condições objetivas para essas práticas da cultura corporal não estão dadas para a classe trabalhadora no contexto da pandemia. Se comparadas essas vivências com outras que se operam nos espaços assépticos dos milionários e pelos privilégios proporcionados no ambiente virtual, acessados por serviços ofertados por empresas que vão encabeçar as instâncias mais lucrativas nesse período, constatar-se-á a desigualdade social que se estabelece no país.

As demandas pelo lazer e a fruição na arte e nas práticas corporais se elevaram substancialmente nesses tempos de pandemia, pois o sofrimento se ampliou em todas as esferas da vida. Desse modo, o sentido da vida foi reduzido pela incerteza sobre o futuro. Diante desta configuração de mundo, o cotidiano se tornou um espaço e tempo de transgressões arriscadas no imediatismo. Nada diferente do que sempre foi incorporado no pandemônio da ordem capitalista, onde morrer como pobre e como negro ou nas condições das minorias tornou-se um costume.

Considerações finais

O artigo buscou apresentar uma definição de cotidiano baseados em Lukács (1966; 2018). O filósofo defende que o ser humano como indivíduo (singular) é, simultaneamente, ser particular e ser genérico. Quando busca responder aos problemas no cotidiano, ou seja, numa situação concreta, o indivíduo se esbarra no imediatismo e fica limitado as orientações do senso comum. No entanto, o cotidiano é um campo onde é possível objetivações enriquecidas que acionam o patrimônio do gênero humano, a exemplo da ciência e das artes, para resoluções complexas.

Diante deste pressuposto, a discussão aqui empreendida buscou nas práticas corporais realizadas nas margens do rio São Francisco nas cidades de Petrolina-PE e Juazeiro-BA respostas quanto aos problemas e desafios postos pela pandemia da Covid-19 no que tange às relações sociais, ao acesso ao lazer, às alterações na paisagem urbana, à precarização do trabalho e aos aspectos relacionados ao esporte como campo de interesse do capital.

A constatação de relevância se faz pelas estratégias utilizadas pelos trabalhadores e trabalhadoras, representados por jovens e suas famílias, em resposta aos problemas gerados no contexto da pandemia numa tentativa fora das barreiras do imediatismo do cotidiano. O que se viu foram esforços para superar as limitações e consequências dadas pelo isolamento social, mesmo que se arriscando em driblar as restrições e protocolos sanitários, através de práticas corporais de costumes da região. Práticas essas que carecem do acúmulo dos saberes científicos para segurança sanitária em suas vivências. Pois se acredita que a pandemia lançou novas formas de lidar no cotidiano que exige saberes que não estão dados no imediato.

Talvez sejam possíveis, ainda, com os registros imagéticos fotográficos, as observações e as análises realizadas, subsidiar questões importantes e urgentes de proteção e preservação do rio da integração nacional. Identificando, também, as principais referências culturais com a participação das comunidades ribeirinhas, sinalizando sua importância para a qualidade de vida das pessoas e a proteção das águas. Essa é uma demanda clara, tendo em vista que há uma escassez de informações e conhecimentos sobre as atuais formas de viver e sua relação com a preservação do rio na região.

Referências bibliográficas

ANDRÉS, Fernando Cáceres. O esporte em tempos de pandemia: um olhar desde ibero-américa. UNESCO e Consejo Iberoamericano del Deporte, Tradução: Patricia Belo. Covid-19 Resposta, 2020.

ANTUNES, Ricardo. Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado. São Paulo: Boitempo. E-book, 2020.

CONJUVÉ. Juventude e a pandemia do coronavírus. 2ª Edição, Relatório Nacional do Conselho Nacional de Juventude, maio de 2021.

DUARTE, Newton. A individualidade para si. 3ª ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Prefácio à edição brasileira. (In): ZIZEK, Slavoj. Pandemia: covid-19 e a reinvenção do comunismo. São Paulo: Editora Boitempo, 2020.

HAN, Byung-Chul. O coronavírus de hoje e o mundo de amanhã. Jornal El País Seção Ideais. Edição de 22 de março de 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/ideas/2020-03-22/o-coronavirus-de-hoje-e-o-mundo-de-amanha-segundo-o-filosofo-byung-chul-han.html>

HELLER, Agnes. O cotidiano e a história. 8.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

LESSA, Sérgio. Mundo dos homens: trabalho e ser social. São Paulo: Instituto Lukács, 2000.

LUKÁCS, Georg. Estética 1: la peculiaridad de lo estético. s.d., v.1. Barcelona: Grijalbo, 1966.

LUKÁCS, Gyorgy. Para uma ontologia do ser social. Vol I, São Paulo: Editora Boitempo, 2012.

LUKÁCS, Gyorgy. Para uma ontologia do ser social. Vol II, São Paulo: Editora Boitempo, 2012.

LUKÁCS, Georg. Introdução a uma estética marxista: sobre a particularidade como categoria da estética. São Paulo: Instituto Lukács, 2018.

KLEIN, Naomi. A doutrina do choque: a ascensão do capitalismo de desastre. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MÉSZÁROS, Istvan. Para além do capital: rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Editora Boitempo, 2011.

MINAYO, M. C. S. (org.) Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1999.

NETTO, José P. BRAZ, Marcelo. Economia política: uma introdução crítica. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SOARES, Carmem. (Coletivo de Autores). Metodologia da Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.

SALVAGNI, Julice. SILVEIRA, Marco Antônio Negri da. Discursos Imagéticos: a fotografia como método da pesquisa social. Anais Eletrônicos do II Encontro História, Imagem e Cultura Visual - 8 e 9 de agosto de 2013 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Porto Alegre – Brasil GT História, Imagem e Cultura Visual – ANPUH-RS, 2013.

ZEFERINO, Bárbara Cristhinny G. Subsunção do trabalho ao capital entraves para a emancipação do trabalho. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. Revista Eletrônica Arma da Crítica. Nº 8/outubro 2017.

ZIZEK, Slavoj. Pandemia: covid-19 e a reinvenção do comunismo. São Paulo: Editora Boitempo, 2020.

A modernização da tradição da cultura: um relato de experiência do projeto “Capoeira no Corpo e no Livro”

The modernization of cultural tradition: an experience report about the project "Capoeira no Corpo e no Livro"

Camila Souza de Jesus

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEDU/UFBA)

Deivison dos Santos Braga

Mestrando em História da África, da diáspora e dos povos indígenas (UFRB)

Paulo Cesar da Silva Gonçalves

Doutorando no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEDU/UFBA)

Bruno Otávio de Lacerda Abrahão

Professor adjunto do departamento de Educação Física, Faculdade de Educação e no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU/UFBA)

Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo narrar a experiência do Projeto “Capoeira no corpo e no livro” - um diálogo com a cultura afro-brasileira através da literatura de cordel contemplado por edital público promovido pela Secretaria Municipal da Educação de Salvador/ BA que visava promover o ensino da cultura popular em escolas do município. As restrições de atividades tidas como não essenciais e o distanciamento social sugeridos pelas autoridades sanitárias em todo o país fizeram com que as atividades tivessem que ser adaptadas para o formato remoto, experiência inédita para os mestres e mestras que participaram do Projeto. Nesse sentido, optamos pelas videoaulas, de forma assíncrona para que os/as discentes pudessem assistir aos conteúdos em consonância com seus responsáveis. Para além disso, com a implementação deste projeto, tivemos que ressignificar a nossa prática, antes presencial, o que nos fez refletir a pensarmos sempre em avaliarmos o nosso trabalho.

Palavras-chave: Capoeira; Covid-19; Ensino Remoto; Tradição; Modernidade .

Abstract:

The present work aims to narrate the experience of the project "Capoeira no corpo e no livro" - a dialogue with Afro-Brazilian culture through cordel literature through a public notice promoted by the Municipal Department of Education of Salvador / BA. This larger project aimed to promote the teaching of popular culture in municipal schools. The restrictions on activities considered non-essential and the social distancing suggested by the health authorities across the country meant that the activities had to be adapted to a remote format –an unprecedented experience for the mestres who participated in the Project. In this sense, we opted for asynchronous video classes, so that students could watch the content alongside their guardians. In addition, with the implementation of this project, we had to reconsider our own practices, previously exclusively performed in-person, which made us reflect over what we have always used when evaluating our work.

Keywords: Capoeira; COVID-19; Remote teaching; Tradition; Modernity.

Introdução

Os modos de vida, os conhecimentos adquiridos com o tempo, forma de vestir, falar de uma pessoa ou de um grupo, pode ser considerado como a cultura de um local ou de uma região. Segundo Bandeira (1995), o estudo da cultura humana é feito a partir da avaliação da convivência de indivíduos em diferentes grupos, através das mais diversas formas de vivência. Para conhecer o homem como ser cultural, é necessário antes de tudo a experimentação do modo de vida do objeto estudado, ou seja, para se entender a cultura de um povo, é preciso estar inserido em seu convívio diário, tendo assim não só o conhecimento teórico, mas também prático da cultura estudada.

A cultura é um processo dinâmico através do qual valores, costumes e saberes são passados intergeracionalmente. Neste processo as novas gerações vão sendo orientadas por novas concepções de mundo que ganham terreno na hegemonia da atribuição de significados às coisas do mundo. Com efeito, ele se mostra tenso na medida em que o antigo vai concorrendo com o moderno na coexistência do velho com o novo. Enquanto em alguns campos a tradição perde espaço, em outro ela é ressignificada. A cultura da capoeira é um fenômeno dado neste universo.

Herança dos africanos escravizados radicados no Brasil, a transmissão dos saberes da capoeira prima pela oralidade, pela relação próxima entre mestre (a) e discípulo (a) que se dá pelo convívio quase diário nos treinos e rodas enquanto experiência do lazer. Abib (2017) afirma que a vida em comunidade é um fator essencial para que a Cultura Popular resista às transformações sociais impostas pela modernidade. Portanto, segundo o autor, o ensino da Cultura Popular, acontece de forma coletiva, próxima, através da convivência.

A pandemia causada pelo novo Coronavírus chegou ao Brasil em março de 2020. Com a chegada do vírus ao país, medidas de restrições foram estabelecidas como forma de inibir o avanço da contaminação. Consequentemente, atividades comerciais e escolares foram paralisadas, permanecendo apenas aquelas atividades entendidas como essenciais para a sociedade.

Entre as atividades impactadas no período, estão as vivências populares e o ensino da cultura popular afro-brasileira como a Capoeira. Em função do reconhecimento da roda como um saber ritual e do ofício do mestre serem reconhecidos como Patrimônio Cultural Brasileiro, a capoeira recebeu a atenção de alguns editais que objetivavam manter viva a cultura da capoeira no contexto da crise da pandemia, à exemplo da Lei Aldir Blanc que durante o período pandêmico contemplou, através de editais, diversas atividades relacionadas ao universo da Capoeira.

Um dos projetos que foram desenvolvidos no contexto da pandemia foi o projeto "Capoeira no Corpo e no Livro". O projeto desenvolvido pela Fundação Mestre Bimba, com o título *Capoeira no Corpo e no Livro - um diálogo com a cultura afro-brasileira através da literatura de Cordel*, foi aprovado no edital Capoeira Viva nas Escolas, da Prefeitura Municipal de Salvador, através da Fundação Gregório de Mattos (FGM), órgão responsável pelo fomento e apoio da arte e da Cultura na cidade em parceria com a Secretaria Municipal de Educação (SMED), que buscou através deste edital promover a aplicação da Lei 10.639 que prevê o ensino de arte e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas de todo país.

A justificativa do ensino da capoeira e da cultura afro-brasileira na

educação formal assenta-se no entendimento que a função social da escola é legar um patrimônio historicamente produzido pela humanidade. Se entendemos que a capoeira, o maculelê, a puxada de rede e o samba de roda são conteúdo da riqueza cultural da humanidade, não há outro sentido das escolas incluírem entre os saberes que elas ensinam no seu cotidiano aquilo que é uma produção brasileira a partir do legado da cultura africana. Adiciona-se a isso o fato deste ir ao encontro da implementação da Lei 10.639 que trata da obrigatoriedade do ensino da cultura afro-brasileira nas escolas e as recomendações decorrentes do plano de salvaguarda da roda e do ofício dos mestres de capoeira como patrimônio cultural da humanidade.

Embora não tenha sido um edital com vistas a atender às demandas dos mestres em função da pandemia, ele foi desenvolvido no seu início, em que a doença ainda estava sendo conhecida, não havia perspectiva de vacina para população e de uma profusão de discursos negacionistas sobre a eficácia das orientações da ciência. Essa é a problemática que permeia este trabalho. Dessa forma, a pergunta que nos orienta é: **Como a equipe promotora do projeto percebeu a experiência da realização deste projeto que promoveu o ensino e a aprendizagem da cultura popular da Capoeira, Maculelê, Puxada de Rede e Samba de Roda?** Nosso objetivo é **narrar a intervenção do ensino remoto (online) destes elementos da cultura afro-brasileira.**

O projeto foi desenvolvido pela Filhos de Bimba Escola de Capoeira, durante os anos de 2020 e 2021. É considerável ressaltar que o perfil dos mestres e mestras que atuaram no projeto são de pessoas negras, onde a maioria está acima dos quarenta anos de idade com ensino básico incompleto, que residem em diferentes bairros das periferias de Salvador. Alguns destes possuem como ofício apenas o ensino de capoeira e não têm outras formas de trabalho remunerado. Todos possuem celulares e redes sociais, porém não costumam fazer uso destas ferramentas para o trabalho de docência, e precisaram aprender a ensinar utilizando-se de dispositivos eletrônicos e de gravações de videoaulas.

O texto está organizado da seguinte forma: em um primeiro momento, apresentar quem foi o Mestre Bimba e a Regional e posteriormente narrar como foi a experiência da participação neste projeto.

Ao elaborarmos o projeto Capoeira no Corpo e no Livro, desde seu início, optamos pelo tipo de pesquisa qualitativa, por entendermos que a nossa concepção buscava trabalhar com as especificidades da cultura afro-brasileira pautadas nas subjetividades culturais que permeiam a Capoeira, o Maculelê, a Puxada de Rede e o Samba de Roda. Perspectiva semelhante tivemos com a Literatura de Cordel, pois, iríamos, também, partir das subjetividades dos cordelistas e de obras que versassem sobre a capoeira.

Nesse sentido, para apresentarmos uma ação social pelo projeto, escolhemos o gênero acadêmico denominado de Relato de Experiência (RE), isso porque esse tipo de texto busca se afastar de concepções da modernidade no que concerne a práticas engessadas, por exemplo, e se aproxima de características da pós-modernidades, que, entre outros aspectos, privilegia as novas narrativas e o trabalho colaborativo entre autores. Para além disso, de acordo com Daltro e Faria (2019, p. 226), “Pressupõe-se no RE um trabalho de concatenação e memória, a elaboração de um acontecido que como vê seu relator, invocando suas competências reflexivas e associativas, bem como suas crenças e posições de sujeito no mundo”.

É nesta direção que trouxemos este RE, porque compreendermos a importância e relevância do projeto Capoeira no Corpo e no Livro e não queremos deixá-lo engavetado, pelo contrário, queremos que ele seja conhecido, divulgado e, se possível, tomado como parâmetro para projetos outros, ressignificado ou em sua integralidade.

Mestre Bimba e a Capoeira Regional

A capoeira é atualmente uma das manifestações da cultura afro-brasileira mais difundida em todo o mundo. Sua origem negra, egressa da escravidão e praticada por atores das classes sociais menos favorecidas acumulava uma série de representações que contribuíam para uma construção social negativa associada à capoeira. Se hoje temos a roda de capoeira e o ofício dos mestres registrados como patrimônios imateriais da cultura brasileira, muito se deve a ação daqueles que pavimentaram este caminho para retirar a capoeira da marginalidade e transformá-la em um veículo de educação.

Manoel dos Reis Machado, nasceu na cidade de Salvador no ano de 1899 e morreu em 1974, em Goiânia/GO. Devido à criação da Capoeira Regional, o Mestre Bimba, como é conhecido, se tornou um dos homens negros mais conhecidos no mundo inteiro, e seu legado atravessa gerações e fronteiras, levando a Capoeira a ser reconhecida em 2008 como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela Unesco. Além disso, o Mestre Bimba teve uma grande relevância no reconhecimento da capoeira como esporte nacional em 1953 pelo então presidente do Brasil, Getúlio Vargas.

Mestre Bimba é um dos principais expoentes da memória da capoeira no Brasil. A história da sua vida aponta sobre as ações voltadas para a descriminalização e a legitimação da capoeira e de elementos da cultura afro-brasileira nas primeiras décadas do século XX.

A Capoeira Regional é a filosofia criada pelo Mestre Bimba entre os anos de 1918 e 1928, caracterizada por possuir método de ensino, princípios, rituais e tradições próprias (NENEL, 2018). Dentro do método de ensino deixado pelo Mestre Bimba, destaca-se “o pegar na mão pra gingar”, que era o modo em que o Mestre Bimba ensinava o primeiro movimento da Capoeira Regional: a ginga. Entre os princípios deixados pelo criador da Capoeira Regional, encontram-se o gingar sempre, e jogar sempre próximo ao seu parceiro/oponente: “GINGAR SEMPRE. Ele mesmo nos pegava pelas mãos em nossa primeira aula, nos ensinando a gingar. Neste primeiro contato físico com aquele homem recebíamos uma enorme carga de energia que permanecia para sempre conosco” (DÓRIA, 2017, p.30).

Antes marginalizada, a capoeira na concepção do Mestre Bimba passa a ser entendida como um importante veículo de educação. O professor Carlos Eugênio Líbano, no filme-documentário Mestre Bimba – A Capoeira Iluminada, declara que “Bimba se comporta como um educador”. Compreendemos a capoeira como um dos conteúdos tanto da educação, presente nas escolas institucionalizadas para a aprendizagem do conhecimento historicamente produzido pela humanidade, quanto do lazer, vivenciada em programas de políticas culturais de salvaguarda da roda e do ofício dos mestres de capoeira como patrimônio imaterial brasileiro e da humanidade.

A perpetuação da Capoeira Regional em tempos de pandemia

Manoel Nascimento Machado (Mestre Nenel), filho do Mestre Bimba e atualmente principal difusor do trabalho de seu pai, afirma que Capoeira Regional é a filosofia criada pelo Mestre Bimba entre os anos de 1918 e 1928, caracterizada por possuir método de ensino, princípios, rituais e tradições próprias (NENEL, 2018). Isso porque a Capoeira Regional não é praticada apenas nos treinos ou durante a roda, mas ela está presente em todos os momentos da vida de um capoeira. O Mestre Nenel (2018) apresenta os métodos da “Pedagogia da Regional” como as etapas da aprendizagem da Capoeira Regional: a ginga, exame de admissão, sequência, cintura desprezada, ritmos de jogos, os movimentos (traumatizantes, desequilibrantes, projeção e ligados) e cursos de especialização.

Entre os princípios deixados pelo criador da capoeira regional, encontram-se o gingar sempre e jogar sempre próximo ao seu parceiro/oponente. Porém, pegar na mão para gingar e/ou jogar sempre perto do seu companheiro são ações impossibilitadas pelo advento da pandemia, uma vez que uma das principais formas de se combater o contágio da doença é o distanciamento social. Para ajudar no combate à disseminação do vírus, os médicos e especialistas do mundo inteiro sugeriram um distanciamento mínimo de 1 metro e meio a 2 metros por pessoa. Além disso, as restrições de atividades presenciais impostas pelo poder público não permitiam a realização de encontros presenciais de grupos, o que impossibilitou a realização de treinos e rodas de capoeira.

A inviabilidade das aulas presenciais de Capoeira Regional, ocasionada pela Pandemia do novo coronavírus, provocou uma grande mudança na rotina dos mestres e mestras da Cultura Popular e no modo transmissão deste saber, provocando uma grande alteração na tradição originada pelo Mestre Bimba. Para o antropólogo Roque de Laraia (2001), a cultura é uma vivência dinâmica que pode se modificar por uma ação interna do próprio grupo, ou por fatores externos. Estas mudanças podem acontecer de forma atenuada, ao longo de muitos anos e muitas vezes de forma quase imperceptível ao olhar da sociedade, ou de um jeito abrupto como se deu no caso das vivências populares no período pandêmico.

Esse novo modelo de ensino da Capoeira permitiu porém que os mestres ampliassem ainda mais o seu ciclo de alunos, podendo estar presente, mesmo que

remotamente, em diferentes lugares. Até a chegada do vírus ao país, não era comum aulas e encontros online para o estudo das culturas populares, algo que se tornou muito comum no Brasil desde março de 2020. Desta forma, estrangeiros e brasileiros que residem em outros países passaram a ter um contato mais permanente com seus mestres. É possível, portanto, que o formato de ensino remoto continue a fazer parte da rotina de grupos que trabalham com a Cultura Popular, mesmo após o controle da pandemia, e com a possibilidade de encontros presenciais atendendo às necessidades daquelas pessoas que estão mais distantes.

O Projeto Capoeira no Corpo e no Livro: do presencial ao digital

O projeto foi aprovado para a execução no ano de 2020 em duas escolas públicas municipais de Salvador: a Escola Municipal Padre José de Anchieta e a Escola Municipal Cidade de Jequié. Ambas localizadas no bairro da Federação, próximo ao centro da cidade, e deveria acontecer com atividades presenciais, porém teve o seu formato alterado devido à chegada do Novo Coronavírus ao Brasil.

No cronograma original, as atividades aconteceriam nas escolas duas vezes por semana, em turno oposto às aulas, ou seja, aqueles estudantes que estudavam no turno matutino participariam do projeto no vespertino, e aqueles que estudavam no vespertino, participaram no matutino. A escola Cidade de Jequié também atende estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), estes poderiam escolher qual o melhor horário para participar do projeto.

No plano de aulas, constavam atividades de capoeira, maculelê, puxada de rede e samba de roda, que seriam ministradas pelos mestres, mestras e educadores da Filhos de Bimba Escola de Capoeira, coordenada por Manoel Nascimento Machado (Mestre Nenel), filho do Mestre Bimba, criador da Capoeira Regional. Também estavam previstos encontros com o Mestre Bule-bule, um dos principais representantes da Literatura de Cordel do Estado da Bahia. O trabalho, em conjunto dos educadores da Filhos de Bimba com Bule-bule, iria gerar a produção de novos cordéis sobre a capoeira feitos pelos estudantes das duas escolas.

Também constava no plano de curso da Secretaria de Educação, que fosse realizado para os mestres e educadores que iriam trabalhar no projeto, uma

formação em temas relevantes ao ambiente escolar, saber: Relações de Raça e Gênero, Educação Inclusiva e Diversidade Cultural. Para cumprir esta determinação, foi feita uma reunião que durou cerca de 4 horas, onde estes assuntos foram discutidos em conjunto com a coordenação pedagógica do projeto. Optamos por uma formação interna, uma vez que as pessoas que estavam na produção e coordenação do projeto possuem formação acadêmica ou vivências de militância nestas áreas.

Em 2020, ano de execução do projeto, o ano letivo nas escolas municipais de Salvador estava previsto para iniciar no início do mês de março, logo após o carnaval. Aproveitamos o período de recepção dos estudantes para a divulgação do projeto. Durante dois dias, visitamos as duas escolas, com diversos alunos, mestres e educadores da Filhos de Bimba, para que o corpo escolar tivesse um contato inicial com a Capoeira Regional e com o trabalho desenvolvido pela Filhos de Bimba. Durante estas demonstrações, alguns alunos das escolas que já praticavam capoeira em seus bairros, participaram das pequenas rodas de capoeira feitas nas duas escolas, conforme apresentaremos a seguir:



Imagem 01 - Escola Municipal Cidade de Jequié logo depois de roda de apresentação do projeto. Fonte: Arquivo dos (as) pesquisadores (as)

Na semana seguinte demos início ao trabalho nas escolas, e logo depois, o vírus da Covid-19 chegou ao Brasil, o que resultou no fechamento de escolas, faculdades, shoppings centers e outros espaços públicos. No Estado da Bahia, as atividades não essenciais foram encerradas a partir do dia 17 de março, através Decreto estadual Nº19529 publicado em 16/03/2020. Sem saber quanto tempo duraria as restrições de atividades, a Secretaria Municipal de Educação resolveu esperar pelo retorno das atividades presenciais, pois a esperança da maioria da população era de que essas restrições durassem poucos meses, o que não aconteceu, e meses depois, foi solicitado pela Smed o retorno do projeto com adaptação para o formato digital.

O método de execução do projeto, ficou sob responsabilidade da Fundação Mestre Bimba. A princípio, foi pensado em aulas síncronas para que os alunos pudessem ter algum contato com os mestres mesmo que através de uma tela de computador, ou de celular, porém a dificuldade financeira das famílias destes alunos não possibilitou este modo de execução, uma vez que a maioria dos estudantes não possuíam aparelhos de comunicação digital, e para assistirem às aulas precisariam utilizar os celulares de seus responsáveis, que mesmo em período de restrição de atividades presenciais, continuavam trabalhando fora de casa. Além disso, a maior parte dos alunos não possuía acesso à internet em suas residências, ou possuía uma conexão de baixa qualidade, o que poderia ocasionar dificuldades na execução das atividades. Para além disso, os mestres que ministraram as aulas, naquele primeiro momento, não sabiam utilizar os serviços de conferência remota como Zoom, Jitisi, Meet, etc.

Diante das dificuldades de acesso à internet, expostas pela gestão das escolas, ficou definido que a continuidade do projeto se daria por meio de videoaulas previamente gravadas. Desta forma, os estudantes poderiam ter acesso ao conteúdo do projeto a qualquer momento, apesar de haver a possibilidade de diálogo com os educadores e educadoras do projeto. O material foi produzido na sede da Fundação Mestre Bimba, seguindo todos os protocolos de prevenção à contaminação pelo vírus, e ao fim, entregue à Secretaria Municipal de Educação para que posteriormente fosse disponibilizado para os estudantes.



Imagem 02 - Videoaulas gravadas
Fonte: Arquivo dos (as) pesquisadores (as).

Este formato também impossibilitou a proposta de produção de cordéis feitos pelos estudantes com a orientação do Mestre Bule-bule. Por questões de segurança, a participação de Bule-bule, que o período das gravações das aulas já tinha mais de 70 anos de idade, também acabou não acontecendo, uma vez que ainda não havia vacinação contra a covid-19 e naquele momento pessoas acima dos 60 anos e aquelas com alguma comorbidade eram as mais afetadas pela doença. Inicialmente, a ideia era que ao final do projeto, houvesse um evento com capoeira, maculelê, puxada de rede e samba de roda, com integração de toda a comunidade escolar, a saber: gestoras das duas escolas, docentes e discentes, pessoal administrativo, merendeiras, pais, mães e/ou responsáveis etc., e alunos e professores da Filhos de Bimba Escola de Capoeira. Na ocasião, também, seriam apresentadas as produções de literatura de Cordel realizadas durante o projeto. Com a alteração para o formato digital do projeto, este encontro não pôde ser realizado.

A experiência de gravação de aulas

A gravação de videoaulas foi uma novidade para todos e todas da Filhos de Bimba Escola de Capoeira. Até o momento, os educadores e educadoras da instituição, só haviam dado aulas de forma presencial, e no caso da capoeira, seguindo a metodologia de ensino criada pelo Mestre Bimba.

O mestre Nenel, enquanto coordenador do projeto, acompanhou e orientou a produção de conteúdos em que as crianças e adolescentes das duas escolas participantes pudessem

reproduzir os movimentos ensinados com segurança, reafirmando assim um dos princípios deixados pelo criador da capoeira regional, de cuidado com a integridade física do praticante da capoeira. Essa foi uma das principais preocupações da equipe do projeto, pois nas aulas presenciais de capoeira, o professor ou o mestre está por perto e sempre atento aos seus alunos, cuidando para que eles não se machuquem, em especial quando se trata de crianças, porém com as videoaulas não havia essa supervisão.

No projeto original, a maior parte carga horária seria destinada às aulas de capoeira. Em cada escola havia duas turmas: uma pela manhã e outra no período da tarde, e em cada turma haveria um educador ou educadora que ficaria responsável pelas aulas de capoeira do início ao fim do projeto. Caberia a esses quatro educadores o ensino dos movimentos básicos da capoeira, da musicalidade e de outros aspectos da capoeiragem, além da história da Capoeira Regional. Já as atividades com samba de roda, maculelê, puxada de rede e literatura de cordel, com carga horária menor, seria orientada por um professor ou professora especialista em cada uma das manifestações culturais, que assumiria todas as turmas das duas escolas. No formato digital, as aulas de capoeira foram divididas por temas como: movimentos básicos, movimentos traumatizantes, história e musicalidade, e cada educador ficou responsável por um destes temas.

Outra importante alteração no projeto, aconteceu no ensino dos instrumentos musicais: berimbau e pandeiro, que são os instrumentos utilizados nas aulas e rodas da Capoeira Regional, e os utilizados nas outras manifestações culturais (samba de roda, maculelê e puxada de rede), que são os atabaques, xequerê e agogô. O aprendizado desses instrumentos, dão-se através da prática e diante dessa impossibilidade, apenas foi falado sobre a importância e o papel destes elementos para a composição de uma vivência, show ou apresentação destas atividades.

Capoeira

As atividades com capoeira, foram as únicas que tivemos oportunidade de realizar também presencialmente. No dia 10 de março, demos início aos encontros nas quadras das duas escolas, e os estudantes puderam experimentar a capoeira a partir da metodologia de ensino criada entre os anos de 1918 e 1928 pelo Mestre Bimba com a apresentação de movimentos básicos como a ginga, a guarda-baixa e a negativa. Os mestres contaram com a ajuda de um aluno da Filhos de Bimba Escola de Capoeira, que os auxiliaram durante o

Projeto. Estes auxiliares também participaram das gravações das videoaulas.

As primeiras gravações demandaram mais tempo, pois foi necessário pensar formas de criação de conteúdos que fizessem com que as crianças não apenas assistissem às aulas, mas que elas participassem das atividades, reproduzindo e repetindo os movimentos ensinados pelos mestres. Além de se ter o cuidado para que estas aulas gravadas estivessem de acordo com os princípios e metodologias de ensino da capoeira regional. Várias discussões foram feitas entre a coordenação pedagógica, o mestre Nenel e demais mestres na busca do melhor caminho a ser percorrido, o que tornou o projeto numa construção ainda mais coletiva do que seu formato original, uma vez que por questão de tempo e de outras demandas, os mestres não haviam participado da elaboração do projeto inicial apresentado à Smed.

Ao todo foram oito videoaulas distribuídas em: exame de admissão, movimentos básicos (duas aulas), história da capoeira regional e do Mestre Bimba, movimentos desequilibrantes, sequência, musicalidade (ritmos, quadras e corridos) e uma aula de berimbau. Cada videoaula teve duração de cerca de 20 minutos, mas devido à inexperiência da equipe em realizar esse tipo de trabalho em conjunto à riqueza de detalhes e dos cuidados apontados anteriormente, a gravação de cada aula durou em média duas a três horas.

Durante a gravação tivemos a preocupação de demonstrar os exercícios de forma individual: os mestres ensinavam os movimentos de forma detalhada, e seus auxiliares utilizavam uma cadeira para a execução destes movimentos. Desta forma, a criança conseguiria realizar os movimentos ensinados mesmo sem um parceiro de treino. Mas a utilização da cadeira não foi à toa: o Mestre Bimba já fazia uso da cadeira como parte da sua metodologia de ensino para os alunos mais novos em sua academia, então decidimos por manter esta tradição durante as aulas remotas. Após a execução dos movimentos na cadeira, o mestre e seu auxiliar também faziam uma demonstração de como esses movimentos eram implementados em dupla durante os treinos e rodas de capoeira regional, para que estes, entendessem a dinâmica de uma roda de capoeira, mesmo que nunca tivessem visto uma roda.

O samba de roda

As atividades com samba de roda foram realizadas por Marinalva Machado, conhecida por Nalvinha. Antes de falar sobre as gravações das aulas de samba, faz-se necessário discorrer brevemente sobre a vida de dona Nalvinha e sua relação com o samba. Filha do

Mestre Bimba, dona Nalvinha nasceu em 1958, no bairro do Nordeste de Amaralina, e aos 7 anos já participava do show cultural apresentado por seu pai. Ela costuma contar que aprendeu a sambar observando as mais velhas, e enquanto o Mestre Bimba ficava na sala de casa, tocando sua viola, ela aproveitava para colocar o samba em prática, escondida no quarto. Na época, a única coisa que separava os dois cômodos era uma cortina de pano. Quando acreditou que já podia se apresentar publicamente, chamou seu pai e pediu que a integrasse ao seu grupo.

No final da década de 1960, Nalvinha integrou uma turma de meninas criada por seu pai para treinar capoeira. Naquela época não era comum ver mulheres nesta prática, e as poucas que buscavam por esta arte-luta, geralmente eram repreendidas por seus pais ou maridos e acabam por não dar continuidade à prática da capoeiragem. Não foi diferente dessa vez, e as outras três meninas que compunham a turma, abandonaram os treinos de capoeira, o que fez que Nalvinha também não desse continuidade à turma, passando a dedicar-se exclusivamente ao samba de roda. Atualmente, Nalvinha é a principal responsável pela perpetuação do samba de roda dentro da Filhos de Bimba Escola de Capoeira, ensinando às alunas mais novas a sambar com o pé no chão, a cantar, e a coreografia executada no show cultural da Escola. É ela que comanda as rodas de samba promovidas pela escola. Também costuma mediar vivências em samba de roda em diversos estados do Brasil, nos Estados Unidos e em países da Europa.

O samba de roda, nascido no Recôncavo Baiano, faz parte do cotidiano das rodas de capoeira em Salvador. É comum realizar o samba no encerramento das festividades de escolas e grupos de capoeira. A roda de samba é majoritariamente percorrida por mulheres. Os homens costumavam cantar e tocar instrumentos. Nos dias atuais, a participação de homens dentro das rodas de samba tem se tornado cada vez mais comum. Dentro do nosso projeto, além do tradicional samba de roda, também foi ensinada a coreografia utilizada nas apresentações da Filhos de Bimba.

Foram gravadas duas aulas de samba de roda, cada uma com cerca de 25 minutos. Na primeira aula, houve uma rápida explanação sobre a história do samba e suas variações (samba corrido, samba chula etc.) e a diferença entre o samba de roda da Bahia e o samba de roda praticado nas escolas de samba dos Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo no período do carnaval. Também foi ensinada a movimentação dos pés dentro do samba de roda.

Na segunda aula, foi trabalhado a musicalidade dentro do samba de roda. Foi mostrado quais os instrumentos utilizados no samba corrido, que foi o que praticamos dentro do

projeto: atabaque, xequerê, agogô e pandeiro. Também foi ensinado as letras das músicas, como responder o coro, e o ritmos das palmas, todos estes elementos que junto com a dança, compõem um samba de roda tradicional. Neste momento, já estávamos mais habituados com as gravações, o que possibilitou que as gravações das duas aulas fossem realizadas em uma única tarde.

Maculelê

O maculelê é uma expressão de origem afro-brasileira que tem um menor destaque nos dias de hoje, se comparado a outras manifestações como a capoeira e o samba de roda. Nas escolas públicas brasileiras, poucos conhecem o maculelê, e por isso, na elaboração do projeto, entendemos que era importante que os estudantes atendidos pelo projeto Capoeira no corpo e no livro tivessem uma vivência também nesta arte. Com origem africana e indígena, o maculelê surgiu na cidade de Santo Amaro da Purificação, região do Recôncavo da Bahia, lugar onde surgiram muitos capoeiristas e sambadeiras conhecidas. É também o lugar onde nasceu o Mestre Popó, que é atualmente a principal referência de Maculelê no Brasil.

Atualmente, o maculelê é uma expressão que pode ser comparado a um musical, pois os dançarinos cantam e dançam ao mesmo tempo. Em apresentações de maculelê, muitas vezes existem coreografias, e geralmente é uma apresentação feita com dois bastões de madeira (geralmente biriba) onde o dançarino/lutador bate um bastão no outro no ritmo musical de quatro tempos. Em alguns casos, no lugar dos bastões são utilizados facões, fazendo alusão ao trabalho realizado pelos negros escravizados nos canaviais.

Levando em consideração que os estudantes iriam realizar essa prática sem a supervisão de um mestre, optamos por ensinar o maculelê com palmas no lugar do uso destas ferramentas, para evitar que houvesse acidentes durante. Foram gravadas duas aulas, onde foram ensinadas as músicas, toques e instrumentos utilizados no maculelê, e as coreografias utilizadas pela Filhos de Bimba Escola de Capoeira. Também foi dada uma breve aula sobre a história do maculelê: como e onde surgiu, seus principais representantes, etc.

Puxada de rede

A puxada de rede, assim como o maculelê, é uma das manifestações da cultura afro-brasileira que não tem muito reconhecimento. Poucos são os grupos culturais que ainda

realizam esta expressão. A puxada de rede é inspirada na pesca do Xaréu, realizada por pescadores da cidade de Salvador, ainda no período colonial, como é descrita por Odorico Tavares em 1961 em seu livro *Bahia - imagens da terra e do povo*, e eternizada na voz de Dorival Caymmi através da música *Suíte do Pescador*.

Nas atividades desenvolvidas no projeto *Capoeira no corpo* e no livro, as duas aulas de puxada de rede aconteceram em três momentos distintos:

1 - Teórica: como surgiu a puxada de rede.

2 - Cantoria: foi explicado como a cantoria, presente na pesca do Xaréu ajudava os pescadores a manter um mesmo ritmo, facilitando assim para que a rede cheia de peixes fosse retirada do mar. Neste caso, as músicas utilizadas nas apresentações realizadas pela Filhos de Bimba Escola de Capoeira.

3 - Dança: neste caso, não estamos reproduzindo originalmente uma puxada de rede, mas realizando uma representação coreografada do cotidiano de pescadores e marisqueiras em seu trabalho. Também foi utilizada como base a coreografia utilizada pela Filhos de Bimba Escola de Capoeira.

A puxada de rede é representada por personagens que se dividem em pescadores e marisqueiras. Em geral, os pescadores são representados por pessoas do sexo masculino, e as marisqueiras por pessoas do sexo feminino. Na maioria das representações da puxada de rede, há uma coreografia específica para cada gênero. No entanto, essa divisão não leva em consideração as novas identidades de gêneros, e como no projeto, entendemos que as representações de gênero são uma construção social, tivemos o cuidado de não reforçar esse estereótipo do que é considerado coisas de menino e do que é considerada coisas de menina, incentivamos os estudantes a aprenderem as duas coreografias. Desta forma, buscamos minimizar as possíveis opressões de gênero vivenciado por algum estudante.

Literatura de Cordel

Como afirmado anteriormente, as atividades de Literatura de Cordel seriam realizadas pelo Mestre Bule-bule. A ideia era que os/as estudantes tivessem contato com este grande cordelista, referência baiana das rimas cantadas tradicionais do Nordeste Brasileiro e a partir daí, criassem seus próprios cordéis contando histórias da capoeira e das outras manifestações culturais da cultura afro-brasileira trabalhadas no projeto. Daí o nome *Capoeira no corpo* e

no livro - um diálogo com a cultura afro-brasileira através da literatura de cordel. No final do projeto, faríamos a produção e distribuição dos livros de cordel junto aos estudantes.

Esta parte seria acompanhada pelo professor Ministro, formado pela Filhos de Bimba Escola de Capoeira, é professor da rede pública estadual de ensino, possui graduação em Licenciatura em Letras e é doutorando em educação. Sua pesquisa versa em torno da produção de literatura de cordel com temas sobre capoeira.

No formato digital, a aula de cordel acabou sendo realizada apenas pelo professor Ministro, pois o Mestre Bule-bule, estava recluso em sua residência por conta da alta contaminação do coronavírus naquele período, impossibilitando assim que o mesmo recebesse a equipe de produção audiovisual do projeto. Como as aulas foram gravadas, não houve dentro da execução do projeto, a possibilidade de produção de cordéis junto aos estudantes, e o professor Ministro produziu uma aula explicando o que é o cordel, o que é rima, o que é métrica, como se produz um cordel, e as histórias que podem ser contadas através da Literatura de Cordel. Esta talvez tenha sido para a equipe uma das maiores perdas na adaptação do projeto, uma vez que não nos permitiu uma produção criativa em conjunto com os estudantes.

Considerações Finais

A cultura é transmitida pelo corpo. Como mantê-la viva, em um contexto que os corpos estão distanciados ou adoecidos? A cultura popular sempre necessitou estar em um lugar de resistência. Durante a pandemia não foi diferente. Mestres e mestras tiveram que resistir à falta de políticas públicas que os atendessem às demandas trazidas pela pandemia. Em função disso precisaram se reinventar para não deixar que a tradição da cultura afro-brasileira caísse no esquecimento e se mantivesse viva no período de restrições de atividade.

Todavia, manter acesa a chama da cultura popular da capoeira em formato digital não foi tarefa fácil. A maior parte dos mestres e mestras não tinham naquela época conhecimento necessário para utilização das tecnologias digitais no uso de seus trabalhos. Aprender a utilizá-las foi o primeiro desafio enfrentado por estes educadores. Foi necessário encontrar o melhor caminho para a efetivação de um trabalho responsável e de confiança em conjunto com todas as partes do projeto, entre elas, a Fundação Mestre Bimba e a Filhos de Bimba Escola de Capoeira, assim como o corpo escolar das duas instituições participantes do projeto e da Secretaria Municipal de Educação, com todos os cuidados necessários para facilitar o

aprendizado dos estudantes e garantir sua integridade física.

No entanto, muitos grupos e escolas de capoeira e de outras manifestações da cultura popular da cidade de Salvador, não conseguiram manter suas atividades durante o período pandêmico por falta de estrutura ou de conhecimento nas tecnologias digitais. Desta forma, faz-se necessário refletir sobre a ineficácia das políticas públicas de salvaguarda da capoeira e da cultura popular como um todo, que mesmo no período pré-pandemia já passava por dificuldades em assegurar a manutenção de grupos populares. Muitos mestres e mestras da cultura popular de Salvador, principalmente os que praticam a capoeira nas periferias da cidade, necessitam desenvolver um outro tipo de trabalho que lhes tragam remuneração, e continuam com o legado através de um trabalho social, com o intuito de muitas vezes afastar os jovens e adolescentes de situações de vulnerabilidade social, sem nenhum tipo de auxílio financeiro. São pessoas que resistiram às mazelas impostas aos moradores das periferias e que acabam se tornando referenciais dentro de suas comunidades.

É necessário, portanto, que o poder público, em todas as suas esferas, encontre maneiras de combater a falta de apoio que os mestres e mestras da cultura popular enfrentam, não apenas na cidade de Salvador, como em todo o país. O Edital Capoeira Vivas nas Escolas foi um exemplo positivo de como incentivar a manutenção da cultura popular, colocando dentro das escolas os mestres e mestras que puderam ser remunerados pelo trabalho que já realizam em seus territórios. Além de efetivar a lei 10.639/03 que tornou obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira em todo território nacional como parte integrante do currículo escolar.

No ano de 2022, as instituições de ensino de Salvador estão paulatinamente retornando com suas aulas presenciais. Desde então, muito se tem pensado nos cuidados com a biossegurança dos estudantes para que a taxa de contaminação não volte a subir, exigindo-se assim novamente o fechamento das escolas. No entanto, não existe uma aparente preocupação com a retomada de projetos que levem em consideração o ensino da história e da cultura afro-brasileira de uma forma mais abrangente como aconteceu pouco antes da pandemia. Ou seja, mais uma vez a cultura popular afro-brasileira não tem sido prioridade na formulação do currículo das instituições de educação.

Aos poucos, os treinos diários e as rodas semanais estão retornando, ainda com uso de máscaras, com capacidade reduzida de participantes próximos e restringindo a participação de visitantes. Olhar para o futuro querendo aprender com a experiência do passado, nos deixou com uma questão: o uso destas ferramentas digitais vai ser incorporado e modificar a tradição do ensino da capoeira, ou foi apenas um paliativo para dar conta da

emergência trazida pela pandemia? Atentos ao dinamismo da cultura popular esta é uma questão que nos interessa nos estudos futuros.

Referências bibliográficas

ABIB, Pedro. Capoeira Angola: Cultura Popular e o jogo dos saberes na roda. Edufba, 2a edição. Salvador - BA, 2017.

BANDEIRA, Maria de Lourdes. Natureza e Cultura. 1995

BRASIL. Lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003. Inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura afro-brasileira".

DALTRO, Mônica Ramos. FARIA, Anna Amélia de. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. Estud. pesqui. psicol., Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DA BAHIA. Decreto estadual Nº 19529 DE 16/03/2020.

DÓRIA, Sergio Fachinetti. Ele não joga capoeira, ele faz cafuné. Salvador, 2011.

KESSEL, Zilda. Memória e memória coletiva. São Paulo: Museu da Pessoa, 2003.

LARAIA, Roque de Barros, Cultura: um conceito antropológico. 14.ed. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro - RJ, 2001.

Mestre Bimba, a Capoeira Iluminada. Direção: Luiz Fernando Goulart. Produção: Lúmen Produções. Filme documentário (79 min.). 2005.

NENEL, Mestre. Bimba: um século da capoeira regional. EDUFBA, Salvador - Ba, 2018.

TAVARES, Odorico Montenegro. Bahia - Imagens da Terra e do Povo / 3ª ed. Editora: Civilização Brasileira. Rio de Janeiro - RJ. 1961.

“Me vejo menos travada e com menos receio de me expressar, de me expor”: algumas notas antropológicas sobre o Teatro como lazer.

"I feel less stuck and less afraid of expressing myself, exposing myself": some anthropological notes on Theater as Leisure

João Pedro de Oliveira Medeiros

Mestrando em Antropologia na Universidade Federal Fluminense

Luiz Fernando Rojo

Professor e Antropólogo na Universidade Federal Fluminense

Resumo:

Este estudo é baseado em um trabalho de campo etnográfico de um ano, realizado entre fevereiro de 2021 e fevereiro de 2022, em uma escola de teatro em Niterói, Rio de Janeiro. O artigo versa sobre como os discentes, mais especificamente aqueles que não demonstravam motivações profissionais com o curso, significavam o seu contato com tal experiência. Ambiciona-se entender, dentre outras coisas, o que eles queriam dizer por “fazer teatro” e os usos que faziam dele. O Lazer, importante categoria acionada nesta análise, conserva chaves interpretativas cruciais ao que tange as emoções, suas modalidades de expressão e a vida interior dos sujeitos.

Palavras-chave: Teatro; Lazer; Emoções.

Abstract:

This study is based on a one year ethnographic fieldwork, made between February 2021 and February 2022, at a theater school in Niterói, Rio de Janeiro. The article deals with how the students, more specifically those who did not demonstrate professional motivations with the course, meant their contact with such an experience. It aims to understand, among other things, what they meant by “making theater” and the uses they made of it. Leisure, an important category used in this analysis, preserves crucial interpretative keys regarding emotions, their modalities of expression and the subjects inner life.

Keywords: Theatre; Leisure; Emotions.

Introdução

“Terapêutico”. “Enriquece a alma”. “Onde eu posso ser eu mesmo”. Mais ou menos ressonantes a cisão temporal de um “antes” e um “depois”, os qualificativos acima narram somente uma fração dos valores introspectivos acionados por interlocutores desta pesquisa após o ingresso em um curso de formação teatral.

Os usos lúdicos do teatro pareciam evidenciar, em primeiro lugar, o aprofundamento da poderosa metáfora da vida social como espetáculo. Em segundo lugar, a utilização dessa prática funcionava como instância solucionadora, ou ao menos apaziguadora, de problemas e peripécias da vida íntima de seus envolvidos. Senão dessa forma, simplesmente, uma constante fonte de competências extensamente positivas que refletiriam para o bem-estar geral do indivíduo.

Em dissertação intitulada *Teatro e Contracultura: um estudo de Antropologia Social*, Maria Claudia Coelho (1989) busca compreender, a partir de um estudo etnográfico, as representações que jovens de camadas médias da Zona Sul carioca mobilizam acerca da profissão de ator. Em um Rio de Janeiro à beira dos anos 90, aglutinado por cursos de formação teatral, a antropóloga nota significações múltiplas ao “fazer teatro” de seus pesquisados. Dentre as inflexões veiculadas estão, por exemplo, o teatro como um “passatempo”, “estilo de vida” ou, até mesmo, uma “terapia”.

Nos rastros do trabalho de Coelho, este artigo busca ultrapassar, assim como fez a autora em seu contexto, os atribulados significados atribuídos ao “fazer teatro” dos interlocutores dessa pesquisa. E, a partir daí, percorrer a reverberação de tal prática em suas vidas íntimas. Fruto de um trabalho de campo etnográfico com a duração de um ano, entre fevereiro de 2021 e fevereiro de 2022, a pesquisa foi desenvolvida entre estudantes de um curso de iniciação ao teatro na cidade de Niterói, município da região metropolitana do Rio de Janeiro. Através da inserção etnográfica na qualidade de alunato na Escola de Teatro Niterói¹, este artigo se debruça tanto sobre material interpretativo obtido a partir da experiência de pesquisa quanto em material proporcionado por entrevistas com estudantes que são ou foram, em um passado recente, matriculados a escola.

Sendo assim, o texto se divide em duas partes. Na primeira, é feito um breve mapeamento do contexto etnográfico – próximo àquilo que Geertz (2017) chamaria de “descrição superficial” – e, no interior dessa “aldeia”, um sutil redirecionamento do objeto é proposto (Ibidem). Na segunda parte, faz-se uma, igualmente ligeira, parcial e profícua incursão sobre a questão do “Teatro” e do “Lazer” na literatura das ciências socioantropológicas.

Trata-se, portanto, de esboçar uma primeira reflexão sobre formas específicas de apropriação do universo teatral – algo que, na ausência de um termo mais adequado, é tendenciosamente rotulado como “lazer”.

Escola de Teatro Niterói: um breve panorama

A Escola de Teatro Niterói ofertava seus cursos da seguinte maneira: havia, primeiramente, o curso de formação de atores, cuja duração total era de dois anos. Sendo o primeiro ano voltado exclusivamente para a iniciação ao Teatro e o segundo para a Formação de Atores. No “módulo” – modalidade de inserção e unidade que se referia semestre letivo –, o estudante estabelecia um vínculo semestral com a instituição, permitindo a ele a renovação ou não de sua matrícula ao fim de seis meses.

¹ Com o intuito de preservar a identidade do espaço escolar, assim como a dos interlocutores dessa pesquisa, se optou por trocar seus nomes por pseudônimos.

A escola fornecia anualmente uma série de pacotes que permitiam aos seus interessados algumas formas de desconto nos valores originais dos cursos. Além disso, havia uma política de barateamento para residentes de outros municípios. Como consequência disso e pelo apelo “social” que a instituição parecia veicular, os cursos fornecidos eram tidos por seus integrantes como acessíveis².

Quanto à disposição das aulas, elas duravam em média três horas e eram realizadas uma vez por semana. Ao fim de um módulo, cada turma ficava responsável por apresentar uma peça teatral, presidida por seu “professor-diretor”. A peça era realizada, geralmente, em algum espaço para espetáculos da cidade, cuja escola tivesse parceria. Em consequência da quarentena ocasionada pela pandemia da COVID-19, as aulas presenciais durante todo o ano de 2020 – ou seja, período que precede a realização do trabalho de campo – foram transpostas para o modelo virtual, o mesmo pode ser dito a respeito das apresentações que consagravam o fim de um módulo. Decorreram daí uma série de engenhosas adaptações por parte da instituição e do corpo discente com a realização, à época, de filmes e montagens teatrais privilegiando diferentes linguagens teatrais.

Com a gradual retomada dos serviços presenciais no ano de 2021, ano em que esta pesquisa deu seu ponta pé inicial, a escola de teatro optou por um ensino híbrido, onde eram oferecidas aulas simultâneas: as sessões presenciais eram transmitidas, ao vivo, através de um computador com câmera e áudio para os alunos que assistiam remotamente. A distância do local de moradia para a escola, a insegurança proporcionada pela pandemia, assim como a aparição de eventuais sintomas relacionados a COVID-19 (ou mesmo sua confirmação através da positivação do teste) eram os motivos ligados ao não comparecimento presencial dos discentes.

Uma série de restrições sanitárias, levando em conta os riscos ocasionados pela pandemia, foram inseridas na escola: ao adentrá-la, as solas dos sapatos eram limpas em um pano embebido de água sanitária. Ademais, os sapatos deviam ser deixados em um espaço vago de uma estante disposta para este fim; a temperatura era aferida e os alunos deviam manter suas máscaras todo o tempo que estivessem

² Os últimos valores a que tive contato eram os seguintes para o Curso de Iniciação ao Teatro (1 ano): para moradores do município de Niterói, 12 x R\$195,00; para moradores de outros municípios, R\$185,00. Para o Curso de Formação de Atores (2 anos), os valores eram os seguintes: para moradores do município de Niterói, R\$210,00; para moradores de outros municípios, R\$200. Além disso, era cobrado uma taxa de R\$50,00 para a efetivação da matrícula.

no interior da escola, sob o risco de serem chamados atenção. O espaço da sala era ao início e ao fim de uma aula limpos por um funcionário e, ao longo das aulas, as janelas permaneciam abertas permitindo a circulação de ar. Além disso, as dinâmicas em sala levavam em conta o distanciamento social: uma série de zonas quadradas fitadas por durex amarela delimitavam os espaços que cabiam a cada um; a realização de atividades que demandavam toque, constante interação e/ou movimentação eram precedidas e sucedidas pela utilização global do álcool em gel.

Entre abril e maio de 2021, com o aumento de casos de COVID-19 na cidade de Niterói e no Estado do Rio de Janeiro, uma série de medidas governamentais recrudesceram as medidas de combate a pandemia e, como consequência direta disso, as aulas aconteceram somente de maneira remota. Por tal razão, alguns matriculados optaram pela não participação ao longo desse período, as ausências foram justificadas pelo desinteresse pelo ensino online ou pela a instabilidade da conexão em suas residências.

Sem dúvidas havia uma preferência institucional pelo comparecimento presencial dos alunos, essa postura podia ser inferida pelos empecilhos técnicos e pedagógicos relacionados a realização simultânea das aulas (presencial e online). Mas tal predileção se relacionava a noção bastante difundida, ao mesmo tempo fragmentária, de que a existência do teatro e da atividade dramatúrgica, como um todo, dependiam da comunhão física de pessoas. As “rodas de oração” pré-espetáculo eram prova disso. De mãos dadas, todos oravam unissonamente:

Diário de campo – 09/08/2021: “Eu seguro minha mão na sua para que juntos possamos fazeraquilo que eu não posso, aquilo que eu não devo e aquilo que eu não vou fazer sozinho: Teatro, Merda!”

Assim, atenta aos riscos das circunstâncias globais, a direção da escola optou, para o fim do primeiro semestre de 2021, pela realização de peças teatrais filmadas. Nesse quesito, após o pagamento de uma espécie de taxa de custeio do espetáculo – que, à época, custou a cada um dos discentes cerca de R\$200,00 somados ao valor da mensalidade –, uma equipe de filmagem profissional fora contratada a fim de viabilizar a realização, incluindo a edição, do filme. Ao fim do segundo módulo, quando a situação pandêmica havia esmaecido, os alunos tiveram a oportunidade de estrearem em palco.

Ao longo do trabalho de campo, diversas foram as formas que os praticantes de teatro amador justificavam seus interesses cênicos e suas respectivas motivações para

se matricularem em um curso de formação para atores. Aqueles que nutriam expectativas profissionais eram, em sua maioria, adolescentes ou jovens adultos estudantes do ensino-médio, universitários e/ou trabalhadores assalariados.

Em primeiro lugar, o que chamava atenção dessa categoria de cursante era que delineavam convictamente seus sonhos e anseios profissionais, se não à atuação, a dublagem. Entre esses, a obtenção do DRT (Documento de Registro Técnico) – documento emitido pelo Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões (SATED) que atesta a capacitação do profissional – era um assunto comum, corriqueiramente acionado junto a professora com a finalidade de tirar dúvidas acerca dos trâmites que antecediam sua obtenção, além de os benefícios relacionados à sindicalização etc³. É a esse grupo de interessados que a modalidade estendida do curso (dois anos) se referia, pois ele dava carga horária e conteúdo para portfólio suficientes para a obtenção do registro técnico provisório.

A ascensão e o sucesso profissional do artista, em oposição a outras ocupações profissionais, está ligada ao cumprimento de uma série de vagas de emprego disponíveis ao longo de sua trajetória profissional. Nesse quesito, o portfólio parece ser um importante signo de legitimação desse percurso. Howard Becker (2008), ao discorrer sobre a cultura dos músicos de casa noturna em seu livro *Outsiders*, ressalta que a carreira profissional do músico pode ser definida a partir de uma perspectiva móvel. Eles estariam sujeitos a uma série de ajustamentos no intercurso de suas trajetórias. Seguindo tais considerações, o portfólio para os atores e atrizes, por exemplo, pode ser tomado aqui como uma linha narrativa móvel na construção de suas carreiras.

Nesse aspecto, dar início a um curso de formação de atores significava, não somente o primeiro passo em um engajamento formativo, mas o trilhar, desde já, a carreira enquanto ator. Suas expectativas profissionais eram, contudo, ao menos ao nível discursivo, explanadas sob a rubrica da modéstia: o esplendor de serem descobertos por grandes emissoras de televisão ou estúdios de cinema ficava limitado à momentos de aberta jocosidade, onde as extravagâncias dos famosos e os cachês

³ A obtenção do ambicionado DRT, ao menos no Rio de Janeiro, está sujeita a apresentação de documentos: de identificação, assim como a apresentação de curriculum (portfólio) que comprove a atuação do candidato em trabalhos com fala nos últimos três anos consecutivos para a obtenção do registro provisório e cinco anos consecutivos para o registro definitivo. Além disso, ao fim do processo, o candidato deve pagar uma taxa de R\$150,00. Informações retiradas de: <http://www.satedrj.org.br/capacitacao-e-registro-profissional/> (Acessado em 29/04/2022). A Escola de Teatro Niterói por não ser, à época, um curso técnico regido pelo Ministério de Educação e nem um curso de nível superior de artes cênicas não isentava o aluno concluinte de passar por banca avaliadora externa e de pagar a taxa referida no processo de obtenção do Documento de Registro Técnico junto ao sindicato.

milionários eram vistos com distância e uma certa suspeita.

Com a regulamentação da profissão de ator em 1978, uma série de cursos profissionalizantes surgiram no Rio de Janeiro, um verdadeiro “boom” se afigurou na cidade coetâneo a expansão da Rede Globo de Televisão. Esse fenômeno influenciou significativamente os rumos do movimento teatral. Ícones como Glória Pires e Fábio Júnior, por exemplo, impulsionaram o ideal de uma trajetória artística solo, de modo que a carreira televisiva reluzia como uma grande oportunidade de emplacar profissionalmente (COELHO, 1989).

Ainda é cedo para sobrevoos teóricos de grande fôlego. A distância temporal dos dois contextos, quase quarenta anos, preludia cisões fundamentais no que diz respeito a constituição dos campos. É possível inferir, contudo, persistências: sem dúvida o contato com a realidade teatral instiga ou, quem sabe, presume modalidades comportamentais e relacionais tidas socialmente como “abertas” – a mítica figura do jovem “cabeça/mente aberta” espreita (COELHO, 1989; REZENDE, 1990). Dando um tom permissivo as relações que se constituíam no interior da escola, havia uma áurea atrativa, convidativa e aprazível àqueles que viam na realização de um curso de teatro como algo enriquecedor, compensatório.

Quanto aos pormenores da escolha do teatro como lazer. Faz-se necessário ambientar o universo dessa escolha. Ela é mais propriamente encontrada entre aqueles que não cultivavam o interesse profissional de se engajarem na carreira artística. Entre esses, estavam uma minoria de adultos economicamente estáveis que enxergavam a possibilidade de “fazer teatro” como uma atividade lúdica que se interpunha a vida cotidiana, mais especificamente a rotina de trabalho. Mais do que isso, o teatro parecia servir como uma fonte inesgotável e polivalente de atributos que incidiam positivamente na vida de seus envolvidos: na resolução em potencial de problemas relacionados a timidez e ampliação do círculo social ao “descobrimento de outras formas de ser e estar no mundo”.

A título de ilustração, um interlocutor de 41 anos revelou em entrevista realizada por telefone em agosto de 2021 que, após “correr muito atrás (SIC)” ao longo de sua vida, entrar no teatro fazia parte da sua decisão de “viver uma vida mais light”. Além disso, o discente procurava por meio da realização de outros projetos pessoais paralelos ao curso de teatro (como, por exemplo, aula de canto e jardinagem) “enriquecer a alma”. Em um contraponto jocoso, o interlocutor em questão sempre lembrava que não veria o menor problema em ser descoberto por uma famosa emissora televisiva e ser

contratado para trabalhar em novelas.

Cabe agora uma breve referência ao conceito de “Lazer” de modo a instrumentalizá-lo como uma importante chave interpretativa aos fenômenos sublinhados. Mas, antes, se interpõem uma ligeira nota sobre as possibilidades do “fazer teatro” e da divisão dos pesquisados em dois grupos de interesse.

Fazer teatro como forma de lazer

Na unidade de análise em questão, “fazer teatro” pode ser facilmente flexionado àquilo que Bernardo Machado (2020) chamou em *O interesse do antropólogo: notas metodológicas sobre pesquisas em teatros de “discursos teatrais”*. No artigo, essa espécie de ferramenta analítica ambiciona perseguir o que interlocutores classificam e definem como teatro e o que incluem ou excluem desse universo de significados. Através desse instrumental seria possível, por exemplo, refletir sobre as diferentes apropriações dadas ao “fazer teatro” para aqueles que ambicionam ou não carreiras artísticas.

A divisão das turmas em dois grupos de interesse não é feita a fim de estancar tais categorias e esgotá-las. A escolha por trilhar uma carreira artística, inclusive, está embebida por pressupostos lúdicos, o indivíduo optante por essa via muito provavelmente a escolheu por gostar e se divertir com aspectos relacionados a esse universo. Resultado disso, eram corriqueiras as histórias daqueles que tiveram contato com o teatro ainda na escola, igreja ou infância e que julgavam determinantes esses contatos para as suas escolhas. Assim, é naqueles que se interessavam no teatro como um lazer a que o foco reside, tal postura se justifica pelo quadro intencional a que esses indivíduos se reportavam e menos por uma cisão prática observável.

Mas, afinal, o que se quer dizer por lazer? O que se quer dizer quando se aproxima a prática teatral à esfera do que se cabe ao lazer? A partir do momento que se ingressava no curso de teatro, uma das primeiras abordagens que se fazia ao noviço era o porquê ele estava ali, o que lhe motivou e quais seriam suas expectativas com a realização daquela formação. Esse era, talvez, um momento crucial para o porvir do discente no curso, a partir da sua réplica, algumas expectativas lhe seriam apresentadas. Aqueles que se inclinavam a carreira artística, sob um consenso tácito, deveriam se mostrar mais engajados aos ensinamentos passados em sala de aula, mais disponíveis à realização de ensaios extraclases (onlines ou presenciais) e, por fim, mais comprometidos com os

diferentes trâmites que envolviam a realização de um espetáculo – figurino, cenário, maquiagem, texto, montagem.

Aqueles que respondiam as interrogações iniciais com expectativas diversas e não diretamente ligadas ao projeto artístico, eram, de uma determinada forma, livres de certas cobranças. Esperava-se deles, acima de tudo, uma coparticipação comprometida.

As diferentes significações ao “fazer teatro” de tal grupo podem ser, do ponto de vista etnometodológico, reduzidas à polivalente categoria do “Lazer”. Trata-se, portanto, de um conceito exógeno, uma projeção analítica com argutos saldos interpretativos e não uma categoria nativa, como era de se esperar. A sua utilização será agora justificada.

O “Lazer” ocupa um importante lugar, ao lado do “Trabalho”, em uma espécie de “mito de origem” do Teatro. O Teatro ora é localizado à esfera laboral, produtiva, obrigatória e, portanto, ritual; ora ao entretenimento, espectro, por excelência, do prazer, do jogo e da brincadeira e, portanto, do lazer (SCHECHNER, 2012; TURNER, 2015). Em *Ritual*, Richard Schechner (2012) argumenta que os diferentes gêneros performáticos, dentre eles o teatro, se originaram da necessidade humana de conjugar eficácia e entretenimento, fazer com que as coisas acontecessem ao mesmo tempo que gerassem prazer. Em *Do Ritual ao Teatro*, Victor Turner (2015), por seu lado, relega tal modelo explicativo às chamadas sociedades tribais e pré-industriais, onde os gêneros artísticos seriam acoplados às obrigações ritualísticas e comunitárias, suas funcionalidades estariam ligadas a aspectos capitais dos ritos de passagem e dos dramas sociais. De acordo com o autor, somente nas sociedades pós-industriais o advento do lazer se tornou possível, isto é, uma esfera complementar ou compensatória ao trabalho:

“Lazer”, então, pressupõe “trabalho”: é não trabalho, ou uma fase antitrabalho da vida de uma pessoa que também trabalha. [...] Segundo Dumazedier, o lazer surge sob duas condições. Primeiro, a sociedade para de governar suas atividades segundo obrigações rituais comuns: algumas atividades, incluindo o trabalho e o lazer, tornam-se, pelo menos em teoria, sujeitas à escolha individual. Segundo, o trabalho pelo qual uma pessoa ganha a vida é “separado de suas outras atividades: seus limites não são mais ‘naturais’, mas arbitrários – ele é organizado de um modo tão definido que pode ser facilmente separado, tanto na teoria quanto na prática, do tempo livre”. É apenas na vida social de civilizações industriais e pós-industriais que encontramos essas condições necessárias (TURNER, 2015, p. 48).

A desconsideração de tais pressupostos levou a imprecisões antropológicas mais ou menos graves. O primeiro remonta dos anos de 1970, da qual a gravidade é pouco relevante. Pierre Clastres (2017) em *A sociedade contra o Estado*, em concordância com Marshall Sahlins, postula que as sociedades primitivas⁴ são sociedades do lazer. O que se leva em conta na formulação do autor é a refratariedade primitiva ao labor, onde o emprego produtivo da força de trabalho é limitado pela satisfação das necessidades sociais, necessidades de subsistência. Dessa forma, o que é sublinhado de Clastres é menos os desdobramentos de sua teoria geral do que sua desatenção terminológica.

Décadas antes, ao fim dos anos de 1930, Johan Huizinga (2019), influente historiador holandês e autor de *Homo Ludens*, considera toda a esfera da cultura primitiva⁵ como que inserida no “domínio lúdico”. Sendo o “jogo” seu objeto de interesse principal, o constructo teórico levantado leva em conta que as categorias de “brincar/jogar” não estão no horizonte mental primitivo. É possível inferir, portanto, que os “selvagens”, embebidos de ludicidade, não difeririam as diferentes esferas da vida, tal qual os civilizados o fazem: “trabalho”, “lazer”, “economia”, “política”, etc.

Entretanto, a antítese entre “trabalho” e “lazer”, tal qual formulada por Victor Turner (2015) e refletida por tantos pensadores, não é fundamental para N. Elias e E. Dunning (1985), autores de *A busca da excitação*. Para eles, formular o problema do “lazer” em termos de um dispêndio específico do tempo livre, tempo “não-produtivo”, é no mínimo simplista e pouco elucidativo. Ao contrário, uma teorização sobre o conceito deveria, inexoravelmente, levar em consideração suas funções sociais, quais sejam, a sua estabilidade e ubiquidade no que diz respeito ao controle das excitações sociais (p.112).

As atividades de lazer se destinariam aos sentimentos dos sujeitos, de modo a animá-los (p.70). No interior de tal proposição, o lazer seria, afinal, uma espécie de qualificador mimético dos diferentes temperamentos individuais, isto é, uma modalidade socialmente sancionada e aceita de lidar com as pulsões geradas no interior da sociedade. Através de sua qualidade mimética, o lazer conduziria as pulsões humanas à rumos aprazíveis e deleitáveis. Pertenceriam ao lazer, deste modo, inúmeras práticas e atividades reconhecidas ao campo lúdico: filmes, danças, pinturas, jogos de cartas,

⁴ O antropólogo francês entende por sociedades primitivas todas aquelas que seriam igualitárias, ou seja, sociedades que não demonstrariam estratificação social interna, condição necessária e embrionária para o surgimento dos primeiros aparelhos de Estado.

⁵ A acepção do que seja “primitivo” pelo historiador, por outro lado, assemelha-se em demasia as formulações de tradição evolucionista.

corridas de cavalos, óperas, histórias policiais e jogos de futebol (pp. 70 -71); assim como o desporto, teatro, corridas e festas (pp. 111-112).

As formulações elisianas acerca do processo civilizador, sem dúvida nenhuma anacrônicas, espreitam sob tais linhas. O “controle das emoções”, um dos principais saldos das práticas esportivas e de lazer, convergiria ao rumo civilizatório. Dessa forma, como foi observado em trabalho anterior (Rojo, 2016), as práticas e atividades a que Elias e Dunning (1985) se referem, além de propiciarem atividades físicas a uma população cada vez mais sedentarizada, proporcionariam um espaço de sublimação. Ou seja, uma espécie de subterfúgio espaço-temporal à vida cotidiana.

Para este trabalho, a notoriedade da obra está menos em sua assunção irrefletida, algo que configuraria irresponsabilidade epistêmica, do que em sua ressonância ao discurso nativo. É preciso ser mais claro a partir da exposição de algumas situações etnográficas.

No decurso do primeiro semestre de aulas de teatro, após árduas semanas de ensaios para um espetáculo que se concluíra em filme, Thuani, a professora, optou por uma aula menos intensa do ponto de vista corporal. Na ocasião, todos estavam postados em roda e a docente começou por nos perguntar o que a palavra “teatro” suscitava a cada um de nós. Mathias, discente a pouco resgatado, irrompeu o silêncio. Em tom espirituoso, o nativo argumentou o quanto o teatro era o lugar, por excelência, de pôr para fora as emoções e sentimentos. Na conclusão de seus pensamentos, o crescimento espiritual era um dos principais atributos que um indivíduo, envolvido pelo espírito cênico, poderia ter. Além disso, Mathias postulou que não era possível “fazer teatro” sem alma.

Em outra situação, em entrevista realizada em março de 2022, Guilherme, psicanalista de 37 anos, responde à pergunta “O que te motivou a fazer um curso de teatro?” da seguinte maneira:

Depois do fim de um relacionamento, fiquei muito deprimido, me afastei de tudo, do trabalho aos amigos. Foi na terapia que surgiu pela primeira vez o desejo de fazer teatro. Pensei em fazer algo pra mim, que me fizesse bem e o teatro apareceu como uma possibilidade de sair daquela situação que me encontrava (grifo nosso).

O que estava em jogo nas formulações dos interlocutores eram, não somente

elaborações introspectivas que engajavam os indivíduos rumo a uma espécie de “auto vigília” – a própria natureza das questões levantadas, tanto pela professora quanto pelo antropólogo induziam a essa atividade. Mas, substancialmente, discursividades expressas em termos emocionais. Expostas a partir de uma linguagem, cujos eixos modais pareciam ser “interioridade-exterioridade”, assim como seus homólogos “dentro-fora”, “encher-esvaziar”, o contato com o teatro levava a reverberações pessoais. Proporcionava o efetivo “extravaso” ou “liberalização” dos sentimentos “presos” e “contidos”. No adequado ambiente da sala de aula era possível pôr para fora as emoções e sentimentos, assim como vislumbrar a possibilidade de sair daquela situação que me encontrava.

Posto sob esse ângulo, o teatro como lazer se aproxima a teoria do lazer de Elias e Dunning (1985), onde essa entidade se apresenta enquanto uma das mais hábeis instituições sociais para a renovação emocional. Antes, um condutor dos prazeres e das excitações do que uma escola das pulsões. Acentua-se aqui menos a natureza regulatória de tais experiências e mais a requalificação do mundo interior do sujeito. Era possível visualizar, entre os nativos, que uma interlocução subjetiva consigo se instaurava e se aprofundava *pari passu* a carreira de cursante.

Amparado pelo discurso nativo, o que se argumenta fica clarividente em sua extensão. “Qual é a sua relação com o teatro?”, foi questionado ao psicanalista

Guilherme: Uma relação saudável, através do teatro aprendi muitas coisas, conheci várias pessoas e me descubro a cada dia. Digamos que minha relação com o teatro seria terapêutica⁶, algo que faz bem pra minha saúde mental e emocional (grifo nosso).

Ainda de um ponto de vista psicológico, sua réplica a questão seguinte – “De que modo o curso de teatro interfere ou influencia em sua vida?” – se aprofunda ligeiramente à sua percepção interna:

De várias formas. Conheci várias pessoas diferentes pelo teatro que não conheceria de outra forma. Pessoas que influenciaram minha vida. O teatro

⁶ O “teatro-terapia”, expressão a que Coelho (1989) se refere para explicar a ocasional tenuidade entre terapia psicológica e teatro, parte da utilização teatral enquanto estrutura terapêutica não profissional. A transformação do teatro em marco terapêutico remonta ao questionamento, na década de 1970, das estruturas tradicionais de produção teatral. Naquele momento, uma série de movimentos foram operadas no interior daquilo que se conhece por Teatro, a principal operação a que cabe destacar aqui fora a diluição ou o encurtamento das fronteiras entre “ator” e “personagem”.

funciona pra mim como uma terapia ou de forma terapêutica como algo que me faz bem, onde eu posso trabalhar minhas emoções e me conhecer melhor (grifo nosso).

Maria Claudia Coelho (1989) em pesquisa que já mencionei anteriormente, já havia reparado que a identificação com o teatro ocorria, sobretudo, no plano subjetivo (p. 57). A mudança que o teatro propõe ao sujeito, através do seu contato, funciona como uma janela para o seu interior (inner-self). O autoconhecimento, segundo o ponto de vista nativo abordado pela antropóloga, era inevitável àquele que havia se posto a tarefa de ser estudante de teatro.

Dessa forma, se o ato de embrenhar vida particular e pessoal com a vida artística e profissional é fundamental para o pleno exercício do ser ator. Ou seja, se investir na personalidade individual como modalidade de busca ou canalização dos sentimentos pessoais à serviço da representação (COELHO, 1989), o seu oposto não poderia ser menos válido. Qual fosse, se engajar em uma atividade de lazer, do qual os objetos de que se almejavam não eram aspirações artístico-profissionais futuras, mas complementaridades, inevitavelmente existenciais e imediatas, ao premeditado mundo da vida ordinária.

A inversão do quadro intencional operada por aqueles que enxergavam no teatro algo mais que uma possibilidade profissional lhes davam a possibilidade de, ao gerirem uma dialética reflexiva da interioridade na exterioridade, despargir em suas realidades práticas a virtualidade do universo teatral. O sempre bem-vindo ponto de vista nativo é elucidativo sob essa questão. Dessa vez, ele veio de Joana, advogada de 28 anos, ex-aluna do curso:

Antropólogo: De que modo o curso de teatro interferiu (contribuiu, ajudou, piorou) em sua vida?

Joana: [...] acredito que o teatro tenha me fortalecido no sentido de aumentar a minha disposição para desafios. Também me vejo menos travada e com menos receio de me expressar, de me expor. Acho que o fato de não ter deixado ninguém assistir a defesa da minha monografia e ter levado 18 pessoas pra me assistir na peça reflete um pouco isso. Não queria travar e "passar vergonha", mas também não me cobrei pra entregar algo muito fora do meu alcance, poucas vezes na vida fui tão gentil comigo mesma. Talvez isso tenha sido por finalmente entender que posso não ser boa ou ter dificuldade em algo novo e tá tudo bem. O importante é viver a experiência e não ter medo de sair da minha zona de conforto, de me arriscar.

Um caminho enorme se desenha sob essas brochuras, desde a metáfora da vida social como teatro ao complexo problema sociológico da individuação. Contudo, é preferível deixar, malcriadamente, mais uma observação do reflexivo Guilherme. Reflexão em que ele apresentava de maneira sucinta e, não obstante profunda, as nuances a que o noviço em teatro era apresentado: o paradoxo de ser “Um” em “vários”.

Antropólogo: O que é teatro para você?

Guilherme: É algo muito importante na minha vida. É onde eu posso ser eu mesmo, sem me importar com o julgamento do outro e descobrir várias formas de ser e estar no mundo. (grifo nosso).

Referências bibliográficas

BECKER, Howard. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

COELHO, Maria Claudia. *Teatro e contracultura: um estudo de antropologia social*. Dissertação (mestrado) - UFRJ/Museu Nacional/PPGAS. 1989.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difusão Editorial, 1985.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. – 1. ed. – [Reimpr]. – Rio de Janeiro: LTC. 2017.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2019.

MACHADO, Bernardo. O INTERESSE DO ANTROPÓLOGO: NOTAS METODOLÓGICAS SOBRE PESQUISAS EM TEATRO. *Cadernos do Centro de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro*. [SYN]THESIS, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 08-17, set./dez. (2020).

REZENDE, Claudia B. *Diversidade e Identidade: discutindo jovens de camadas médias urbanas*. In: *Individualismo e juventude*. VELHO, Gilberto (Org). – Programa de Pós-Graduação de Antropologia Social. Museu Nacional – UFRJ. Rio de Janeiro. Comunicação n.º18, 1990.

ROJO, Luiz Fernando. *O estatuto das emoções nas práticas esportivas*. Atas do IX Congresso Português de Sociologia. Faro, 2016.

SCHECHNER, Richard. *Ritual*. In: *Performance e Antropologia de Richard Schechner*. Zeca Ligiéro (Org). – Rio de Janeiro: Maud X, 2012.

TURNER, Victor. *Do ritual ao teatro: a seriedade humana de brincar*. – Rio de Janeiro: Editora UFRJ: 2015.

Interlocuções esportivas: uma dobradinha entre Brasil e Argentina

Mariane da Silva Pisani

Doutora em Antropologia - Universidade Federal do Piauí.

Monica da Silva Araujo

Doutora em Antropologia - Universidade Federal do Piauí.

Mariane Pisani: Primeiramente agradecemos a disponibilidade de vocês em nos conceder essa entrevista. Em segundo lugar, gostaríamos de pedir que vocês falem sobre as suas trajetórias acadêmicas, abordando um pouco dos principais trabalhos escritos, conceitos desenvolvidos e utilizados. Estamos pensando, de maneira mais específica, em uma aproximação das Ciências Sociais com as práticas esportivas e de lazer.

Verônica Moreira: Bom, no meu caso eu gostaria de destacar o primeiro trabalho desenvolvido a partir da minha tese de Licenciatura em Antropologia, pela Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires que eu defendi no ano de 2001. A minha pesquisa foi sobre e com os torcedores do Clube Atlético Independente. Eu comecei essa pesquisa em 1998/99, e como estava realizando o meu primeiro trabalho de campo, me custou bastante começar e saber o que eu queria fazer. Finalmente fiz esse trabalho com as pessoas que integram o que, popularmente, se conhece como "Barra Brava", o grupo de torcidas vinculadas principalmente à expressão da violência. Na Argentina, o movimento dos Barra Brava é considerado um problema gravíssimo sem que se consiga chegar a uma solução.

Então, naquele momento, a pesquisa em campo foi me levando a esse grupo em particular e eu fui me interessando muito em saber como se organizavam. Eles tinham uma estrutura muito complexa, uma estrutura hierárquica e também territorial dividida por bairros, e eu procurava entender como se organizavam, como as lideranças eram construídas e como legitimavam essa posição de autoridade. Logicamente também apareceu uma categoria que é típica na Argentina denominada "aguanter", que é uma categoria por meio da qual os torcedores constroem sua identidade e que possui múltiplos significados associados à "barra" de futebol. O seu significado se refere às práticas de combate, de pôr o corpo nos enfrentamentos físicos. Também era muito típico nesse momento a prática do roubo de certos objetos entre as torcidas, sendo o mais significativo o roubo das bandeiras. Então, para recuperarem a bandeira deviam mostrar que tinham "aguanter". Não era só recuperar a bandeira, mas também roubar a bandeira alheia. Eu interpretei tudo isso utilizando a teoria da honra e da vergonha, também muito discutível e típica da antropologia mediterrânea. Ou seja, eu estava pensando em como esses "jogos de recuperação dos bens" tinham a ver com a ideia de construir uma honra e também a vergonha, ou deixar em estado de humilhação o grupo rival. Então, essas práticas levavam as torcidas, de maneira constante, a um círculo de violência. As políticas públicas ao serem feitas e para que sejam efetivas precisam compreender essas lógicas dos "aguanter". Essa foi a minha primeira investigação e depois continuei com uma pesquisa independente, pensando mais na questão de como era a política no interior da instituição. Os clubes na Argentina são associações civis sem fins lucrativos e isso faz com que a cada dois, três ou quatro anos, realizem eleições no clube para eleger autoridades. E aí se armam campanhas políticas, os sócios e as sócias se organizam para apresentar um candidato para liderar alguma lista em particular. Então, me interessava pensar na política no ponto de vista dos sócios e das sócias, e também, no que destaca a literatura do Brasil, pensando no tempo da política, em como se armava o tempo de campanha eleitoral no clube, o momento em que acontecia a política, das conversações entre os torcedores, os sócios e as sócias, além dos dirigentes. O interesse por esse tema também foi esculpido no momento de defesa da minha tese, quando um antropólogo que trabalhava com a temática, Fernando Alvim, me questionou sobre o rigor em que se construíam os momentos políticos nas "barras". Ele me perguntou se parecia um recorte de tempo onde a política aparecia ou se haviam movimentações políticas de maneira cotidiana. Ou seja, como se houvesse uma construção momentânea ou se a política estava sempre presente. Depois, na tese de doutorado trabalhei pontualmente com os dirigentes de futebol pensando, por exemplo,

na relevância que tinha o conceito de território para a construção do perfil dos dirigentes. O Club Atlético Independiente³ esteve sempre em uma cidade muito ao sul de Buenos Aires e a relação entre o clube e o território é muito forte. Os dirigentes historicamente eram pessoas conhecidas na cidade. Pessoas, por exemplo, que atuavam em profissões liberais: advogado, médico ou comerciantes. E no momento em que eu fiz esse trabalho de campo, aproximadamente entre 2007 e 2008, isso já estava se modificando. Havia pessoas com esse perfil tradicional, por exemplo, Julian Brandon que foi presidente do ALFA durante 33 anos e também dirigente do Independiente. Era uma pessoa empresária ou comerciante que entrou como dirigente e depois se converteu em presidente da ALFA. No momento em que eu comecei a fazer o trabalho de campo isso começou a se modificar, e o que eu compreendi era que estávamos em um ponto em que havia dirigentes com o perfil mais tradicional e outras pessoas que poderiam ser classificadas como “outsiders”. Há um capítulo na tese em que discorro sobre como nas “barras” algumas pessoas estabeleciam relações de clientela com os dirigentes, ou seja, que essas relações de clientela não eram unicamente um “toma lá, dá cá” de dinheiro por apoio político, mas como estavam também atravessadas pelos afetos e pelas realidades destes torcedores.

Luiz Rojo: Diferente da Verônica, o início da minha trajetória na Antropologia não passa pela Antropologia dos Esportes, do estudo dos esportes. Eu fiz a minha dissertação de mestrado, e depois a tese de doutorado, discutindo fundamentalmente a questão das amizades, esse era o meu tema central de pesquisa. No mestrado eu estudei as relações de amizade entre estudantes de Medicina, e ali eu desenvolvi um conceito de “amizade grupal”, porque até então a teoria sobre relações de amizade privilegiava os estudos, praticamente todos, lidando com sociedades ocidentais, com muito pouca discussão de amizade fora desse registro, e acabava se desenvolvendo uma noção de amizade a partir de uma relação pessoa-pessoa. Então, não se pensava a ideia da amizade para além dessas escolhas individuais, mesmo quando isso envolvia um leque de outras relações. E o que eu percebi dentro dessa pesquisa é que a ideia do grupo de amigos, a amizade que se desenvolvia dentro do grupo, era muito mais relevante para aquelas pessoas do que as relações de amizade um-a-um. Muitas vezes, fora daqueles espaços grupais praticamente não havia interação individual, dois-a-dois. Em todos os momentos, não só na universidade, - até para pensar nos caminhos e escolhas comuns - mas também nos aniversários, nos eventos sociais da vida do centro acadêmico, as relações eram

³ Clube de futebol da Argentina, fundado em 1905 que tem sua sede social e seu estádio na cidade de Avellaneda, Província de Buenos Aires.

sempre do grupo como um todo. Chegando ao ponto em que para alguém chegar ao grupo não bastava ser apresentado por uma das pessoas do grupo, mas tinha que ser incorporada ao grupo como um todo. Essas ações tornavam esse grupo com fronteiras muito bem definidas. Quando eu terminei o mestrado, tendo desenvolvido um pouco esse conceito, a minha ideia era buscar continuar esse estudo sobre amizade, mas agora em um lugar em que a ideia de grupo tivesse mais consolidada, tivesse mais afirmada. Acabei conhecendo por acaso em uma revista uma comunidade naturista no Rio Grande do Sul e que apontava muito para essa ideia dos naturistas como um grupo muito coeso, muito fechado. Fiz minha tese de doutorado lá, trabalhando novamente o conceito de amizade, mas também acabei me dando conta de que por ser uma comunidade naturista eu tinha que trabalhar com o conceito de comunidade e corporalidade. Foi a partir desses dois momentos que conheci e me aproximei da professora Simone Guedes⁴. Isso aconteceu no finalzinho do meu doutorado, por acaso em uma Reunião de Antropologia do Mercosul, na cidade de Florianópolis. Começamos a conversar sobre essa questão do esporte e ela me convidou para fazer parte de uma rede mais ampla de pesquisas. Assim, logo que terminei meu doutorado, em 2005, eu participei da minha primeira Reunião Brasileira de Antropologia, na cidade de Olinda. Ali fui trazendo, pouco a pouco, as discussões que tinha realizado sobre amizade no mestrado e no doutorado. Para além da questão das relações sociais, trabalhei com a ideia da amizade como emoção. Eu trabalho com um referencial teórico para pensar como que as narrações, os comentários, as colunas jornalísticas, em época dos jogos olímpicos, construiu o discurso sobre a identidade nacional, sobre gênero, sobre questões étnico-raciais... Então, é o meu primeiro trabalho discutindo a questão do esporte pensando, principalmente, a partir da Catherine Lutz e da Lila Abu-Lughod, duas teóricas na Antropologia das Emoções e que pensam a emoção como sendo construída no contexto em que ela está sendo vivenciada, não como uma coisa meramente interna, quase que biológica. Então, eu utilizei essa literatura para pensar o contexto dos eventos esportivos. A partir daí a relação com a Simone se aprofunda, ela vai me supervisionar no pós-doutorado e, seguindo esta minha preocupação, minha busca por esses esportes olímpicos, por não pesquisar futebol, eu acabo fazendo um projeto comparativo entre o Rio de Janeiro e Montevidéu para estudar a questão do gênero no hipismo. Principalmente motivado pelo fato de que o hipismo é o único esporte olímpico, talvez o único esporte de todos, do qual não há nenhum tipo de separação de categorias entre homens e mulheres. Todas

⁴ Simoni Lahud Guedes (1950 - 2019), antropóloga brasileira, professora da Universidade Federal Fluminense e pesquisadora da área de Antropologia do Esporte.

as provas são necessariamente mistas. Então eu fui estudar essa relação do gênero dentro do hipismo, isso acabou me motivando depois para a pesquisa posterior na vela, na qual eu vou aprofundando a questão dos debates entre sexo e gênero, a partir da noção de performance da Judith Butler, mas com uma leitura do conceito que eu sei que é muito particular. Então, eu vou pensar o quanto que essas performances, quando repetidas em determinados contextos,- dialogando com a “Catherine Lutz” e com a “Abu-Lughod” - acabam por produzir gênero. E isso eu já tinha discutido na pesquisa do hipismo quando transformo categorias nativas, como as modalidades de salto e adestramento, em categorias analíticas de gênero. Eu discuto que o salto e o adestramento seriam dois gêneros dentro do hipismo porque eles produziram performances próprias e, naquele contexto específico, independeria se era o caso de um cavaleiro ou uma amazona. Ou seja, cavaleiros e amazonas performariam uma identidade de gênero específica quando no momento do convívio ali, não apenas da prova em si, mas em todo o convívio dentro do ambiente. Na pesquisa da vela que está para ser publicada agora como livro, e que eu espero que saia já no início de 2023, eu vou trabalhar a partir do conceito que é bastante utilizado de sociabilidade, homossociabilidade e heterossociabilidade, mas eu vou transpor isso para um conceito de sociabilidade “homo gênero” e sociabilidade “hétero gênero”, ou seja, pensando e discutindo como que esses conceitos de homossociabilidade acabava reificando o sexo: homem e mulher. Um grupo de homens juntos seria uma homossociabilidade? E eu coloco: “mas se essas pessoas forem de gêneros diferentes?”. E, então, pensando novamente com a “Butler” não apenas a ideia de sexo, gênero e sexualidade, mas dois tipo de gêneros diferentes, continuaremos a falar de uma homossociabilidade? E aí eu desenvolvo o conceito de sociabilidade “homo gênero” e sociabilidade “hétero gênero” para pensar sociabilidades nos quais, por exemplo, fossem só homens, mas de gênero diferentes ou só mulheres de gêneros diferentes. Então, isso é um pouco dessa trajetória que depois fui aprofundando e comecei a desenvolver mais na vela junto com a questão da corporalidade. Para pensar a questão da identidade e corporalidade nos esportes adaptados, tive uma influência enorme ao ter sido membro da banca de doutorado da Mônica Araujo; a leitura da tese da Mônica me inspirou muito. Eu me lembro que eu saí da defesa falando “algum dia eu vou pesquisar essa questão do esporte para pessoas com deficiência”, e fiz um trabalho acompanhando a ANDEF, que é a Associação Niteroiense dos Deficientes Físicos, pensando a questão do esporte de alto rendimento. Em relação a isso, agora estou no momento inicial de uma outra pesquisa sobre políticas públicas esportivas para pessoas com deficiência e na semana que vem estarei apresentando esse trabalho na reunião da RBA.

Mônica: Vocês dois acabaram falando sobre algo que já estava previsto na entrevista, que é como vocês foram construindo as suas trajetórias rumo à Antropologia dos Esportes. Gostaríamos que vocês falassem sobre pertencimento acadêmico, sobre os grupos de pesquisa aos quais estão associados, de qual lugar estão produzindo ciência. Além disso, o que vocês pretendem pesquisar e desenvolver em um horizonte próximo?

Verônica Moreira: No meu caso, faz tempo que eu quero realizar um trabalho sobre o boxe. Idealizo isso já faz um tempo. Na RAM de Curitiba, em 2011, apresentei um trabalho sobre isso. Por diferentes motivos, não realizei esse trabalho de campo com regularidade naquele momento, mas agora estou realizando essa pesquisa com profundidade. O que acontece na Argentina é que muitas produções são sobre futebol. Daí a importância que tem em se trabalhar com outros esportes. E essas outras pesquisas estão se multiplicando para temas como corrida, golfe, dentre outros. Em uma coletânea que fizemos em 2013, há trabalhos sobre diferentes objetos de estudo, mas o futebol segue sendo o tema que mais atrai nas investigações. Então, no meu caso, quando eu terminei a minha formação, pensei “eu gostaria de trabalhar com atletas”. Ou seja, já havia trabalhado com aficionados, sócios, dirigentes, então acreditei que era o momento de trabalhar com atletas. E em um esporte que para mim era muito desconhecido. Pelo menos para mim, quanto mais estranho, melhor. Então, o fato de eu ter escolhido o boxe como um esporte para investigar tem a ver com isso, com não entender nada do que estava acontecendo no ringue.. E falando agora em dimensões, creio também que o que acontece, pelo menos junto à Universidade de Buenos Aires, no Instituto de Investigação Gino Germani da Faculdade de Ciências Sociais, é que o grupo segue sendo pequeno. Não é um grupo como eu vejo que funciona no Brasil, com grupos ou núcleos de pesquisa de diferentes universidades. Eu penso que o Brasil está muito adiantado com o tema. Por exemplo, fazem apenas cinco anos que explodiu toda a discussão sobre gênero e sexualidades aqui na Argentina. Vocês já estavam discutindo isso faz tempo. E há outra pergunta que você havia feito, Mônica...

Mônica: Sim. E quais são os seus horizontes de pesquisa daqui pra frente?

Veronica Moreira: No meu caso, e também como diretora de um projeto de investigação no Instituto, a ideia é trabalhar sobre diferentes objetos de estudo como o boxe, a corrida (running), o futebol também, e crossfit. Nesses casos, pensando no cruzamento entre corpo e gênero, que está como um tema muito presente na agenda de discussão, também em outras universidades; insisto em dizer que não tanto como

no Brasil. Há interesse em se trabalhar outras questões que não tem a ver unicamente com a violência no futebol, ainda que isso sempre esteja aí como estudo. Trabalhar com torcidas e violências ainda é uma linha de investigação muito interessante, mas, no meu caso, a ideia é diversificar o olhar para outros esportes, incluindo a discussão sobre o capacitismo e o corpo com deficiência. Para mim é um tema rico, um super tema para investigar. Isso seria como uma aspiração, como um objetivo no futuro.

Mônica: E você, Luiz?

Luiz Rojo: Primeiro, assim, eu vou só completar um pouquinho a pergunta anterior.

Mônica: Sim.

Luiz Rojo: Olhando retrospectivamente, chama a minha atenção algo que fala um pouco desse processo da implantação da Antropologia dos Esportes no Brasil. Tanto na minha dissertação de mestrado quanto na tese de doutorado, haviam partes dedicadas à questão esportiva. E esse foi o ponto de encontro para conversar com a Simone Guedes. Eu acompanhei uma semana a realização das olimpíadas regionais dos estudantes de medicina, e então fiz um capítulo sobre isso na dissertação do mestrado. Lá tem um item chamado *Mens Pulchra in Corpore Pulchro* que acabou sendo meu primeiro artigo na área de esportes, que é um item do capítulo da tese de doutorado falando sobre as práticas esportivas entre naturistas. Mas eu escrevi isso sem nenhum referencial teórico sobre esporte porque simplesmente não chegava até então aos meus ouvidos. Estava se constituindo, estava avançando. A primeira reunião da RBA com o grupo de esportes, mostra um pouco como esse processo foi ganhando corpo. E eu peguei justamente essa transição na hora que a Antropologia do Esportes está começando a se constituir de forma institucional. Respondendo mais especificamente à última pergunta, o que eu estou buscando cada vez mais agora é juntar duas paixões. Eu vivi uma paixão muito intensamente antes de mergulhar na antropologia, que foi a vida política. Em certo momento, houve uma parada quase total quando eu fui me dedicar a terminar a graduação, mestrado, doutorado, entrar na universidade, realizar as primeiras pesquisas... E recentemente, já há seis, sete anos, eu fui retomando a minha vivência política, mas até então como duas coisas muito separadas, a vida política e a vida acadêmica. E agora, escrevi um artigo, que foi publicado na revista da ALA, sobre o impacto do giro à direita na América Latina sobre a discussão dos esportes no Brasil, e também tenho discutido essa questão das políticas públicas esportivas em relação ao esporte de pessoas com deficiência. Pensando sobre isso, que foi uma das coisas que eu estava falando no Chile na outra semana, quando a gente olha hoje para

o Brasil, o reconhecemos como uma potência do esporte paralímpico, em termos de quadro de medalhas, em termos de ter medalhas em diversas modalidades, de ter uma equipe como a de futebol de pessoas com deficiência visual que rivaliza com a Argentina. É um bom tema de pesquisa, a questão do futebol né, mas o futebol de pessoas com deficiência visual é uma equipe quase que imbatível historicamente. Mas ao mesmo tempo, se você olha para as ruas, para os parques, para as praias, para os espaços públicos, é muito, muito raro você encontrar uma pessoa com deficiência praticando algum esporte. Você olha corridas de rua no Rio de Janeiro ou em outros locais, às vezes mil, duas mil, cinco mil pessoas correndo e você raramente encontra, quando encontra são duas, três pessoas, na maioria atletas que estão aproveitando aquele espaço para um treinamento específico, para alguma coisa, e não pessoas que correm como a maioria dos demais e estão ali praticando um esporte. Então, o que eu tenho me dedicado cada vez mais é pensar isso: quais são as motivações, quais são as questões políticas, sociais, culturais, corporais que envolvem essa inexistência da prática esportiva - e não diria só de lazer - de pessoas com deficiência e da inexistência de políticas públicas específicas para esse setor da população. Por exemplo, hoje, é cada vez mais impossível, felizmente, você ter projetos e atuações que excluam completamente as mulheres. É cada vez mais difícil, felizmente também, ter políticas públicas que excluam a população afro-brasileira. Agora, é completamente aceitável que você tenha políticas públicas que excluam completamente as pessoas com deficiência. Então, estamos em que momento dessas lutas sociais, dessas questões do próprio movimento nacional de pessoas com deficiência, da questão da incorporação do esporte e dessas temáticas dentro das políticas públicas brasileiras?

Agora esse é o meu eixo principal de desenvolvimento de pesquisa.

Mariane: O campo dos estudos dos esportes, especialmente na área de Antropologia, tem se expandido e se consolidado nos últimos anos, tendo em vista a publicação de um livro no Brasil dos vinte anos dos estudos da área de Antropologia dos Esportes, Lazer e outras práticas. A gente pode destacar sobretudo nesse movimento de expansão o trabalho do Conselho Latinoamericano de Ciências Sociais e a União Internacional de Antropologia e Etnologia, por exemplo. Vocês poderiam comentar como esses espaços foram sendo construídos e constituídos, e também um pouco da participação de vocês nesses lugares?

Verônica Moreira: Antes de responder a esta pergunta, eu quero destacar o Movimento Nenhuma a Menos, na Argentina, que é um movimento que denuncia o número de feminicídios no país, a partir da morte de uma jovem. Isto começou em 2015

e a temática sobre a violência de gênero explodiu logo em seguida, assim como toda uma movimentação nas ruas. Isso impactou muito como eu me entendo na academia e nas investigações. As perguntas sobre os gêneros e as sexualidades surgiram das mãos de jovens que estavam começando as suas investigações de doutorado. Isso para mim é um ato bastante revelador e muito interessante. Agora essas pessoas já estão formadas e usam as suas teses e outras produções dentro de uma agenda social e política a nível nacional.

Sobre a rede CLACSO... A CLACSO é uma rede de estudo comparativo latinoamericana e a ideia é que investigadores, investigadoras e pessoas em formação estejam em contato para discutir diversos temas e assuntos que podem ser as questões de gênero, mas também discussão sobre políticas públicas. Aliás, este canal especificamente está bastante obstruído, pois nos custa muito chegar para contribuir e realizar políticas públicas concretas sobre determinados temas. E ainda sobre esse tema da política pública, que também está presente na CLACSO, sentimos na nossa própria pele os desafios quando se trata da questão da violência no futebol. Temos muito material elaborado sobre o tema, mas tudo muito fragmentado, entende? A rede tem isto: estão presentes discussões sobre gêneros, sexualidades e políticas públicas como carro chefe e ao longo do tempo foi-se somando pessoas de diferentes países. Acredito que em 1999 foi a primeira formação do grupo de trabalho dedicado às Ciências Sociais e esportes. E eu me lembro que nesse momento eram umas quinze pessoas mais ou menos, com países como Brasil, Argentina, Equador... Bom, eram muitos poucos países. Atualmente a rede tem setenta pessoas e os seguintes países: Argentina, Brasil, Chile, Bolívia, Colômbia, Porto Rico, Cuba, Equador, México, Paraguai, Peru e Uruguai. O que eu quero dizer com isso é que podemos observar que há uma ampliação da incorporação de novos países que antigamente não participavam desses congressos que assistimos, onde se trabalha sobretudo o tema dos esportes. Ou seja, cresceu a produção a nível de outros países. E de toda maneira, eu chamo a atenção para as dificuldades, para o fato do quanto é complexo sustentar uma rede que funcione da forma como idealmente pensamos que deve funcionar. É muito complexo porque todas essas setenta pessoas estão trabalhando em pares. Algumas pessoas produziram algumas coisas como, por exemplo, o boletim dedicado à Copa América Feminina. Fizemos uma reunião na pandemia e, naquele momento, foi bom poder conectar pessoas de diferentes países e ter diálogos muito enriquecedores. Fizemos dois bate-papos muito interessantes: um sobre a formação de futebolistas e outro em que discutimos raça. Eu acho que a CLACSO, sendo um conselho latino americano, possui uma abertura para trabalhar a questão da raça, do racismo no esporte. Bem... Há outras atividades que podem ser

feitas como, por exemplo, o lançamento de boletins. Já a publicação de livros é um trabalho que demanda mais tempo e esforço. Temos essas reuniões para discutir assuntos pontuais, mas não podemos fazer muito mais por uma questão de tempo.

Luiz Rojo: Bom, Verônica acabou focando bem nesse debate, até porque ela está na coordenação do nosso grupo da CLACSO. Eu acho que esse processo realmente é muito difícil porque construir conexões da forma como a gente trabalha, de forma muito isolada...Ou seja, acho que a gente ainda não conseguiu, pelo menos que eu saiba, produzir projetos mais comparativos, que é um salto que a gente tem que dar em equipe. Pensar como que nós podemos trabalhar em equipe para além dos encontros, dos boletins, dos livros, dos eventos. É um desafio que está posto. É bom quando a gente tem desafios pois temos mais coisas a enfrentar. E do ponto de vista da IUAES é um processo semelhante. Conversando isso algumas vezes com a Simone, a gente falava muito sobre a importância desses projetos de internacionalização. Tanto a Simone quanto o Pablo Alabarces fizeram esse trabalho forte da consolidação dos estudos sobre esportes na América Latina. E, foi como a Verônica falou, desde 98, 99, não lembro exatamente o ano, houve a iniciativa do Pablo desse grupo da CLACSO e daí pra frente as viagens que fizeram juntos para a Colômbia, México e em lugares para participarem de eventos.

E agora eu me lembro de outro momento, de quando eu vi uma chamada de um congresso da IUAES que ia ter em Dubrovnik, na Croácia. Achei interessantíssimo e falei “poxa, nunca fui à Croácia!” e era aquele momento da vida em que, (ai que saudade!), a gente mandava um pedido de passagem, e de hospedagem, e de diária e vinha tudo. Passagem aérea, diária, hospedagem, inscrição... Tinha dinheiro para a gente investir em ciência, tecnologia, tinha dinheiro para a gente investir nessa parte, e eu acho que isso impulsionou muito a nossa possibilidade de avançar a nível internacional. Eu fui para aquele congresso e tinha lá o grupo formado sobre esportes. Ainda não havia um grupo organizado na IUAES, mas havia um grupo de trabalho. Quando cheguei lá eu tive uma surpresa gigantesca porque eram três sessões de trabalho, com quinze trabalhos no total. E tinham dois trabalhos, o meu e o de um doutorando da Finlândia... O dele sobre Maratonas Solidárias, sobre as pessoas se engajavam para arrecadar fundos para eventos específicos. Os nossos dois eram os únicos trabalhos de Antropologia Cultural. O resto era tudo Antropologia Física. “O impacto da lesão não sei o que...”, parecia que eu estava voltando ao mestrado assistindo aulas de anatomia, aquela coisa que eu acompanhei lá no trabalho de campo do mestrado. E eu lembro que a gente conversou, este finlandês e eu, e saímos de lá horrorizados pois ninguém

fez pergunta para a gente, a gente não fez pergunta para ninguém, a não ser eu perguntar do trabalho dele e ele perguntar do meu. Não tinha nem ponte de contato. A gente ficou conversando sobre isso e, eu lembro que estava a Carmen Rial e a Miriam Grossi no congresso, elas já estavam à frente da IUAES participando ativamente, e elas me estimularam para “meter a mão nesta cumbuca”. Já no Congresso do Canadá, eu fiz uma proposta de grupo, eu comecei a conversar com todo mundo que estava, mandei e-mail e falei: “vamos construir o grupo dentro da IUAES”. Bem na cara e na coragem fomos construindo. O Jérôme Soldani, da França, teve um papel fundamental de abrir o campo também na Europa, de trazer mais gente; Mariane Pisani participou depois aqui em Santa Catarina, uma série de pessoas foram se agregando. Se a Verônica fala da dificuldade da CLACSO, na IUAES a dificuldade é muito maior porque é um campo mundial. Hoje felizmente já tem gente dos cinco continentes, mas você imagina juntar pessoas dos Estados Unidos, da África do Sul, do Quênia, da Índia, da Indonésia, do Japão, da Europa, da América do Sul, é uma loucura e ainda não está totalmente consolidado. Agora teremos o congresso na Índia, estamos trabalhando para isso e vai ser um momento muito delicado de passagem de bastão. Eu estarei saindo da coordenação, termino este meu mandato, o Jérôme irá continuar tendo uma pessoa o acompanhando, da República Tcheca, mas estaremos fazendo essa passagem e aí conseguindo avançar, mas é um processo lento, é um processo difícil porque envolve uma quantidade absurda de países, de momentos e de ritmos diferentes, de produção, de redes e de contatos dentro desse campo. Mas eu acho que é um desafio que estamos conseguindo colocar em movimento. Espero que para os próximos anos mais gente do Brasil se junte, mais gente da América Latina se junte para ocupar efetivamente esse espaço da IUAES que é uma conexão muito importante para gente.

Verônica Moreira: Perdão. E de que temas tratam? Já sei que devem ser muito variados mas, que tipo de problemática colocam?

Luiz Rojo: Nós sabemos - até em função do que já relatei sobre o congresso na Croácia - que alguns países a Antropologia do Esporte está muito vinculada à Antropologia da Saúde, à Antropologia Física, e uma das questões que nós colocamos é que nós não queremos ser um grupo de Antropologia Cultural dos Esportes. A gente nasceu assim, mas já incorporamos um indiano que trabalha, diria, na fronteira entre a Antropologia Cultural e a Antropologia Física. Então, a ideia é buscar ampliar ainda mais para poder ver esses diálogos, ver o que cada lado contribui, o que é difícil porque torna essa agenda ainda mais complexa. É uma infinidade tão grande de temáticas, Verônica...

Verônica Moreira: Sim, é difícil sistematizar porque está em processo. O que ocorre na

CLACSO é que temos um perfil construído com foco no debate das desigualdades, justamente de norte a norte, e, a partir daí, nos organizamos sobre alguns assuntos como a desigualdade de gênero, a violência, políticas públicas. Há temas que norteiam e esse processo tem sido muito interessante. Por outro lado, tem toda uma dificuldade para lidar com as diferentes realidades, por exemplo, como abordar o racismo no Brasil, que é distinto da Bolívia, da Argentina,...

Luiz Rojo: Há que se pensar que a CLACSO já tem uma história de vinte e três anos discutindo a questão do esporte. Nós somos descendentes, de descendentes, de descendentes do Pablo, da Simone, então isso já tem uma história, uma trajetória. No caso da IUAES, nós temos quatro anos de história. Então, é um movimento ainda muito embrionário que eu espero que vá se consolidar, mas que ainda é passo a passo.

Verônica Moreira: Acredito que, se for pensar na pandemia, não há tanto diálogo na atualidade talvez porque não pudemos nos reunir presencialmente e continuar com as reuniões que para mim são um clássico do intercâmbio. Pontualmente, falo da RAM. A “RAM” começou, creio que com a primeira reunião em 2001, em Curitiba, com a coordenação da Simone e com Arlei Damo, que foi o primeiro congresso que eu me apresentei junto com José Fassheber. Foi o primeiro em tudo. Foi o primeiro congresso, primeiro congresso internacional, e a partir daí sempre, no meu caso, participei do grupo de Esportes e depois foi sendo construído uma mesa paralela, com um tema em particular. O que sinto é que a pandemia mudou algo, que acredito que possa ser revertido. Ficou algo pendente para mim também do que disse o Luiz, na questão de uma dimensão comparativa. Creio que Simone insistiu nisso e faz tempo que há um projeto para isso, com muitas ideias, mas com o intuito de se montar, por exemplo, grupos para escreverem sobre um tema pontual, mas fazê-lo com algumas pessoas de diferentes países. É difícil, às vezes, por uma questão de tempo material que não temos. Mas, também, há outros pontos: quem nos financia, quanto dinheiro nos dão para fazermos nosso trabalho de campo e para viajar, e eu acredito que aí o contexto político incide sobre o que fazemos, nos impacta. Na Argentina, toda essa questão de discutir gênero e sexualidades estão legitimadas porque há um Ministério de Mulheres e Diversidade, há um Ministério de Esportes que tem a agenda de gênero muito presente, tudo facilita isso, um monte de produções, há mais dinheiro circulando sobre isso. Eu, como diretora de um centro de formação de Gênero e Esportes na Universidade de Buenos Aires, tenho o apoio da Secretaria Esportes da Nação. Como o Luiz já tinha comentando, de que antes tinham a possibilidade de participar de um congresso onde te davam a passagem e todo o resto e hoje isso se encontra muito limitado... Então, o

contexto político dita sim o que fazemos. Eu sempre vi que há um diálogo muito profundo, mas hoje vejo que isso diminuiu, creio eu, como produto da pandemia. A vontade é voltar a fazer os intercâmbios, então, agradeço a Mariane e Mônica por me convidar a participar disso, pois isso é o que eu entendo que temos que fazer e sair construindo entre todos. Tenho vontade de seguir estabelecendo diálogos e aprofundando os intercâmbios.

Luiz Rojo: Mariane, essa questão que você colocou me fez lembrar do dia em que eu conheci a Verônica. Não sei se a Verônica se lembra que a gente se conheceu em Buenos Aires, em uma sala da Universidade de Buenos Aires, num desses encontros que a Simone e o Pablo organizavam e que foi um grupo daqui, algumas pessoas, para Buenos Aires, para um fim de semana de conversas. Em uma sala, foi a primeira ida para um evento assim. A Simone me convidou e eu fui; tava lá Garrica, tava lá Verônica, tava lá um grupo de pessoas e eu acho que isso, esses encontros, para além dos congressos, era algo que organizava, inclusive depois com a Simone indo fazer um pós-doutorado na Argentina, com o Nicolás Cabrera que veio aqui, pra cá, com o Davi Quitian, da Colômbia, que veio fazer um pós-doutorado aqui. Então, havia mais esse intercâmbio. Assim, como disse a Verônica a pandemia realmente teve um impacto nisso, mas mesmo antes a gente já sentia um recuo por conta da questão econômica e política, ou seja, a dificuldade de verba para viajar, para fazer as coisas. E eu acho que tem uma outra questão que temos que pensar, e aí é um ponto complicado, vou fazer uma brincadeira: tinha um bloco aqui em Niterói que dizia “se melhorar, afunda” e...

Verônica Moreira: Qual é a tradução?

Luiz Rojo: “Quanto mejor...”

Verônica Moreira: “Se hunde.”

Luiz Rojo: Isso. E eu acho que uma parte disso também é fruto exatamente do nosso crescimento, do nosso sucesso. Porque quando nós éramos poucas pessoas lá em 2005, 2006, fundamentalmente Brasil, Argentina e uma pessoa daqui e uma outra pessoa de acolá era muito mais fácil se reunir, era muito mais fácil pensar projetos comuns dessa articulação. Nós tínhamos a RAM e a ABA, um congresso por ano, o que também dava encontros, mas dava tempo. Se a gente olhar a nossa agenda hoje, nós temos: todos os anos, a princípio, congresso da IUAES; a cada dois anos uma reunião da Associação Brasileira de Antropologia, acho que também lá do Congresso de Antropólogos da Argentina, uma reunião nacional; temos a reunião de Antropologia do Mercosul; temos a reunião da Associação Latinoamericana de Antropologia; então nós temos hoje uma sobrecarga de congresso. Além disso, ainda pensando que a gente praticamente não

participa da reunião de Antropologia Equatorial, como um grupo, como uma coisa organizada, e abandonamos praticamente ou totalmente a ANPOCS, no qual também pessoas da Argentina participavam, iam trocar. Se a gente pensar que em várias das nossas reuniões de antropologia do Brasil pesquisadores da Argentina vinham apresentar trabalho, e que muitos de nós íamos apresentar trabalho, olha a quantidade de congressos e eventos que nós temos. O que foi um crescimento e um fortalecimento da área também implicou, eu acho, em uma redução desses outros espaços de encontros mais próprios de sentar e debater mais profundamente, como fizemos na Argentina, acho que em 2005, 2006. Para conversar, trocar ideias e não para apresentar trabalho de quinze minutos, depois ter conferência, mesa redonda e seminário. Então, esses espaços foram se perdendo também. A gente se reúne muito, mas a gente se encontra pouco. E eu acho que a gente tem que pensar um pouco como a gente não vai abrir mão desses espaços. Como a Verónica falou - e eu concordo - , isso é importante para a visibilidade do campo, para o seu fortalecimento , mas como a gente consegue mediar? Talvez a tecnologia seja uma alternativa. Dá pra gente fazer... É ruim não ser presencial? Mas você veja, se a gente não tivesse esse espaço, como a gente estaria juntando Niterói, Teresina, Buenos Aires? Impossível! Então, usar mais a tecnologia para a gente trocar ideia e conversar, bater papo acadêmico e pensar projetos buscando recompor os espaços. Essa possibilidade que a Verônica aponta lá da Argentina, a gente espera que no Brasil a partir do ano que vem comecem a surgir essas possibilidades, de mais bolsas e mais pesquisas para que a gente possa fazer doutorado sanduíche dos nossos orientandos e das nossas orientandas, pós doutorados entre a gente. Espaços também dessa circulação, que são tão importantes, para que a gente possa ir se fortalecendo.

Verônica Moreira: Simplesmente isso do curso conseguir financiamento de alguma agência mundial, que não seja da Argentina ou do Brasil, que financie, que tenha dinheiro para essas reuniões presenciais com um dia, dois dias de discussão, de conversa, desses encontros que você menciona, que não são somente reuniões. Também vejo assim os congressos, como uma fábrica de salsichas (risos). Esta é uma metáfora aqui na Argentina para dizer quando vem uma coisa atrás da outra, e não há muito tempo para a discussão, para o diálogo, para que as coisas sejam melhor apuradas. E agora eu fico pensando nisso com pena, pois sinceramente nós perdemos essa questão do encontro, de estar de maneira presencial dialogando. Então há muito o que fazer.

Mônica: O Luiz descreveu o que viu no congresso da Croácia e só isso já daria um

artigo né (risos)... Já daria ali uma descrição bem interessante sobre os caminhos que são tomados a partir disso, uma nova realidade, uma expansão do campo que, por outro lado, traz um conjunto de desafios, uma complexidade que a gente tem que enfrentar. E o Luiz lembrando do papel da Simone e do Pablo na constituição desse campo, mas também em um espaço que transbordava. Espaço esse de diálogo, mas também um espaço de sociabilidade extra acadêmica. Isso me faz lembrar do papel do Nepess e nos eventos que eram liderado pela Leda Costa e pelo Martin Curi como, por exemplo, a visita a estádios, combinar saídas para assistir aos jogos... Essas coisas nos trazem um saudosismo em relação a essas outras atividades que tinham como horizontes, obviamente, os nossos temas de pesquisa, mas que extrapolava em termos de uma interação, da mobilização desses afetos.

Voltando para o nosso roteiro, a gente não tem como fazer uma entrevista dessa natureza sem falar do impacto da realização dos grandes eventos na cidade do Rio de Janeiro: Copa do Mundo de 2014 e depois os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016. Então, queria que vocês falassem um pouco sobre isso.

Luiz Rojo: Respondendo a partir da minha própria vivência, eu acho que sem a realização dos jogos aqui no Rio de Janeiro, diante dos Jogos Paralímpicos que é o meu foco, é pouco provável que eu pudesse desenvolver o tipo de pesquisa que eu desenvolvi sobre a questão do esporte adaptado. Não apenas porque houve visibilidade gigantesca do tema, mas porque abriu um campo de interesse sobre essa temática. Tem uma série de análises, foram escritas coletâneas, livros, artigos sobre a questão do impacto político da Copa principalmente, mas também dos Jogos Olímpicos. Eu não tenho profundas divergências com a maioria deles, mas eu lembro de ter escrito um artigo em especial no qual dialogo com o nosso querido, saudoso e amigo, Gilmar Mascarenhas que tinha um olhar muito crítico para esses mega eventos. E eu falo assim: "ok mas, não por acaso, esse olhar crítico focava na Copa do Mundo e nos Jogos Olímpicos." Em momento algum - e eu li a coletânea toda sobre o impacto dos mega eventos - há uma única citação à realização dos jogos paralímpicos e eu acho que esse evento trouxe um tipo de visibilidade. Falava-se tanto do legado, "qual o legado dos jogos?", eu digo: a visibilidade dos jogos adaptados no Brasil", pois é inegável a transformação que há pré jogos e pós jogos. Então, eu acho que esse é um tema que fala um pouco das nossas agendas. Voltando à questão feita anteriormente, sobre os conceitos utilizados... Metodologicamente, as questões que mais me impactaram foi a leitura do Magnani sobre a observação "de perto e de dentro". Acho aquele texto de uma potência, de uma riqueza fantástica, e como todo bom texto, ele permite que você

se aproprie dele para além de somente ler. E uma das coisas que eu comecei a fazer há um bom tempo é partir para as considerações do Magnani para pensar a observação de perto e de dentro como uma alternativa a observação participante. Mas não apenas para a questão urbana, do desenvolvimento, da forma como Magnani usa. Eu uso aquilo de uma forma um pouco diferente. E para pensar no que ele fala muito ali, do quanto que a dimensão urbana pouco olha para o ponto de vista das atribuições de significado nativos. E eu acho que esse olhar, do ponto de vista das pessoas que estavam ali vivenciando esses mega eventos, ainda faltou na nossa elaboração. Nós fomos de alguma forma apanhados por essa crítica aos mega eventos esportivos. Ela era importantíssima de ser feita, havia muitos aspectos indicados, mas ela conseguiu de alguma forma se impor como “a narrativa”. E de alguma forma ela prejudicou que outras narrativas pudessem aparecer porque parecia que outras narrativas poderiam legitimar a realização dos mega eventos. E o olhar crítico já tinha se colocado ali como uma vertente definitiva, podemos dizer assim. A Simone publicou um texto, tratando do recente contexto político brasileiro, no qual fala do “segundo sequestro da camisa verde e amarela”. E se ela foi sequestrada uma segunda vez é porque ela foi resgatada da primeira vez. A gente precisa de um resgate dos megaeventos esportivos, lançando outros olhares, outras perspectivas desses eventos, sem abrir mão da visão crítica. Precisamos procurar compreender o que eles significaram não apenas no macro mas, - nos apropriando do histórico e metodológico da nossa disciplina - impactos micro. Além disso, no que isto implica, em algum grau que seja, no fortalecimento da descentralização do monopólio do futebol, no suporte e na visibilidade de outras vivências e outras relações com a prática esportiva, sem contar as mudanças em relação às mídias. A maior questão que esses mega eventos trazem para a gente hoje é o reflexo inclusive sobre isso, sobre a nossa vivência, ou seja, cada um de nós deve ter percebido o quanto se tornou mais fácil publicar, mais fácil falar, o quanto dessa área ocupou um espaço, não apenas falando do nosso crescimento orgânico, mas porque o nosso crescimento orgânico enquanto grupo coincidiu com o fato de que a sociedade brasileira tava se debruçando sobre a questão do esporte como nunca se debruçou antes na vida. E para além disso, se debruçou simultaneamente sobre futebol em 2014 e sobre os esportes Olímpicos e Paralímpicos dois anos depois. Então acho que a gente é herdeiro disso, eu sempre lembro a Mônica falando que tinha um projeto de doutorado sobre dança afro, se não me engano...

Mônica: Eu mesma mudei de projeto de doutorado em função de um grande evento

esportivo.

Luiz Rojo: Isso... E aí foi assistir uma prova de natação nos jogos parapanamericanos e mudou de tema. Isso é legado dos megaeventos. A tese de doutorado da Mônica   legado dos Jogos Parapanamericanos. Se não o houvesse, talvez nós tivéssemos mais uma tese muito boa sobre dança afrobrasileira, mas não teríamos a primeira tese de doutorado da história da Antropologia Brasileira sobre qualquer tipo de modalidade adaptada. Então a gente tem que pensar também qual é o impacto, isso também merecia um artigo, sobre os megaeventos esportivos na consolidação, diversificação e ampliação do campo da Antropologia dos Esportes no Brasil.

Mônica: Então realmente a gente ficou muito refém de uma narrativa que é importante mas que foi pensada, posso estar sendo injusta, de uma maneira um pouco apressada, no sentido de dizer, de maneira muito categórica, chamar atenção apenas para os aspectos negativos como se colocássemos em jogo tudo aquilo que de positivo, de outros potenciais, a gente estivesse legitimando, de forma acrítica a realização desses eventos. E nós sabemos de todos os problemas, as questões das remoções, uma série de aspectos que foram muito complicados e que tiveram impacto concreto na vida de uma grande parte da população; ninguém está cego para isso, mas eu acho que tem outras camadas que não foram devidamente abordadas. Acho que ainda tem espaço e tempo para se fazer isso. Luiz, você começa a falar sobre isso no seu artigo sobre a questão da visibilidade como legado dos Jogos Paralímpicos, mas tem outra camada que tem a ver justamente com a produção do campo dos esportes que se amplia e diversifica.. Acho que também tem a questão da profusão de encontros, antes a gente tinha uma mesa, agora temos mais de um GT, mesas temáticas, ou seja, um aumento tem um aumento muito expressivo.

Luiz Rojo: Para mim esse foi um momento muito bom para olhar para essa trajetória e analisar um pouco. . E acho que o campo precisa disso, ocasionalmente, de fazer balanços como esse que acabamos de fazer, olhando para o que já foi feito, para as lacunas, para os ajustes possíveis, O Bordieu já dizia que a gente vai reconstruindo a memória e a significação dos eventos a partir do ponto que a gente está hoje para narrá-los, e eu acho que a gente hoje está em uma situação melhor para poder fazer essa leitura de forma mais crítica, no sentido mais amplo do termo, não crítica s  negativa, mas crítica no sentido mais amplo, mais potente do termo, sobre esses eventos e sobre a própria construção do campo. Essa entrevista ajudou muito a contar não apenas trajetórias, mas caminhos futuros para a consolidação e desenvolvimento deste campo da Antropologia dos Esportes. Então, além de ser um prazer pessoal estar com vocês,

é um prazer também intelectual estar narrando, observando, pensando sobre. E, claro, sobre o meu papel nele. Já são dezessete anos estudando na Antropologia dos Esportes. É uma trajetória né. Legal as vezes parar e olhar para ela. Tem coisa aí construída.

Mariane: Da minha parte eu só queria reiterar os agradecimentos, não só do Luiz e da Verônica, mas da Mônica também nessa parceria justamente porque no seio desse grupo das práticas esportivas que eu me constituí como Antropóloga. A primeira vez que nos encontramos eu estava apresentando um trabalho da graduação, depois do mestrado, depois do doutorado e depois como professora universitária. Então, praticamente para além das orientações das minhas professoras orientadoras, muito da antropóloga que me constitui hoje e dos meus interesses de pesquisa, nascem nestes grupos de trabalho, nessas trocas, nesse intercâmbio. A Verônica é uma parceira de trabalho maravilhosa, desde que eu a conheci a gente vai mantendo contato e a mesma coisa com Luiz, a mesma coisa com Mônica. Então eu acho que essa entrevista também é fruto de muita satisfação pessoal, de rever nessa história, dessa área, dessa temática de duas pessoas como você, Luiz, e Verônica, a consolidação e a possibilitação, a pavimentação de outras trajetórias como a minha, por exemplo.. É um prazer imenso ter estado junto com vocês três essa tarde.

Mariane da Silva Pisani
Mônica da Silva Araujo
(Orgs.)

REVISTA
ENTRERIOS

Revista do Programa de
Pós-Graduação em Antropologia da
Universidade Federal do Piauí